

INTRODUÇÃO

O que me trouxe a este trabalho foi a busca ligada à pesquisa em Psicologia da Paz, assunto que tem tomado minha atenção nos últimos anos. Entendo que chegou o momento da Psicologia subsidiar outras áreas de conhecimento com uma visão que possa ajudar a construir a paz. Na verdade todas as áreas de conhecimento neste instante devem estar com este foco em mente, visto que, olhando para a Ecologia Humana, esta é a espécie que corre hoje enorme risco de extinção. É responsabilidade das ciências apontar saídas.

Segundo o SIPRI (Stockholm International Peace Research) no capítulo 6 do Year Book de 2002, resumido e disponível na Internet: SIPRI (2003, p.1) a despesa militar no ano de “2001 foi calculada em 839 bilhões de dólares, respondendo por 2,6% do Produto Interno Bruto Mundial”, e este número não era o real, visto que neste cálculo não estava incluído o que foi gasto depois de 11 de setembro de 2001 (SIPRI *op.cit.* p. 1) que pela imprensa vêm sendo noticiadas cifras significativas. O CENTER FOR DEFENSE INFORMATION relata que só os Estados Unidos da América gastaram 399,1 bilhões de dólares no ano de 2002, valor maior que no ano anterior. (HELLMAN do CDI, 2003)

Mais chocante tal número se torna, quando no site da ONU, no link da UNITED NATIONS COMMON SUPPLY DATABASE (UNCSD), um documento gerado pela UNITED NATION POPULATION FUND sobre o Estado da População Mundial em 2001 (UNFPA, 2003, a, p.1 e 8), declara que, “dos 6,1 bilhões de habitantes do planeta”, “1,2 bilhões se mantêm com menos de 1 dólar por dia” (UNFPA, *op.cit.*, p. 10), apesar da atividade

econômica mundial “*ser estimada em 30 trilhões de dólares*”. (UNFPA, *op.cit.*, p. 10), informa ainda que, para “*60% de 4,4 bilhões de pessoas que vivem em países em desenvolvimento faltam condições básicas de sanitário, e quase 1/3 não tem acesso a água potável, 1/4 não tem habitações adequadas, e 20% não tem acesso a modernos serviços de saúde e, além disto, 20% das crianças não vão a escola*”. O mesmo relatório noticia que a FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO) alerta para o fato da existência de países que não produzem alimento suficiente para seus habitantes (UNFPA, *op. cit.*, p.7) e registrou a existência de “*800 milhões de pessoas cronicamente desnutridas, e para 2 bilhões falta comida*”. O meio ambiente sendo atacado gera situações de mudanças climáticas, que tendem a criar vários tipos de problemas desde o aumento de chuvas e tempestades à erosão do solo, o que aumenta a morte de vida animal e vegetal, os problemas de saúde pública e o aumento de êxodo populacional, criando a condição de refugiados que migram. Em 2001 eram (UNFPA, *op.cit.*, p. 10) “*25 milhões de refugiados*”, além do que “*a cada dia 160.000 pessoas emigram da área rural para as cidades*”. No relatório da UNEFP de 2002, o número de pessoas com grave situação de baixa renda, ou seja, vivendo com menos de 2 dólares por dia, aumentou para 3 bilhões. (UNEFP, 2003, b, p.1)

Quanto à desigualdade de educação, um estudo que traça um perfil da população de estudantes em ensino básico por todas as regiões do mundo, mostra que nos países Africanos ao Sul do Saara, 60% das crianças estavam na escola primária em 2001, enquanto nos países industrializados as taxas chegam a quase 100%.(QUADRO *et al.* , 2003, p.1-5)

Outro relatório que merece ser mencionado, retratando o quadro da deturpação de valores em que nos encontramos, é o da LANDMINE MONITOR, onde é declarado que se calcula que o número de sobreviventes de minas em todo o mundo seja de 300.000, criando então, uma necessidade de 300 milhões de dólares para apoio desta população. E, enquanto isto, o dinheiro angariado pela comunidade internacional não é suficiente e, para agravar, também não é aprovado o Tratado de Proibição de Minas. (LANDMINE MONITOR, 2003, p. 6)

Existem 193 países no mundo, (GeoVol, 2003) o mesmo número é citado pela FUNDAÇÃO DO CONSELHO NACIONAL DE DEFESA, 59 deles têm sérios conflitos, envolvendo questões de separacionismo étnico, violência policial contra traficantes ou ainda graves tensões devido a questões religiosas, ou como acontece na Nova Guiné, distúrbios causados pela intenção de diminuir o tamanho das forças armadas. (SKORNECK, 2003)

É importante considerar que houve um grande aumento do número de conflitos no mundo nas últimas décadas. Embora não esteja exposto no quadro que se segue, no entanto ele faz um demonstrativo da agressividade que assolou o mundo em clara progressão, parecendo que quanto mais conhecimento foi adquirido, menos entendimento aconteceu, porém, mais tecnologia de guerra foi desenvolvida. (Q. WRIGHT *apud*. FROMM, 1973, p.291)

<i>ANOS</i>	<i>NÚMERO DE BATALHAS</i>
<i>1480 – 1499</i>	<i>9</i>
<i>1500 - 1599</i>	<i>87</i>

1600 – 1699	239
1700 – 1799	781
1800 – 1899	651
1900 – 1940	892

FROMM (*Ibid.*) depois de expor tal quadro, procura demonstrar que é falaciosa a idéia de que a destrutividade humana remonta à condição instintiva da espécie. Refuta a afirmação de autores que interpretaram a lógica de que se o homem civilizado é acossado por tal estado bélico, é porque nos primeiros tempos da humanidade a situação era muito pior. O quadro exposto acima mostra de maneira incontestável que isto não é verdade. Algo aconteceu na nossa evolução que vem fazendo um desvio acelerado nos últimos tempos, e que coincide, como veremos ao longo deste trabalho, com o desenvolvimento da função PENSAMENTO, sem que se impute a função mesma, a destrutividade, mas sim a formulação de lógicas que se criaram dirigidas para a competitividade e outras lógicas que vêm demonstrando uma expressiva falta de valorização da vida.

Expondo a importância da preocupação com este tema, Fromm (1962, p. 190) escreve “Uma Proposta para a Paz”, que inclui como viga mestra o “*desarmamento universal controlado*”. O que chama a atenção é que este capítulo trata de assuntos que são atuais, demonstrando como o descuido relativo à tomada de atitudes sensatas vem conduzindo o mundo a questões cruciais, como vivemos na atualidade e que já haviam sido desenhadas por este autor, naquele tempo. Novamente fica claro que quem se debruça a observar a alma humana pode contribuir, e muito, para uma cooperação de maior abrangência para a humanidade.

Entendo que algo se enluta quando os da nossa espécie têm sua vida ceifada pela destrutividade de um dos seus pares. Este assunto tem sido motivo de aulas em grupos de estudos e simpósios onde é comum ouvir o comentário de que o homem “sempre foi assim, e sempre será”.

Intrigava-me a idéia de que o ser humano só pudesse ver a si mesmo preso a um paradigma temporal, onde havia um tal determinismo fatalista, pois o que estes comentários faziam-me concluir, é que era difícil pensar o homem não consumista, predador desmesurado e antiético com o qual nos deparamos ao observar muitos dos males que sofremos na sociedade moderna.

Procurei entre os parâmetros que me eram familiares para uma compreensão deste fato, e percebi que a avaliação do “sempre” era baseada no “hoje”, e na verdade só estavam pensando no tempo humano como uma repetição contínua de comportamentos apenas tecnologicamente sofisticados. Esta era uma visão que ouvia também no consultório, afinal, a violência faz parte de tramas do cotidiano em uma grande cidade.

O impasse estava ali como uma goteira que não pára. Como terapeuta acredito na evolução da humanidade. Tentando chegar a algo que norteasse uma saída de compreensão, pensei na Humanidade como um ser cuja evolução vem se dando através do desenvolvimento sucessivo das funções psíquicas, tal como Jung formulou no seu: “Tipos Psicológicos” em 1920.

O homem existe a, aproximadamente, 4 milhões de anos na Terra, durante a maior parte deste tempo esteve numa situação algo acima dos

demais bípedes, devido ao uso de seu polegar. Claro que seu cérebro mais e mais foi se diferenciando, e ele desenvolveu sua primeira função psíquica que dentro de uma tipologia Junguiana, foi a SENSACÃO, como a definiu:

“... a função dos sentidos ela seria o que os psicólogos franceses chamam ‘la fonction du réel’, a soma total de minhas percepções de fatos externos, vindas até mim por meio dos sentidos. Dentro desta concepção, a denominação dos franceses me parece ter sido totalmente feliz. A sensação me diz que alguma coisa é; não exprime o que é, nem qualquer outra particularidade da coisa em questão”. (JUNG, 1998, p. 30)

As sociedades primevas ampliaram ao requinte todos os sentidos, por certo esta sensibilidade garantiu a sobrevivência. Aqueles que percebiam como hábeis rastreadores salvavam a si mesmos e aos seus grupos. A audição aguda que percebia tropéis a incríveis distâncias, as percepções de sismos e de fenômenos meteorológicos que podem passar despercebidos aos cientistas atuais, mesmo com seus equipamentos, denotam uma acurada SENSACÃO.

Ao entrevistar pessoas que tiveram contato com índios (e eu mesma tive) verificou-se que a percepção deles é extremamente apurada, porém, não só, pois eles são capazes de perceber as sincronicidades.

“Emprego, pois, aqui, o conceito geral de sincronicidade, no sentido especial de coincidência, no tempo, de dois ou vários eventos, sem relação causal mas com o mesmo conteúdo significativo, em contraste com ‘sincronismo’, cujo significado é apenas o de ocorrência simultânea de dois fenômenos”. (JUNG, 1984, p. 459)

As intuições estão presentes, mais marcadamente na figura do pagé, ou do xamã.

Sobre o sentimento encontramos alguns dos testemunhos de tempos antigos. Ao observarmos as pinturas rupestres em Hindley, (1982, p. 11) notamos bisões no teto da Caverna de Altamira, na Espanha, pintada a cerca de 20.000 anos, retratando alguma escolha, o que em si fala de valor, portanto, fala de SENTIMENTO. Os sábios de algumas tribos, justo as que tinham uma relação harmônica com a natureza (o que já nos faz perceber a relação sentimento e ecologia), lidam com esta função como atesta Jung, (1984, p. 360): *“Os índios Pueblos, porém, me diziam que os americanos eram loucos, porque pensavam que suas idéias se achavam na cabeça, ao passo que toda pessoa de juízo sadio pensa com o coração”*.

Enfim, ao alvorecer da espécie humana, todas as funções estavam lá, caso contrário, os diversos utensílios, como vemos em museus, e em tribos atuais, jamais teriam sido criados, donde o pensamento se fazia presente. A questão é a dominância de uma função no plano coletivo. O pensamento era perceptível, só que pouco desenvolvido, como foi observado por Jung em trabalho de estudo antropológico, lidando com tribos primitivas, que informavam um estado de quase ausência do pensamento. Sobre tal experiência, um chefe índio disse a Jung (1986, p. 316): *“Oh, meu irmão, jamais conhecerás a ventura de nada pensar e nada fazer; isto, depois do sono, é a maior felicidade. Assim éramos antes de nascer, assim seremos depois da morte”*.

Milhares de anos se passaram e em certos locais civilizações prodigiosas surgiram como: Incas, Maias, Etruscos, Astecas, Egípcios.

Todas desaparecidas, algumas deixaram mais que traços, enigmas ou demonstrações da não linearidade evolutiva.

Fato é que numa porção significativa da humanidade, onde a função SENSACÃO foi se aperfeiçoando, a população tornou-se mais numerosa a ponto de se agrupar e criar pequenas cidades.

Maiores agrupamentos careciam de maiores necessidades, a questão de sobreviver passou a ser, entre outras coisas, dependente do saber se organizar. Surgiram melhores utensílios, maiores meios de produção, as ciências desabrocharam, e o pensamento como função que as estrutura e é por elas estruturado, começava a se desenvolver.

De modo sintético, o que foi chamado de PENSAMENTO por Jung (1998, p. 30): *“Na sua forma mais simples o pensamento exprime o que uma coisa é. Dá nome a essa coisa junta-lhe um conceito, pois pensar é perceber e julgar”*.

Séculos, milênios transcorreram-se e acabou por haver o pico da razão na Revolução Industrial, e daí em diante esta função entrou numa espiral ascendente. Chegamos à equação sobre energia $E= mc^2$ que, segundo Maluf:

“A partir do lado esquerdo, o mistério da criação –energia se metamorfoseando na matéria; energia como a outra face da matéria”; A partir do lado direito, a hecatombe do artefato nuclear –matéria se metamorfoseando em energia; matéria como a outra face da energia: a cultura do aniquilamento total. Companheira da humanidade desde Hiroshima...”. (MALUF, 2002. p.17)

Pertence à mesma vertente de observação de Jung (1978, p. 463): *“Quando OPPENHEIMER viu o primeiro teste da bomba atômica,*

ocorreram-lhe as palavras do BHAGAD-GITÁ: 'Mais ofuscante do que mil sóis'". Curioso é que o cientista conhecia o texto sagrado, porém só veio a realizar a significação do seu ato depois. Mas, além dos danos às duas cidades japonesas, a consequência foi o início de uma corrida armamentista. Ela tornou-se o pesadelo de gerações cuja juventude passou a ter além das habituais questões de outros tempos, a pergunta: Será que amanhã vou estar vivo, ou uma bomba vai explodir? E as consequências foram a sucessão de jovens com sentimento imediatista extremo, portanto, falta de impulso para planejamento de futuro, e não tolerância a frustração. Como passo seguinte, fácil imaginar a pandemia de drogadição, que ainda que seja um problema complexo, tem como elemento importante esta questão.

A humanidade tem caminhos de escolha, que requerem reflexão, e pode andar no sentido do desarmamento e da ética. Pode também lembrar que existem recursos para melhorar a vida de todos no planeta. Em Luzes (2001, a, p. 1) *“O Programa de desenvolvimento da ONU vem mostrando que 3% a 10% das despesas com gastos militares feitos pelos países mudaria drasticamente a condição de pobreza do planeta”.*

O pensamento em seu desenvolvimento extremo criou de um lado avanços tecnológicos que seriam sonhos há muito pouco tempo atrás, e do outro lado, uma dualidade cruel onde a vida como valor humano tornou-se banalizada por estatísticas cuja veracidade é muitas vezes questionável.

“Com o primado do pensamento, dirigido para a morte, pois vemos uma economia aonde a maior parte dos países reservam os mais poupados orçamentos comprometidos com armamentos que eufemisticamente chamam de defesa. Quando de fato esta palavra se aplicaria à educação, saúde, prosperidade do povo, qualidade de vida, mas isto implicaria em valores e não em leis e regras de

uma sociedade que permanece feudal com distribuição de renda arbitrária, não ética. Esta estrutura realizou em números oficiais 2000 testes nucleares, criou uma série de condições que geraram desequilíbrios ecológicos, e da condição humana então, nem se fala”. (LUZES, 2001, b, p. 61)

Diria que neste momento repete-se a exigência da humanidade de fazer a passagem para a aquisição de uma nova função, como no passado foi imperioso desenvolver o PENSAMENTO para poder sobreviver. Agora é desenvolver o SENTIMENTO para continuarmos a habitar este planeta. Nossa cultura pode ser representada por uma metáfora: de uma figura, sentada num galho de árvore estando a serrá-lo. Não faz o menor sentido lógico, não cuidar do solo em que vivemos, do ar que respiramos, e do nosso semelhante, criando tal condição de desigualdade, que ele se torne nosso maior “inimigo natural”.

A função SENTIMENTO é nossa única saída, isto já era sabido pelo meio científico que ajudou a nos conduzir a este impasse, pois o pai da Relatividade declarou:

“Nós cientistas acreditamos que o que nós e nossos semelhantes fizermos ou deixarmos de fazer nos próximos anos irá determinar o destino de nossa civilização. E consideramos nosso dever explicar incansavelmente esta verdade, ajudar as pessoas a perceber tudo o que está em jogo, e trabalhar não por um apaziguamento, mas por uma compreensão e um entendimento definitivo entre povos e nações de concepções diferentes”. (EINSTEIN , 1984, p. 214 e 215)

Compreender, é a palavra-chave que se impõe aos cientistas de hoje, já não vivemos na época dos porquês. Chegamos a um tal compromisso ético com a humanidade, que só nos resta ajudar a desenvolver uma nova diretriz para o entendimento e a compreensão entre os povos, como disse Jung

apud.McGuire & Hull (1977, p. 36): “*Eu estudo o indivíduo para entender a raça, e a raça, para entender o indivíduo*” .

Esta é a proposta deste estudo, percorrer os passos evolutivos da espécie humana, olhando-a como um ser que foi adquirindo algo mais, para melhor viver. Entender as funções psíquicas que Jung descreveu como talentos que se desenvolveram na humanidade.

No primeiro capítulo tratarei da SENSACÃO, e de como se caracteriza esta tipologia. Depois demonstrarei sua observação pelos materiais expostos com o que nos contam os arqueólogos e antropólogos, demonstrando a dominância desta função nas sociedades na aurora da humanidade. Num terceiro tópico serão desenvolvidas algumas análises demonstrativas de como podemos reconhecer países que têm sua cultura ditada por esta tipologia. Pois, existem, tal como pessoas, nações onde a função dominante é a SENSACÃO. Isto ajuda a melhor compreender outros povos. Sabemos que o uso da tipologia Junguiana em empresas tem ajudado muito no entendimento das diferenças, resultando numa melhor parceria. Penso que o entendimento da função como estrutura dominante em determinados povos nos ajudará a dar subsídios para melhores diálogos, e menos preconceitos.

No capítulo 2 tratarei do PENSAMENTO, esta função que nos elevou a condições de realizar criações fantásticas, o que permitiu o olhar humano receber a sua característica de infinitude, assim como o poder de transformar situações. Relatarei menos extensamente, do que na função SENSACÃO, culturas que têm como dominantemente esta função. No terceiro tópico farei uma mínima sinopse sobre como vejo que ocorreu o desenvolvimento da

função PENSAMENTO. No quarto tópico, falarei das pedagogias que ajudaram a fortificá-la, que tiveram seus méritos para este resultado.

A expansão do PENSAMENTO levou o ser humano da condição de indivíduo que contemplava o cosmo infinito, para ser o que se levanta e vai passear neste cosmo, que vai descobrir o infinito mesmo dentro de si, que se dá o direito de sonhar muito alto, pois sabe realizar tais sonhos.

O homem com o PENSAMENTO passou a crer em si, pena que só em si, não incluindo seus semelhantes. E foi aí que criou seu impasse vital. A função SENTIMENTO é aquela que permeia a condição de relacionar-se, é a função que me liga, me conecta ao outro, não é possível sentir sem que do outro lado tenha um ser. Enfim, sentimento é uma atividade que nos faz olhar o outro. Segundo JUNG *apud* McGuire & Hull (1977, p. 157), *“Uma pessoa está sempre no escuro a respeito de sua própria personalidade. Ela precisa de outros para travar conhecimento consigo mesma.....”*.

Até hoje as ciências vêm colocando seus objetos de estudo tão autônomos que saem até de seus habitats naturais. Exemplo disto encontramos na medicina tão especializada, que já não se trata o ser humano com um problema no fígado, mas um fígado, puro e simplesmente, como parte independente do corpo ao qual pertence. Como se não fosse um órgão que se conecta com o sangue, que se conecta com as demais funções digestivas, e mais remotamente ainda, que está dentro de um ser que sente. Fica curioso pensar que os egípcios relacionavam este órgão com o sentimento.

Imagine pensar numa medicina que relaciona todos os órgãos com o processo de vida interior de um indivíduo! Não se medicar algo, mas passar a tratar de alguém. Pois é este o impasse da medicina de hoje, e se olharmos bem, este é o impasse para a evolução de qualquer ciência. Estamos descobrindo que vivemos num mundo muito habitado por humanos. Eles estão por toda parte, é preciso conhecê-los. Relacionar-se é ver-se. Nos vemos com os olhos do coração (um intransplantável), é a nossa única saída neste momento para que a espécie sobreviva.

O capítulo 3 tratará do SENTIMENTO, esta função nascente no apagar das luzes do século passado, quando a ordem social, política, científica começou a, no mínimo, questionar sobre a ética (função de valor), já que não se pode tratar de ética, sem ponderar com o SENTIMENTO. Num segundo tópico falarei dos países cujas culturas têm a função SENTIMENTO como dominante. No terceiro tópico tratarei dos indícios desta função hoje no mundo. E no quarto tópico levantarei a grande questão, da necessidade de se criar uma pedagogia voltada para desenvolver coletivamente o SENTIMENTO.

No meu entendimento cabe à psicologia criar uma fundamentação reflexiva que dê à pedagogia a direção do que precisa ser tratado. E aqui sobressai a importância do conhecimento hoje adquirido sobre psicologia pré-natal. A clínica nos informa que é neste tempo que a educação começa. Não podemos mais descuidar de que seres humanos nasçam em melhores condições para que sejam pessoas menos violentas e que tenham condições básicas de amor próprio. Primeiro passo para o amor ao próximo.

Neste momento uma observação é necessária. Estou usando muito os verbos na primeira pessoa, coisa inusitada para uma dissertação, mas desta maneira pretendo fazer sentir ao leitor a subjetividade explícita. Sabemos que ela sempre esteve presente nos livros de filosofia e nos mais insuspeitos livros sobre ciências exatas. A subjetividade é questão obrigatória hoje em qualquer estudo epistemológico que se queira fazer. Assim, começo este trabalho com a nova liberdade que o sentimento consciente me confere, que é a de assumir a epistemologia do subjetivo para falar de algo que não dispensa esta condição para poder se enunciar.

Também ao andar por disciplinas como história, história das artes, história da vida cotidiana, história das descobertas, psicologia perinatal, pedagogia, psicologia junguiana, usarei a visão interdisciplinar até porque ela é nossa única possibilidade de entendimento. Não podemos, neste momento crítico em que a humanidade atravessa, dar-nos mais ao luxo de separar nada. A transdisciplinaridade impõe-se-nos como recurso de sobrevivência. Somos como o viajante na terra acidentada, a quem será necessário valer-se de toda bagagem de conhecimento que tem para fazer sua travessia. A transdisciplinaridade foi imposta por mera questão de sobrevivência a todos nós, e é por isto que tem tomado força, nem sempre adequadamente, como observam os cientistas abaixo:

“Devemos aprender, não mais a julgar a população dos saberes, das práticas, das culturas produzidas pelas sociedades humanas, mas a cruzá-los, a estabelecer entre eles comunicações inéditas que nos coloquem em condições de fazer face às exigências sem precedentes da nossa época”. (PRIGONINE e STENGERS, 1984, p. 225)

Mas nada que é como um primeiro passo, pode ser eficiente. Teremos tropeços, por certo, mas não podemos nos esquivar de continuar a unir o que

levamos séculos separando até atingirmos o auge de miopia existencial, que impede de nos vermos uns aos outros, e até de percebermos quão grave é nossa situação como espécie.

Não é à toa que a peste de nosso tempo é a AIDS, ela simboliza coletivamente uma civilização imunossuprimida, que se recusa a cuidar de si mesma, outorgando a um vírus letal o comando do corpo. E o modo que ainda sabemos para tratarmos é baixando a virulência do agressor, e aí diminuimos mais ainda nossas defesas. Não há como nos furtarmos de lembrar que esta estratégia nos é familiar no modo como neste lado do mundo lidamos com questões macroeconômicas.

Pois é isto, tudo está interligado nesta dança de isomorfos. Podemos mudar de assunto assim, e ainda estaremos falando do mesmo assunto, nós.

No capítulo 4 apresentarei as CONCLUSÕES, que mais serão sugestões para refletirmos, pois este é o propósito da dissertação, criar um substrato de reflexão para ajudarmos como cientistas ao trabalho de parto da função SENTIMENTO no mundo.

Necessitamos compreender a extensão da nossa impotência, para entendermos o que nos cabe fazer. A paz é assunto demasiado importante, para que cada cidadão delegue a pessoas, que muitas vezes foram legitimamente eleitas, porém com maiores compromissos com os indivíduos que financiaram suas campanhas. A paz é uma questão de cidadania em primeiro lugar. Reforça este ponto de vista a posição que:

“Segundo todas as aparências, os estadistas atualmente no poder têm por objetivo estabelecer de modo duradouro uma paz sólida. Mas o incessante aumento das armas prova claramente que estes

estadistas não têm peso diante das potências criminosas que só querem preparar a guerra. Continuo inabalável neste ponto: a solução está no povo, somente no povo. Se os povos quiserem escapar da escravidão abjeta do serviço militar, têm de se pronunciar categoricamente pelo desarmamento geral. Enquanto existirem exércitos, cada conflito delicado se arrisca a levar à guerra. Um pacifismo que só ataque às políticas de armas dos Estados é impotente e permanece impotente”. (EINSTEIN, 1981, p. 70 a 71)

Muitas vozes vêm se levantando desde o século passado, já enfocando a importância de uma educação para a paz, entre filósofos, pedagogos, instituições internacionais. De muitos lugares surgiram aos milhares. Especialmente ao apagar das luzes do século XX houve uma grande intensificação de publicações e criação de instituições de ensino já voltadas para este tema.

Pessoas que marcaram nosso tempo com idéias e ações exemplares, deixaram testemunhos que embasam fundamentos de uma educação para a paz. É o caso da conclusão exposta por Gandhi (1982, p. 55) *“A força gerada pela não-violência é infinitamente maior de que a força de todas as armas inventadas pela engenhosidade do homem”*. Isto já nos dá uma certa dimensão da força que a consciência humana é capaz de exercer. Ainda em Gandhi *apud Privat*, (1993, p. 69): *“Se não aprenderdes a respeitar a não-violência em pensamento, palavra e ação, ainda que provocados, é inútil sonhar com um movimento de massa, e devemos renunciar a ele”*.

De pronto percebemos que uma educação para a paz, só pode ser a que vise o aumento da consciência como um todo, e não o intelecto, que é uma parcela pequena, como veremos neste trabalho, no ser humano. E

também podemos considerar que a mudança da grande coletividade, com conseqüente desenvolvimento de novas maneiras de ser e viver, dependerá do desenvolvimento individual de uma estrutura de consciência, que a humanidade nunca teve. Este é o desafio, devendo ser necessário considerar novas maneiras de educar que sejam disseminadas pelo mundo. A nova educação trará a garantia de sobrevivência da espécie.

De algum modo sente-se pelo mundo a necessidade de mudar o ensino, de maneira a fazer face além da questão básica da paz, da possibilidade do ser humano buscar sua inteireza, assim Morin, fala que deve haver uma adequação das disciplinas científicas e humanas, às finalidades educativas que ele entende como fundamentais quais sejam:

“1) formar espíritos capazes de organizar seus conhecimentos em vez de armazená-los por acumulação de saberes (‘Antes uma cabeça bem-feita que uma cabeça muito cheia’, Montaigne); 2) ensinar a condição humana (‘Nosso verdadeiro estudo é a condição humana’, Rousseau, Émile); 3) ensinar a viver (‘Viver é o ofício que lhe quero ensinar’, Émile); 4) refazer uma escola de cidadania”. (MORIN, 1999, p.. 18)

A educação que precisa ser desenvolvida é a de um novo ser humano que não carregue tão fortemente o traço da destrutividade, quanto o que hoje vemos, que consiga um desarmamento, que olhe outros seres como quem olha seus melhores amigos, e não seus competidores. Concluir que a competição que tem sido posta como “saudável” gerou a cultura de acúmulo de bens e a indiferença para com o próximo.

“ ...Entre o regime político de determinada sociedade e o sistema educacional nela vigente a relação não é de mera causalidade. Mesmo que não seja colocada explicitamente, a educação tem sempre um papel político”. (WALLON apud GALVÃO, 1995, p. 93)

Quais são os novos valores que precisam ser desenvolvidos? Pergunta fundamental, não dá para desconectar a educação de uma visão macro para avaliar seu resultado, ela interconecta-se com o desenvolvimento mesmo do ser humano.. Assinala Morin (2000, a, p. 111): *“Como dizem e reconhecem numerosos sociólogos, a sociedade é um fenômeno de autoprodução permanente”*.

Hoje, com os muitos meios de comunicação, ainda nos vemos sem informações essenciais, aquelas que aumentariam a auto-estima da população e que dignificariam o ser humano. Neste sentido um veículo que ajuda na manutenção do sentimento de impotência, e que contribui para o aumento da violência é a TV. Este fato é da maior importância, visto que ela é “parte da família” moderna, ela é um hóspede barulhento que conduz muitas vezes para a desorganização de valores. É importante chamar a atenção para este fato, porque este “ser”, hoje uma verdadeira entidade dentro dos lares, tem que ser considerado face à contribuição que tem para a manutenção dos valores vigentes na sociedade, e como tem sido um freio no processo de alavancar mudanças para a criação de novos valores. É importante a consideração que faz o psiquiatra espanhol sobre a televisão:

“Também os modernos meios informativos constituem freqüentemente uma fonte de violência. A estimulação global da violência mais enérgica exercida pelos meios informativos sobre os adultos não é devida, como habitualmente se pensa, a seus conteúdos especialmente violentos. Mas sim a outros fatores, entre os quais sobressaem a apresentação distorcida das notícias, e o sensacionalismo, a serviço dos interesses da plutocracia ou de algum grupo de pressão e a apresentação dos protagonistas da notícia, vendendo suas imagens, reportando o que ocorre, sobretudo, na televisão. Os alardes informativos de

insinceridade, a distorção da verdade, o poder oligárquico e a venda de imagem semeiam entre as pessoas uma mescla de sentimentos de desconfiança, rebeldia, impotência e hostilidade que podem desencadear erupções de violência. Os grandes meios de comunicação podem converter-se, assim, paradoxalmente, em fontes de descomunicação e violência”. (ALONSO-FERNÁNDEZ , 1986, p. 86)

Assim, ao imaginarmos uma visão de educação para a paz, temos que pensar em começar educando adultos, para isto a comunidade internacional já está atenta, tanto é que existem hoje cursos dirigidos para implemento da Paz, ligados ao Programa de Escolas Associadas da (UNESCO BRASIL,2003, p.1), cita a Constituição da UNESCO que afirma que “*se a guerra nasce na mente dos homens, pelos homens a defesa da paz deve ser constituída*” com escolas afiliadas em mais de 150 países. Esta ação das Nações Unidas visa contribuir para a transição da atual cultura de violência, para uma cultura de paz e democracia. No Brasil o projeto envolve mais de 60 escolas.

Além disto há Universidades pelo mundo oferecendo cursos de graduação e pós-graduação de Estudos da Paz. (Universities for Peace, 2003, p.1 e 2) distribuídas: “*1 no Japão, na Europa 10, nos Estados Unidos 25, 3 na América do Sul,*” pois ainda não havia sido incluída a UNIPAZ e a UCB (2003) do programa para a paz da UNESCO.

Muitos são os Simpósios e Conferências e Declarações que têm surgido nas últimas décadas para mudar ou tentar reverter a tendência de destrutividade dominante no mundo. Para citar alguns são: A Declaração de Veneza da UNESCO em 1986, onde no artigo 4:

“O ensino convencional da ciência, devido à apresentação linear dos conhecimentos, dissimula a ruptura entre a ciência contemporânea e as visões ultrapassadas do mundo. Reconhecemos a urgência da pesquisa de novos métodos de educação, capazes de levar em conta os avanços da ciência que agora se harmonizam com as grandes tradições culturais, cuja preservação e cujo estudo mais profundo parecem fundamentais. A UNESCO seria a organização adequada para a promoção de tais idéias.” (apud Di BIASE & ROCHA, 1998, p. 103)

Sucedeu a Declaração acima a Declaração de Vancouver que tratou sobre a sobrevivência no século XXI em 1989, depois a Carta de Paris em 1991, a Conferência da UNESCO de Belém, a respeito da Ecoética em 1992, a Agenda 21 citada na UNEP (2003, p.1). Este marco ocorreu no Rio de Janeiro, em 1992, que gerou um documento abrangente sobre sustentabilidade, apontando para mudanças de âmbito educacional dentre outros mais 37 assuntos. Esta agenda vem sendo implantada em vários países, em algumas localidades, no Brasil, com bom resultado. Na seqüência de documentos importantes tem o documento de Locarno enfocando análise transdisciplinar em 1997, o Mandato da UNESCO aprovado em Paris em 1999, trata de assuntos ligados à educação, a saber:

“Programas: A Educação para Todos ao Longo da Vida. As Ciências a Serviço do Desenvolvimento. Desenvolvimento Cultural: Patrimônio e Criação. Por Uma Sociedade da Comunicação e da Informação. Projeto Transdisciplinar: Por Uma Cultura de Paz”. (UNESCO BRASIL, 2003, p. 1-3)

E o último documento de expressiva importância é a CARTA DA TERRA que orienta no artigo IV: 14 – *“Integrar na educação formal e aprendizagem ao longo da vida os conhecimentos, valores e habilidades*

necessárias para um modo de vida sustentável” (CARTA DA TERRA, 2003, p.6). Foi aprovada após 8 anos de discussões em todos os continentes, envolvendo 46 países, e mais de cem mil pessoas. *“Deverá ser apresentada e assumida pela ONU em 2002 com o mesmo valor da Declaração dos Direitos Humanos”* (op. cit.,p.8). Porém, até a justa data não foi aprovada.

Face a esses acordos internacionais, hoje podemos dizer que há consenso de que a educação voltada para o valor humano (SENTIMENTO) precisa se dar.

“O velho método cartesiano de ‘dividir’ para ‘conhecer’ caducou, e a Universidade profissionalista e divisionista que conhecemos deve dar passagem para a Universidade do homem, que Soler denomina a Universidade da Síntese” (SOLER apud CREMA, 1989, p. 86)

Este trabalho pretende mostrar como a função SENTIMENTO é a função que está emergindo na consciência coletiva da humanidade, é portadora de uma nova visão de valor da vida, e por isto mesmo traz os germens da paz. Objetivo também levar a um entendimento de que na atualidade a idéia de ajudar a desenvolver o parto desta função no mundo, é o olhar para a educação, pois como diz Muller *apud* Weil (1990, p. 24) *“é nas escolas da Terra que se moldará a nova consciência, capaz de pôr um termo a toda violência”*. É deste modo que a psicologia analítica, em especial a tipologia criada por Jung, tem um papel importante na ajuda do processo de paz. Compreender como se fizeram a evolução dos talentos que estas funções representam, e poder esperar que agora, no auge da disfuncionabilidade em que se encontra a raça humana, o PENSAMENTO está começando a dar passagem para o novo talento funcional, o SENTIMENTO, portador da ética, e da chama do amor e da vida.

CAPÍTULO I

FUNÇÃO SENSACÃO

1 - CONCEITO

Jung criou uma tipologia que em uma frase poderia ser resumida, segundo síntese de GRINBERG (1997, p. 76): “*SENSACÃO: diz que algo existe, PENSAMENTO: revela o que é esse algo, SENTIMENTO: mostra o seu valor, INTUIÇÃO: indica suas possibilidades*”.

Passo agora a tratar do tipo SENSACÃO ou PERCEPÇÃO, que pode ser observado nos quadros esquemáticos que se seguem, na figura 1 e 2, correspondendo a SENSACÃO EXTROVERTIDA (1) e INTROVERTIDA (2).

Trata-se de função irracional,

“o que é ‘casual’ e ‘fortuito’,Tanto a intuição como a percepção constituem funções psicológicas que atingem sua perfeição no perceber absoluto do que acontece, efetivamente. De acordo com sua essência, têm de cingir-se, portanto, a toda possibilidade, à contingência absoluta. Logo, têm de renunciar completamente à direção racional. Considero-os, por conseguinte, funções irracionais, em contraste com o pensar e sentir. Essas funções atingem sua perfeição máxima na total coincidência com as leis racionais”. (JUNG, 1981, d, p. 531 – 532)

Como se observa na figura 1, a SENSACÃO EXTROVERTIDA tem seu foco de apercepção no objeto externo, e numa fração isto passa pela consciência, enquanto que no tipo SENSACÃO INTROVERTIDA, o foco encontra-se no subjetivo, sem deixar de passar pela consciência, às vezes tangenciando o ego.

FIGURA 1

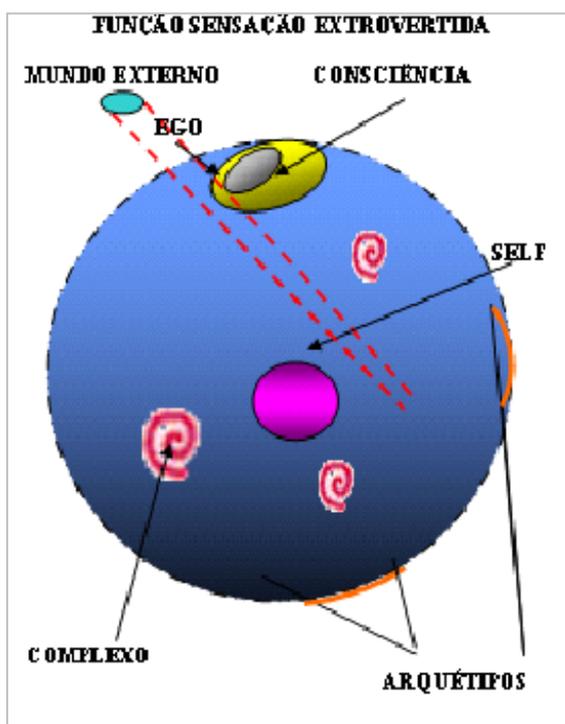
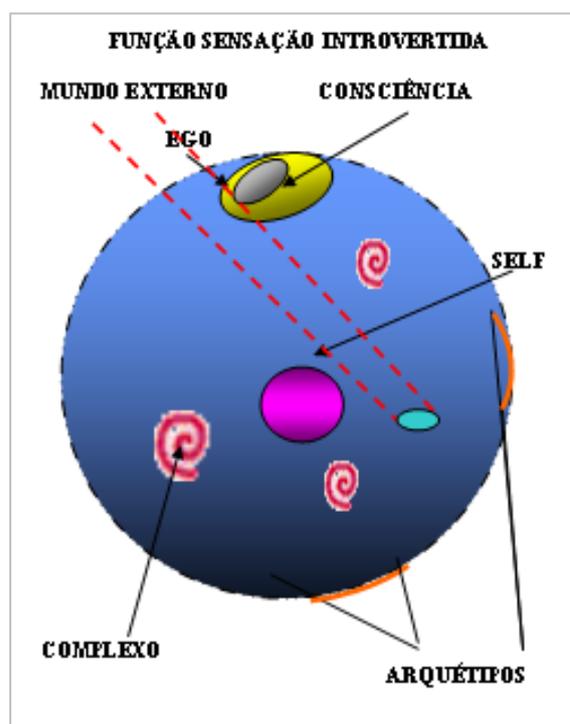


FIGURA 2



Segundo a observação do psiquiatra suíço:

“Não há tipo que se iguale ao tipo perceptivo extrovertido em realismo. O seu objetivo dos fatos está extraordinariamente desenvolvido. Acumula em sua vida experiências reais sobre o objeto concreto e quanto mais este último for destacado, tanto menos uso fará de sua experiência”. (JUNG, 1981, d, p. 423)

Sumariza JUNG:

“É a função psicológica que transmite um estímulo físico percebido... A percepção não se limita ao físico externo, mas também ao interior, isto é, às alterações que se operam nos órgãos internos...”

...A percepção caracteriza com bastante intensidade a essência da criança e do primitivo, uma vez que predomina, em todo caso, sobre o pensar e o sentir, ainda que não aconteça o mesmo, forçosamente, no tocante à intuição. Por minha parte, concebo a percepção como percepção consciente, e a intuição como percepção inconsciente. Percepção e intuição formam um par de opostos, ou duas funções, que se compensam, tal como pensar e sentir.

... A percepção, na medida em que constitui um fenômeno elementar, é algo dado, não submetido às leis da razão”. (JUNG,1981, d, p. 534 – 536)

O tipo **SENSAÇÃO EXTROVERTIDA** qualifica-se por ser quem tem um enorme dom e uma capacidade funcional altamente especializadas em sentir (no sentido de perceber). Tais indivíduos observam todas as coisas, mesmo que expostos num tempo muito curto a um lugar, são capazes de perceber detalhes deste, como objetos que estavam, cores, roupa das pessoas que lá se encontravam. Ao lhes serem dado um objeto, são capazes de em um tempo infinitamente pequeno perceber centenas, milhares, de detalhes no seu acabamento. O que os contrapõem ao tipo **INTUITIVO**, que parece ser dotado de uma certa cegueira sensorial de modo que o único sentido que lhe é desenvolvido é o olfato. Diz-se mesmo destas pessoas que elas “farejam algo”.

O tipo **SENSAÇÃO EXTROVERTIDA** tem o que Von Franz (1995, p. 40), chamou de “o melhor aparelho fotográfico” e é o mais encontrado nas profissões que exigem uma “consciência de realidade externa em todas as direções”, como é o caso dos engenheiros, estilistas, homens de negócio. Contanto que as responsabilidades dos negócios que recaiam sobre eles

sejam as administrativas. São pessoas de execução prática, mais do que de planejamento (tipo INTUIÇÃO). Percebem as texturas dos objetos, têm uma boa percepção de suas funções corporais, porém este aparato perceptivo não se traduz por ser alguém empático, (JUNG *apud.Ibid.*, p.40) “*diz que freqüentemente estes indivíduos dão a impressão de serem desalmados*”, não transmitindo sentimento, nem pensamento, caso estas funções auxiliares estejam ambas atrofiadas.

Neles a INTUIÇÃO estando completamente ausente, faz com que vejam qualquer coisa que beira um aporte intuitivo, algo como “louco”, “absurdo”, em suma, irreal. Para eles os pressentimentos e coisas similares, que não chegaram à realidade por uma via “clara”, são tidos como desagradáveis. Então, quando dentro deles a função inferior emerge, são acometidos de “maus presságios”, sempre relativos à própria pessoa, o que denuncia o egocentrismo envolvido. Por outro lado são elas que são capazes de contar as mais excêntricas histórias exóticas ou de fantasmas, numa demonstração de sua função inferior, a INTUIÇÃO INTROVERTIDA. Caso estejam alcoolizadas, cansadas, ou estando se sentindo muito à vontade, contam histórias de ficção científica em profusão. Pois as intuições reprimidas impõem sua presença bastante ativa no objeto, podendo chegar a ter um misticismo caricato. Tipos sensação¹, sempre querem concretizar as suas intuições de algum modo.

¹⁻ “*Tipos sensação extrovertida são vistos como pessoas objetivas e “pé – no-chão, freqüentemente identificados com suas carreiras. São pessoas práticas e fazem tudo da ‘maneira que deveria ser feito’. Não têm minimamente problemas de mudar seus pontos de vista, de acordo com uma nova situação que surge; para eles ‘as coisas’ são diferentes agora*”. (MEIER, 1995, p. 30)

O tipo SENSACÃO² INTROVERTIDA, na descrição de Emma Jung

apud Von Franz & Hillman (1995, p. 47), sente-se “*como se fosse uma chapa fotográfica, altamente sensível*”... “*é como se uma pedra caísse em águas profundas – a impressão cai mais fundo, mais fundo, e afunda*” . Quando alguém chega numa sala em que este tipo esteja, ele é capaz de perceber todos os detalhes de sua apresentação, roupas, gestos, assim como matizes de detalhes no mais profundo da atmosfera do ambiente, ele simplesmente os absorve. É visto como muito passivo, pois se coloca como um observador neutro, aparentando mesmo ser pouco inteligente, para reagir precisa valer-se de uma função auxiliar. A lentidão de que tais indivíduos dão impressão ocorre devido ao fato de a reação interna, que se dá rápido, caminha para o mundo da subjetividade, e a reação externa se exterioriza de maneira arrastada.

São comumente tipos calados, pouco acessíveis, podendo

²- “ *Se prestarmos bastante atenção em um homem que trabalha com percepções sensoriais, veremos que as linhas de direção dos seus olhos têm a tendência de convergir, de encontrar-se num determinado ponto; por sua vez a expressão ou o olhar de uma pessoa intuitiva apenas cobre a superfície das coisas que percebe. Ela não olha fixamente, mas globaliza os objetos num todo, e entre as muitas coisas que percebe estabelece um ponto na periferia do campo de visão, e isto constitui o pré-sentimento, ‘o hunch’, segundo os americanos. Com bastante segurança é possível dizer, a partir dos olhos de uma determinada pessoa, se ela é intuitiva ou não. É inerente ao caráter do intuitivo o não prender-se à observação de detalhes; ele sempre busca apreender a totalidade da situação, e então, repentinamente, qualquer coisa emerge da globalização. Se você pertence ao tipo sensação, é comum que observe os fatos em sua realidade imediata, mas a intuição não o orientará, devido à incompatibilidade de atuação simultânea particular às duas funções. A dificuldade está em que o princípio de uma exclui o da outra; eis por que as apresento aqui como opostos*”. (JUNG, 1998, p. 35)

freqüentemente não se fazer notar por sua aparência, não demonstram uma ostensiva atitude de se impor, porém, isto em grande escala, pode dar a impressão de frieza, indiferença.

“na presença de algo que arrebate, que entusiasme, esse tipo assume imediatamente uma neutralidade auto-suficiente, por vezes uma ponta de superioridade e de crítica que facilmente desencoraja um objeto sensível”.... “os sentimentos não são extensivos mas intensivos”. (JUNG, 1981, d, p. 451)

Devido à profundidade da percepção na SENSACÃO INTROVERTIDA, que tende a abarcar o mundo, o indivíduo pode chegar a ter uma reação heróica que surpreende seu interlocutor, que achava estar conversando com “águas tranqüilas”. Pode, por outro lado, aparecer uma tendência para dominar o ambiente, através de uma estratégia de condenação implícita, podendo ocorrer mesmo uma forma de tirania.

Se este tipo INTROVERTIDO começar a achar que percebe o que os outros pensam a seu respeito, logicamente, não de pensar infâmias, intrigas. Aí em defesa, ele mesmo cria calúnias, espiona, e faz enormes enredos, pois caso se ache numa situação de inferioridade, haverá de mudar tal tom para o de sentir-se superior. Estes podem ser alguns dos estragos causados por sua INTUIÇÃO EXTROVERTIDA INFERIOR.

O que se percebe nestes tipos é que:

“...para eles o futuro não existe, as possibilidades futuras não contam, eles estão no aqui e agora e há uma cortina de ferro na sua frente. Eles acreditam no curso da vida como se ele se mantivesse sempre o mesmo, sendo incapazes de perceber que as coisas podem mudar”. (JUNG apud. VON FRANZ & HILLMAN, 1995, p. 48)

Este tipo SENSACÃO³ INTROVERTIDA pode ser percebido na pintura, ou escrita, são aqueles escritores que descrevem longamente

detalhes de uma cena. São exemplos: CUNHA (1998) em Os Sertões e TAUNAY (2002) em Inocência.

—
3-

“ Se a sensação é introvertida acha expressão de alguma maneira, e isto é raramente o caso, será uma de natureza expressionista, visto que o objeto é substituído pela reação subjetiva. Mas se a via de expressão está ausente então a reação em si fica invisível. Como anteriormente falado, isto é freqüentemente uma consequência da separação do objeto e sujeito e a desvalorização do primeiro. Se a subjetividade corre solta pode levar a uma percepção ilusória da realidade, tais pessoas podem perceber a realidade como banal e secundária, visto que eles ‘não vêem nada nela nem atrás dela’. Por esta razão, e também porque a sensação, como função irracional, não passa pelo julgamento, tais pessoas passam por inconspícuos, a não ser que chamem a atenção a si mesmo por sua própria inconspicuidade. Normalmente porém eles parecem inofensivos se o efeito que eles têm é de criar um ambiente meio calmo. Na maneira que se comportam são divorciados da realidade, pois como já falamos, eles consideram a realidade como uma encenação ou piada de mal gosto”. (MEIER, 1995, p. 40)

CAPÍTULO I

2 . A FUNÇÃO SENSACÃO E A PRÉ-HISTÓRIA

No berço de nossa civilização, a SENSACÃO foi dominante, tal como no recém-nato. Veio conduzindo a história lentamente, pois as coisas que se passam no diapasão dela são morosas. Na verdade, os tipos SENSACÃO precisam de se estruturar para agir, pois sentem que os objetos e fatos os atropelam, mesmo sendo capazes de realizar várias coisas de uma só vez, cansam-se facilmente, pois o “assalto” dos sentidos os exaure. Procuram ritualizar coisas, o que os torna algo conservadores, de um lado, por outro precisam de novidade. E assim a aurora da humanidade percorreu milhões de anos, para chegar a possuir a atual consciência.

Achados arqueológicos datados de 25²⁴ milhões de anos demonstram

⁴ – Em períodos divididos em: “Na Era Mesozóica (Paleoceno) – 70 milhões de anos aparecem os Pró-Símios. Depois na Era Cenozóica – 40 milhões de anos os Macacos do Novo Mundo, e o Chimpanzé. Dentro desta era no Neoceno aparecem O Gibão e o Orangotango. Depois dos 10 milhões de anos, aproximando-se do período quaternário, aparece o Hominídeos e o gorila. A sucessão de hominídeos é: *Australopithecus afarensis*, (3 milhões) *Australopithecus africanus*, *Australopithecus robustus*, *Australopithecus boisei*, *Homo habilis*, *Homo erectus africano*, *Homo erectus chinês*, *Homo erectus do sudeste asiático*, *Hominídeos chineses arcaicos*, *Hominídeos africanos arcaicos*, *Hominídeos europeus com traços arcaicos*, *Hominídeos javaneses arcaicos*, *Neandertalenses (homo sapiens)*, *Homo sapiens sapiens*”. (MIDDLETON, 1993, p. 23)

a existência de seres no caminho da humanização, os antropóides. Seu principal representante é o *australopithecus* (a quem se atribui a confecção de ferramentas com pedra lascada). (TOYNBEE, 1987). Eram também herbívoros, e não pareciam ser beligerantes. (MIDDLETON, 1993). Fósseis destes antropóides também foram achados na África, e por lá viveram há 4 milhões de anos atrás, eram os *australopithecus*, que se desenvolveram por 2 milhões de anos até chegar ao *homo erectus*, ancestral do ser humano, que

emigrou entre 2 milhões e 259 mil anos atrás, da África para a Ásia e depois Europa. Há 200 mil anos surgiu o *homo sapiens* com a capacidade de linguagem e de construir artefatos. Já ritualiza a morte. (BOFF, 2001)

A consciência é sinônima de libertação, pois solta o homem do dragão urobórico primordial. Tão logo o ego se instale e se estabelece por auto-determinação como centro da consciência, cria-se então um salto de qualidade, e quebra-se o estado de *participation mystique*, que determinava um estado de sujeição única e absoluta ao inconsciente. (NEUMANN, 1995). Assim, a afirmação do primeiro homem que pode dizer “Eu sou”, é de fato o primeiro ato da história da humanidade.

Entre 30 a 40 mil anos atrás emergiu, simultaneamente em vários sítios pelo mundo, o *homo sapiens sapiens*, com grande proporção anatômica de cérebro, um rosto pequeno, dentes alinhados, e fluência de linguagem. Nós somos seus descendentes diretos. Ele se organizou em tribos, elaborou culturas em grupos (BOFF, 2001) e até desenhou sobre a morte, desde o homem de Neanderthal.

A consciência da própria morte é um marco na história da humanidade, ela surge no paleolítico, quando aparece o *homo sapiens*. O homem das cavernas de Monte Carmel (40.000 anos), de La Chapelle-aux-Saints (45.000 – 35.000 anos), de Monte Circeo (35.000 anos), cavaram sepulturas, e lá alojaram seus mortos em posição fetal, sugerindo uma espera para a próxima vida. Desde então a humanidade produz imagens sobre a questão da morte. Pode –se dizer que o problema da finitude transporta o homem instrumental para o patamar daquele ser que abre as portas de sua percepção

para um novo mundo e que desenvolve continuamente um conhecimento objetivo. (ZIEGLER, 1977)

O campo gráfico da humanidade pré-histórica é amplo e variado, nele surgem os sinais convencionais, os sinais analógicos, a figuração altamente precisa das formas vivas, e finalmente os elementos quiméricos ou irreais. Tal variedade retrata a grafologia dos *sapiens*. (MORIN, 1973, a)

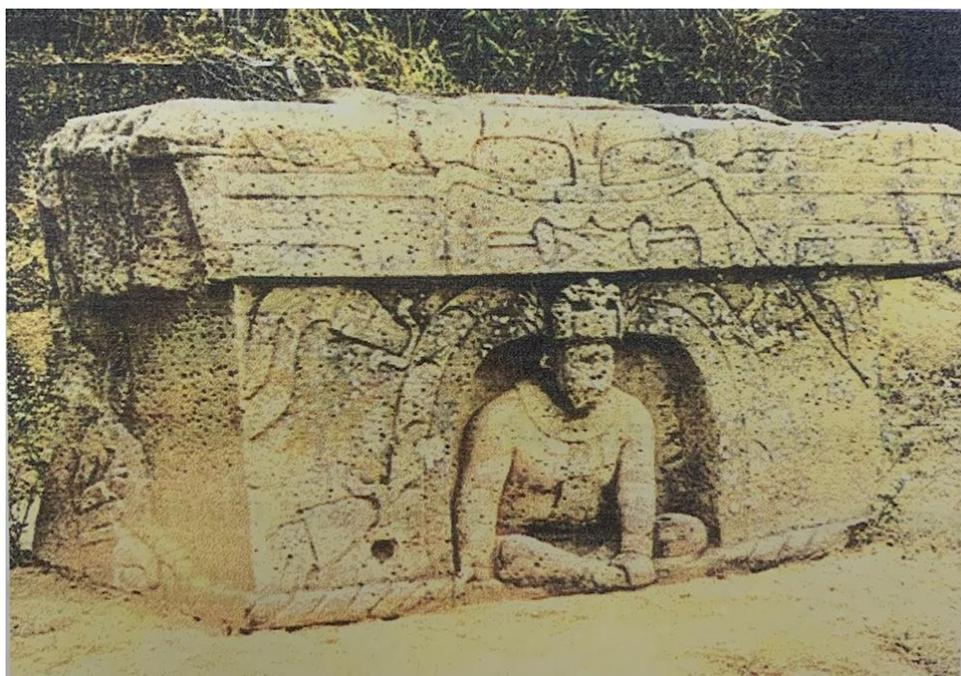
Quanto à representação gráfica, algumas representações já foram decodificadas por alguns estudiosos; por exemplo, parece que os bisões ou os auroques representavam a feminilidade, enquanto que os cavalos a masculinidade, estas duas imagens muitas vezes simbolizavam o nascimento e a reprodução. (MIDDLETON, 1993)

Chama a atenção na figura 3 a presença, à esquerda, de um unicórnio, que registra uma aparição mitológica. Símbolo da pureza, e segundo a lenda desceu à terra, e furando uma rocha fez dela a água sair, assim fazendo a vontade de criação de Deus.

Na figura 4, embora o túmulo seja recente, é um monumento da arte funerária. Foi encontrada em todas as civilizações de todas as partes do mundo. Só que este túmulo está não só preservado, mas apresenta um certo avanço artístico.

FIGURA 3

Imagens da Caverna de Lascaux, na região de Dardogne (MIDDELETON, 1993, p..82-83)

FIGURA 4

Arte Mexicana (Olmeque: fase média e tardia do pré-clássico; 800 a. C. a 100 d. C.) Grande Sarcófago de Pedra. No Parque de La Venta (Tabasco), (MONTI, 1964, p.1222).

De um certo modo, a representação gráfica constitui a aquisição de um modo de comunicação, há também um avanço expressivo no conhecimento,

que deixa de ser o das lides com a caça, o campo, e passa a tratar das produções do espírito (imagens, símbolos, idéias). (MORIN, 1973, a) Para Morin (1956, 1972, *apud.* Morin, 1973, b, p. 98): “*os fenômenos mágicos são potencialmente estéticos, e de que os fenômenos estéticos são potencialmente mágicos*” .

As pinturas de Lascaux e de Altamira, não foram “utilizadas” para operações mágicas, elas mesmas são os constitutivos da magia. E quanto mais se expande o universo das imagens, mais também se expande o da magia. Antropologicamente, a estética quase sempre se liga à magia e à religião, embora também tenha sido usada para sedução e prestígio. (MORIN, 1973, b)

Quer seja pela presença dos mortos, ou pela idéia acerca da morte, além de sua ocorrência constatável, o homem de Neanderthal começa a dar-se conta de algo além do ato presente. Passa a ter uma consciência de transformações e de restrições, e esta percepção da temporalidade confere ao saber humano uma nova qualidade de conhecimento. (MORIN, *Ibid.*)

A morte não é apenas reconhecida como nos animais (que até para se protegerem se “fazem de mortos”), também não é só sentida como perda, desaparecimento (que o macaco, o elefante, o cão, o pássaro podem sentir), ela é também concebida como uma transformação, uma passagem de um estado para outro. (MORIN, 1973, a)

A tomada de consciência de transformações, a consciência da condição de um estado de sujeição, e mais ainda de uma consciência do tempo, indicam no *sapiens* a emergência de um grau mais complexo de conhecimento. (MORIN, 1973,a.)

Aqui podemos imaginar os primitivos com sua função SENSACÃO dominando notadamente não só o espaço físico⁵ como também do tempo, que é uma grande preocupação para os tipos SENSACÃO. Eles vivem num estado de constante e marcada relação com o tempo, numa tentativa de controlá-lo, organizá-lo. É típico das pessoas com a função SENSACÃO desenvolver uma grande pontualidade, dir-se-ia que desenvolveram um conhecimento espacial do tempo.

Junto com a consciência realista de transformação existe a crença de que ela determina uma nova vida na qual a identidade do transformado é mantida (*“renascimento ou sobrevivência do ‘duplo’*). Isto nos dá uma indicação de como o imaginário irrompe na percepção do real, e o mito na visão de mundo. (MORIN, *Ibid.*)

A sepultura assinala a presença do mito; os funerais são ritos que

⁵ – “A comunidade primitiva desenvolve-se dentro desse espírito onde tudo pode ocupar um lugar sagrado; a construção das moradias, cemitérios, espaços para os rituais são erguidos de maneira que não contrariem a definição geográfica”. (JUNG *apud* SILVA, 2002, p. 55)

contribuem para operar a passagem para outra vida de modo conveniente, protegendo assim os vivos, do desgosto dos mortos (de onde se desenvolveram os cultos aos mortos), da decomposição que a morte traz (daí pode ter origem o luto como forma de isolamento dos parentes). Assim,

surge todo um aparato mitológico-mágico⁶ que aparece no *sapiens* e o mobiliza para enfrentar a morte. (MORIN, 1973, a)

Quando o real deixa de ser o único elemento que norteia os indivíduos tipo SENSACÃO, estes passam a receber em sua consciência materiais provindos de outra esfera, a do inconsciente coletivo. É o que lhes dá condições para produzir através do que sua função inferior lhes proporciona. Assim podem vir a alcançar um significativamente novo patamar de consciência (devido à emergência do numinoso), o que os possibilita ter um novo olhar diante da vida.

Estudiosos e pensadores como: Morgan, Lévi-Strauss, Tylor, Robertson-Smith, Frazer, Hebert Spencer, Durkheim, Mauss, Lévy-Bruhl, Hebert e Herz, van Gennep, Wundt e Max Weber acharam que era importante estudar a questão da religião.

6- “... as antigas superstições eram símbolos que tentavam expressar adequadamente o desconhecido no mundo (e na alma). A com-‘preensão’ (Auf ‘fassung’) possibilita uma ‘captação’ (Griff) das realidades, quer dizer, uma con-‘cepção’ (= con-captação [‘Begriff’]) delas, expressando uma tomada de posse. A concepção corresponde funcionalmente à força mágica do nome, que se apodera do objeto. Com isto se torna inofensivo e é incorporado ao sistema psíquico, o que eleva a importância e o poder do espírito humano...”. (JUNG ,1986, p. 128)

Em antropologia de Vilas-Boas, Lowie, Malinowski, Radcliffe-Brown, Griaulle, em Dieterlen e grande número de seus coetâneos e sucessores trabalharam especialmente na questão dos rituais. Estes pensadores tinham, na grande maioria, suas próprias posições teológicas; uns explicavam o sagrado como produto de razões psicológicas ou sociológicas,

negando-lhes muitas vezes sua origem sobre-humana. Porém, ninguém negou a extrema importância das crenças e práticas religiosas para conseguir a manutenção e a transformação radical da estrutura humana, quer social, quer psíquica. (TURNER, 1974)

Porém, um detalhe nos faz pensar que, como de sempre, a irrupção da função inferior gera novas condições de consciência, porém são fugazes, pois depois o indivíduo volta a operar predominantemente com sua função principal. Outro fato importante é o pudor com que lidamos com ela, e em geral escondemos a atividade realizada com a função inferior. Isto parece que ocorreu no caso dos desenhos feitos no Período Paleolítico Superior.

O homem de Cro-Magnon pintou seus desenhos, em geral nas paredes e nos tetos, muitas vezes à grande altura (2 metros), ou em partes mais inacessíveis das cavernas. A galeria de pinturas de Niaux, por exemplo, situa-se a mais de oitocentos metros da entrada da caverna. Outras criações daqueles artistas não seriam visualizáveis sem a utilização de tochas ou lâmpadas primitivas, que deviam fumejar e espirrar muito, pois o único fluido iluminador era a gordura de animal. Há também indícios que depois de executadas, os criadores não lhes davam importância, pois dentre outros fatos, há evidências de inúmeros desenhos superpostos. O que deixa a impressão que mais importante que deixar a obra exposta, era o ato de fazê-la. (BURNS, 1980) E o tema comum eram os ritos funerários, “o outro lado do real”.

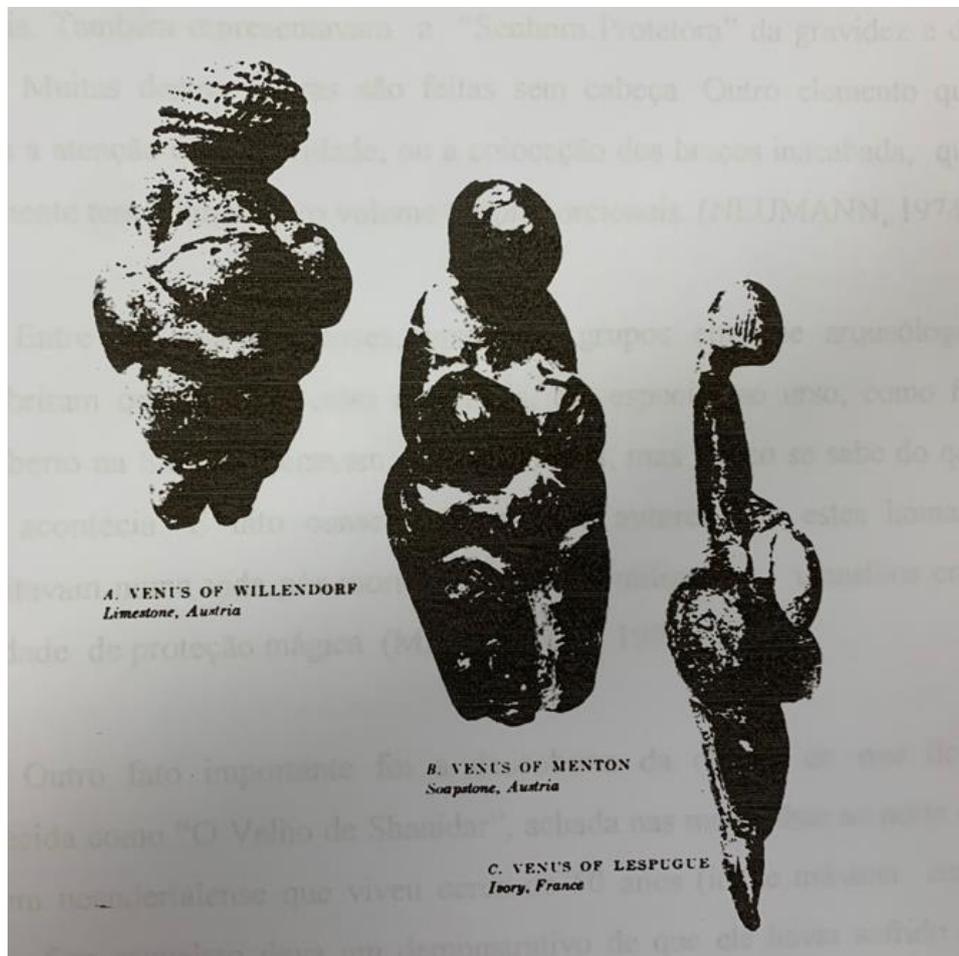
O desenvolvimento da atividade artística⁷ não se restringiu a adornos, porém, num salto pelos 30.000 a.C. ocorreu uma efervescência⁸ da criatividade humana, por todo o mundo. Apareceram variados e inúmeros

trabalhos manuais artísticos, eram várias peças, dentre as quais estatuetas de pedra e em argila, com formas de humanos e de animais.

A existência das imagens abaixo são encontradas desde a Sibéria até os Pirineus, e faz pensar que existia uma “visão de mundo” unitária, que tinha no seu centro a Grande Deusa Mãe. Isto foi um fenômeno homogêneo na Idade da Pedra, ao que parece, independente de migração, que fora surgindo espontaneamente em vários lugares ao mesmo tempo. Como é característico para a definição de arquétipo.

⁷ - *“O inconsciente é a mãe criadora da consciência. A partir do inconsciente é que se desenvolve a consciência durante a infância, tal como ocorreu nas eras longínquas do primitivismo, quando o homem se tornou homem”*. (JUNG, 1981, c, p. 120)

⁸ - *“A conformação mental do primitivo exprime a estrutura básica da mente humana, aquela camada psíquica, que para nós é o inconsciente coletivo, aquele nível subjacente que em todos nós é o mesmo, e devido, a tal igualdade básica não se podem fazer distinções pessoais nas experiências que se dão nesse nível”*. (JUNG, 1998, p.59)

FIGURA 5

Figuras Paleolíticas da Deusa Mãe (NEUMANN,1974, p. 1, anexo). Estas 4 imagens representam os modelos mais difundidos da Grande Mãe da Idade da Pedra, o que demonstra que seu culto era muito presente.

Figuras femininas encontradas pela Eurásia, conhecidas como estatuetas de Vênus, datam entre 35.000 e 8.000 a.C. e representam mulheres em todos

os estágios da vida, algumas em posição de parto. (MIDDLETON, 1993)
De lugar para lugar, umas ressaltam aspectos da anatomia feminina: algumas magras e outras de corpo maior, ambas com avantajados seios e ventre.

Aparentemente estas imagens ligavam-se, como explica o autor, a rituais de fertilidade que tinham como objeto a mágica proliferação dos animais. Também representavam a “Senhora Protetora” da gravidez e do parto. Muitas destas figuras são feitas sem cabeça. Outro elemento que chama a atenção é a inatividade, ou a colocação dos braços inacabada, que geralmente tem a largura e o volume desproporcionais. (NEUMANN, 1974)

Entre os neandertalenses, aparecem grupos em que arqueólogos descobriram que nutriam culto a animais, em especial ao urso, como foi descoberto na Suíça. Chegavam a ter santuários, mas pouco se sabe do que neles acontecia. É fato consensual entre os autores que estes homens acreditavam numa vida pós-morte, e por isto utilizavam utensílios com finalidade de proteção mágica. (MIDDLETON, 1993)

Outro fato importante foi a descoberta da ossada do que ficou conhecida como “O Velho de Shanidar”, achada nas montanhas ao norte do Irã: um neandertalense que viveu cerca de 50 anos (idade máxima entre eles). Seu esqueleto dava um demonstrativo de que ele havia sofrido de várias deficiências; acidentara-se várias vezes, desde a infância, devendo ter sobrevivido pela cooperação e os cuidados dos outros membros do grupo. (MIDDLETON, *Ibid.*)

Alguns dos mortos, encontrados em Shanidar, estavam cercados de pólen de flores, que eram e são usadas até hoje no local, uma forma de tratamento medicinal, sugerindo que os remédios haveriam de proteger o indivíduo na próxima vida. (MIDDLETON, 1993)

É digno de nota que não existe referência de poder, mas cooperação, nas sociedades do passado, diferente das sociedades indígenas atuais, relativas à figura do sacerdote.⁹

O *homo sapiens*, migrou espantosamente, como nenhum outro dos seus antecessores. Criou o cinzel (do osso de galha de veado), e com ele pode arrojarse em maiores desenvolvimentos tecnológicos. Começou a usar outros subprodutos animais, tipo o marfim, como matéria prima para utensílios e armas (o arco-flecha e o arpão). (MIDDLETON *Ibid.*)

A mulher era a que basicamente se responsabilizava pela colheita enquanto o homem pela caça e possivelmente pelo plantio. Aparentemente, crêem os arqueólogos, para manter o cuidado requerido à agricultura, desenvolveram um conhecimento instintivo do uso da amamentação como contraceptivo, visto que era fundamental não se afastar do campo,

⁹ - “A repressão da psique coletiva foi uma condição necessária para o desenvolvimento da personalidade. No tocante aos primitivos, o desenvolvimento da personalidade, ou melhor, o desenvolvimento da pessoa é uma questão de prestígio mágico. A figura do feiticeiro e a do chefe da tribo são significativas: ambas se distinguem, pela singularidade de seus ornamentos e de seu modo de vida, que exprimem seu papel social. A peculiaridade de sua aparência externa o separa dos demais e tal segregação é realçada pela posse de segredos rituais. Por estes e outros meios o primitivo cria um invólucro que o cerca, que pode ser designado como *persona* (máscara). Como sabemos, os primitivos usam

máscaras nas cerimônias do totem, como meios de exaltar ou transformar a personalidade ". (JUNG,1981, b, p. 138-139)
durante a gravidez. Assim as crianças eram amamentadas, até 3 ou 4 anos .(MIDDLETON, 1993)

A sociedade compreendia-se de 470 a 500 indivíduos e existia uma preocupação com os casamentos intra-sanguíneos, aparentemente devido ao fato de anormalidades físicas serem mais freqüentes em crianças nascidas destas uniões. Faziam reuniões tribais regulares para o convívio com outros grupos, facilitando deste modo o conhecimento de parceiros de outra tribo, procurando manter a população num estado de equilíbrio numérico constante.(MIDDLETON, *Ibid*)

Além disto, o palato dos *australopithecus* era semelhante ao dos bebês de hoje, já o dos *homo sapiens sapiens* era mais bem desenvolvido, completamente curvo e contavam também com um aumento da capacidade cerebral, isto lhes permitia um enorme avanço no entendimento entre si, e com outras tribos. Quando a linguagem adquiriu sua maior expressão, permitiu maior avanço no campo do abstrato e do simbólico, podendo fazer face às demandas de uma sociedade mais comunal, criando sistemas de planejamento e organização de tarefas.(MIDDLETON, *Ibid.*)

O *Homo sapiens sapiens* adaptou-se em enorme variedade de ambientes, aumentando muito a população nos últimos milênios do período glacial. Os grupos chamados de caçadores-coletores possuíam já em 30.000 a. C. uma espécie de calendário, o que fazia de sua vida nômade um périplo com uma lógica de estratégia de sobrevivência definida. (MIDDLETON, 1993)

Começaram a construir cabanas de pedras, madeira, ossos e peles. E o primeiro movimento para uma revolução na agricultura ocorreu aproximadamente em 8.000 a. C., com o término dos períodos glaciais. E, menos nômades, trocaram a lança pelo arado, e acabaram por criar cidades. (MIDDLETON, *Ibid.*)

Os primeiros cultivos ocorreram numa região chamada “Crescente Fértil”, lá os grupos caçadores-coletores puderam abandonar seu modo nômade, que era penoso para crianças e velhos, muito arriscado devido aos animais selvagens, e começaram o cultivo de cereais nas regiões correspondentes à Síria, Israel e China de hoje. (MIDDLETON *Ibid*)

Terminado o período glacial em 8.000 a. C., eram entre cinco a dez milhões os habitantes da Terra. Além do aspecto humano já citado, aparecia o econômico: pois 650 quilômetros quadrados sustentavam 25 caçadores-coletores, enquanto na comunidade agrícola, 15 quilômetros sustentavam 150 agricultores. Aumentava a qualidade de vida, e com isto a criatividade. As crianças começaram a ter seus brinquedos. O artesanato de todo tipo, feito com pedra, marfim, linho, cerâmica e madeira aparece. Começa o domínio do fabrico de alguns metais, além do uso de pedras como a obsidiana, uma pedra preta e brilhante, oriunda de rocha vulcânica, mas útil no artesanato. (MIDDLETON, *Ibid.*)

De todos os agrupamentos, Jericó talvez fosse um dos primeiros a desenvolver a agricultura, em 8.000 a. C. onde habitavam 3.000 pessoas. Esta cidade foi várias vezes abandonada, destruída e reconstruída.

Na época já havia a troca comercial de matérias-primas vindas de outras partes. Desenvolveu-se a fermentação em agricultura, e a fabricação de cerveja. Depois cultivaram frutos para obter álcool, e em seguida criaram o vinho (5.000 a. C.). Em 4.000 a. C., começaram a ter animais de uso doméstico, e passaram a utilizar o cavalo para transporte. (MIDDLETON, 1993)

Depois de instalar-se por algum tempo, começaram a construir casas mais sólidas, capazes de acomodar suas famílias, que já possuíam fogão, e na parte externa silos para armazenagem de cereais. (MIDDLETON, *Ibid.*)

O culto coletivo foi institucionalizado pela primeira vez em Eridu¹⁰, na Mesopotâmia em 5.000 a. C.. (MIDDLETON, *Ibid.*)

O novo estilo de vida tinha vantagens e desvantagens, que eram os ataques de animais, as pestes, devido a problemas de sanitarismo, e os saques de nômades. E por causa destes, as cidades começaram a ser muradas. A primeira foi Jericó. Na época, a expectativa de vida era de 30 anos para as mulheres e 35 anos para os homens. (MIDDLETON, 1993)

¹⁰- “.. o fato histórico de o homem ter construído uma cidade a partir de uma caverna original. Este desenvolvimento só foi possível graças à formação da vida em comunidade, e esta última só se tornou possível como o refreamento dos instintos. O refreamento dos instintos por processos mentais é levado a efeito com a mesma força e os mesmos resultados tanto no indivíduo como na história dos povos. O refreamento dos instintos é um processo normativo, ou, mais precisamente, um processo nomotético”. (JUNG, 1984, p. 52).

Por esta época o homem começou a experienciar as duas pontas de direção da mesma linha: num sentido a criatividade, no outro a destrutividade. E de fato, entre 10.000 e 3.000 a. C. havia conflitos pelo mundo afora. Neste período, já possuíam avanço tecnológico que lhes permitiam controlar relativamente a região ao seu redor, organizar seu alimento, acelerar sua produção de trabalho. Sabiam como viver e trabalhar em conjunto, realizavam trocas de mercadorias e de conhecimento. Porém conheciam a ameaça constante da fome, doença e guerra. (MIDDLETON, *Ibid.*)

E em Satal Hüyük, centro que se tornou o mais importante da época, haviam casas ricamente decoradas. Ao contrário de Jericó (outro antigo centro urbano), nunca foi abandonada ou destruída. Um único povo a habitou, sem indícios de guerras, durante 1.500 anos, e a deixou para construir outra cidade na margem oposta do rio, e desapareceu sem qualquer sinal de violência. Foi considerada a mais magnífica cidade da época. Localizava-se na Turquia em 6.700 a.C., possuía construções com terraços, todos ligados, e a comunicação fazia-se pelos terraços. Havia grande prosperidade devido ao intenso comércio e à produção agrícola. Foi um centro religioso, com templos que vêm sendo descobertos em escavações. Nesta cidade a religião tinha uma importância na vida doméstica. As deusas-mães pintadas em cores fortes, davam à luz às filhas divinas, assentadas sobre o ombro de leopardos sagrados. Havia imagens requintadas de atributos sexuais, e havia também desenhos nas paredes e galerias de bestas viris com chifres e seios. No decorrer da sua longa existência, esta comunidade sofreu mudanças espelhadas em seus desenhos. Assim os crânios e chifres de animais machos, consagrados ao caçador, foram sumindo dos santuários, e sendo substituídos por imagens de mulheres geradoras de

vida, cuja fertilidade espelhava a da terra. Ou seja, o caçador deu lugar ao agricultor naquela cidade. (MIDDLETON, 1993)

A cultura¹¹ de Satal Hüyük começou a expandir todas as formas de artesanato conhecidas até então, com os mais diferentes materiais, tirando o melhor proveito, da madeira, calcário, alabastro, mármore branco, malaquita, azurita, ocre, cinábrio, juncos e moldes de argila com desenhos geométricos (os mesmos desenhos seriam preservados pelas mulheres da região por 8 milênios). Eles dominavam a arte da metalurgia, com o chumbo e o cobre. (MIDDLETON, *Ibid.*)

É importante saber que os arqueólogos empregam o termo “cidade”, quando o sítio indica ter tido uma população de milhares de habitantes. O primeiro aglomerado humano a ter tal classificação foi Uruc, nas cercanias do Eufrates, próximo a atual Bagdá (a Erec bíblica); deixou muitas obras, a ponto de seu nome passar a designar um importante estágio do desenvolvimento da arte no Oriente Médio. (MIDDLETON, 1993)

¹¹ - *“Na minha opinião não há motivo defensável contra a hipótese de que todas as funções psíquicas que hoje nos parecem conscientes foram inconscientes outrora, embora atuassem mais ou menos como se fossem conscientes. Poderíamos dizer que todos os fenômenos produzidos pelo homem já estavam presentes num estado inconsciente natural” “Só quando o homem possui a capacidade de ser consciente é que se torna verdadeiramente homem”* .(JUNG ,1984, p. 215)

A função SENSACÃO chegou então ao seu ápice de domínio de praticidade e aparece o início da função PENSAMENTO, sem limites precisos, quando começa a capacidade de classificar, compreender a lógica

de funcionamento das coisas, saber realizar planejamentos. Muitos dos conhecimentos deram-se de modo fortuito e se proliferaram devido à imitação.

Na emergência de uma protocultura, aparecem pequenas inovações que podem ser integradas aos comportamentos sociais, e isto pode ser entendido como os antecedentes dos fenômenos de transformação, imigração e transmissão de dados entre as sociedades humanas. Um exemplo marcante foi a observação de um grupo de macacos da ilha Kyushu, que permitiu detectar algumas evidências disto. Um grupo de macacos que vivia na beira da floresta possuía o costume de se alimentar de tubérculos que limpavam com a mão, depois de os terem desenterrado; aconteceu então de um jovem, involuntariamente, deixar cair um tubérculo no mar, descobrindo, então, que a água não só limpava mais rapidamente, como temperava o alimento. Assim adquiriu o hábito de mergulhar no mar seus tubérculos, no que foi seguido pelos mais jovens, porém não os mais velhos, mas o hábito acabou por passar à geração seguinte. (MORIN, 1973, b)

A experiência acima teve um desdobramento importante, quando em 1952, na ilha Kochima, macacos Japoneses (*Macaca fuscata*) foram observados por 30 anos em estado natural. Os cientistas deixaram batatas-doces cruas na praia da ilha de Kochima. E os macacos gostaram do sabor, mas não da mistura com a areia. Uma fêmea de 1 ano e meio descobriu que lavar num rio resolvia a questão. Tal como já havia sido notado na experiência acima descrita, os mais jovens aderiram aos novos costumes e os mais velhos não. Em 1958 um número grande de macacos, não se sabe quantos, já utilizavam a prática da lavagem, hipoteticamente, o “Centésimo Macaco” realizou tal prática, e a partir daí todos passaram a usar este modo,

mas não só isto, o mais surpreendente é que um bando de macacos de outras ilhas e grupos do continente em Takasakiyama começou também a lavar suas batatas-doces. (WATSON *apud* KEYS, 1995) Esta extraordinária descoberta se convencionou chamar o “Fenômeno do Centésimo Macaco”, pois o princípio é que um conhecimento dado vai se espalhando até chegar a uma massa crítica X, quando, então, uma nova consciência passa a ser comunicada de uma mente a outra.

É digno de nota que, ao estudarmos os índios de hoje, eles não são pessoas dotadas das mesmas condições mentais que os primeiros *homo sapiens sapiens*, devido ao fato do pensamento humano ter se desenvolvido. Hoje, qualquer ser que nasça em qualquer lugar, já traz em si um potencial diferente, como demonstra a experiência citada, do “Centésimo Macaco”, e as escalas de desenvolvimentos neurológicos atestam, além da própria história do *homo sapiens sapiens*, que se espalhou pelo mundo com um desenvolvimento, em alguma medida, paralelo.

¹² – “A evolução da consciência por estágios é, ao mesmo tempo, um fenômeno humano coletivo e um fenômeno individual particular. Assim, deve-se considerar o desenvolvimento ontogenético uma recapitulação modificada do desenvolvimento filogenético”. (NEUMANN, 1995, p. 16)

CAPÍTULO I

3 . OBSERVAÇÃO DO TIPO SENSACÃO NAS CULTURAS DOS PAÍSES

Jung fez observações sobre tipos comuns, ao tratar de pessoas de diversos países, que foi uma tônica na composição de sua clientela. Ele viajou para diversos continentes, e como já mencionado, era um indivíduo que acreditava que um maior conhecimento das raças ajudaria na melhor compreensão entre povos.

Além disto, quando tratamos de pacientes provenientes de outras culturas, e mesmo que viveram alguns anos em outros países, percebemos o “contágio” do inconsciente coletivo daquele país na pessoa. Ao adentrarmos em regiões do inconsciente, que não são exatamente geográficas, pois vão e voltam dentro da proximidade da consciência¹³, percebemos que há uma camada de inconsciente pessoal, marcadamente constituída de elementos da intimidade histórica do indivíduo. Depois achamos traços comuns à família,

13- *“Esta última é uma consciência tardia da evolução. A sua forma original é uma simples consciência de grupo, tão rudimentar ainda em certas tribos contemporâneas, que nem sequer têm nome próprio que as distinga das povoações vizinhas. Encontrei na África oriental uma pequena tribo que a si mesma se chamava ‘as pessoas que estão aqui’. Esta primitiva consciência do grupo perpetua-se na ‘consciência familiar’ moderna. Encontram-se a cada passo famílias, cujos membros seria embaraçoso caracterizar individualmente, a não ser pelo nome de família, o que de resto não parece afetar os interessados”.* (JUNG, 1975, p. 76)

depois à cidade, ao estado, ao país, ao continente, e finalmente o eixo divisório Ocidente - Oriente.

Na clínica, trabalhando com orientais, logo percebemos que possuem eixos de orientação, e não estou me referindo só a usos e costumes, mas a um modo de apreensão de conceitos que é diferente. Cabe ao analista

perceber e se aprofundar no conhecimento destas culturas, para melhor compreendê-las. Estes pacientes trazem um material onírico que eles não percebem como peculiar, porque não se dão conta que sua linguagem interior tem um modo de apresentação diferente. Muitas vezes querem e não querem ser entendidos. Situações de ambigüidade comuns no inconsciente¹⁴. Ao mesmo tempo em que se protegem contra a falta de comunicação e o isolamento profundo que é ser “estrangeiro”, querem reservar uma “particularidade cultural” que os fazem diferentes perante o outro.

Em se tratando da função SENSACÃO EXTROVERTIDA, podemos considerar duas culturas que se sobressaem nestes tipos. Os Estados Unidos e o Japão.

Segundo observa Von Franz (1995, p. 42) “*A nação americana tem grande número de sensitivos extrovertidos*”.

—
¹⁴ — “*O inconsciente deseja as duas coisas: dividir e unir. Em sua luta pela unidade, portanto, o homem sempre pode contar com a ajuda de um advogado metafísico (...). O inconsciente quer fluir para a consciência a fim de alcançar a luz, mas, ao mesmo tempo, boicota continuamente a si mesmo, pois preferiria manter-se inconsciente*”. (JUNG apud VON FRANZ, 1997, p. 138)

Notamos isto ao olharmos os ícones da cultura americana. A praticidade, bem marcada e que é caricaturada na obra do inglês OSCAR WILDE (1986, p. 375 - 399) “O Fantasma de Canterville”, que conta a estória da família do “Sr. Hiram B. Otis”, que compra e se instala num castelo mal-assombrado na Inglaterra. Nesta obra são descritas todas as peripécias de uma família SENSACÃO EXTROVERTIDA, e suas lides com a função inferior dos ancestrais insulares.

As cidades americanas denotam em sua organização, e atenção a detalhes, a presença forte de algo que tudo percebe e administra.

É uma cultura com acento importante na opinião pública, devido a sua característica extrovertida.

A função inferior (INTUIÇÃO) fica destacada em lugares específicos;

“movimentos estranhos florescem especialmente bem nos Estados Unidos, num grau maior do que na Suíça. Em Los Angeles, podem-se encontrar quase todas as espécies de seitas fantásticas. (VON FRANZ, 1995, p. 48)

Por outro lado, também na Califórnia, percebe-se a pujança da SENSACÃO EXTROVERTIDA, com sua força de extrema visão do real, nas palavras do escritor e viajante John Gunter *apud Thomson et al.*(1990, p. 38), *“adora-se o clima como a um deus”*. Esta clara relação da função sensorial fala a favor dos elementos esperados de serem vistos como de grande importância dentro da cultura SENSACÃO EXTROVERTIDA, como se segue na observação do autor americano:

“ Mas ali também são reverenciados o dinheiro, a fama e a perfeição do corpo, ao mesmo tempo que florescem, a cada dia, novas e nebulosas teorias sobre auto-conhecimento e auto-satisfação”. (THOMSON *et al.* p. 38)

Observa a escritora californiana, Joan Didion *apud Von Franz* (1995, p. 40): *“A Califórnia representa liberdade, mobilidade e privacidade absolutas... o instinto que guiou os Estados Unidos para o Pacífico”*.

Lá se localiza a fábrica de fantasia, que é o maior complexo industrial cinematográfico do mundo. Esta arte descoberta pelos franceses teve uma repercussão extraordinária nos Estados Unidos. Podemos ver o lado numinoso da função inferior (fantasia) agindo, criando. Ao mesmo tempo em que a força dos “efeitos especiais” vai arrebatando a perfeição da forma até o extremo. Los Angeles tem um marco: a Disneylândia, e na Flórida, há outro marco: a Disney World; isto deu um tom único na cultura americana, parques que visam à produção de sensações.

Um dos personagens mais famosos do século XX é Mickey Mouse, elaborado por Walter Elias Disney. A empresa criada devido à fama deste personagem, fez aparecer o maior complexo de entretenimento de massa da história, que vem habitando o imaginário de várias gerações seguidas.

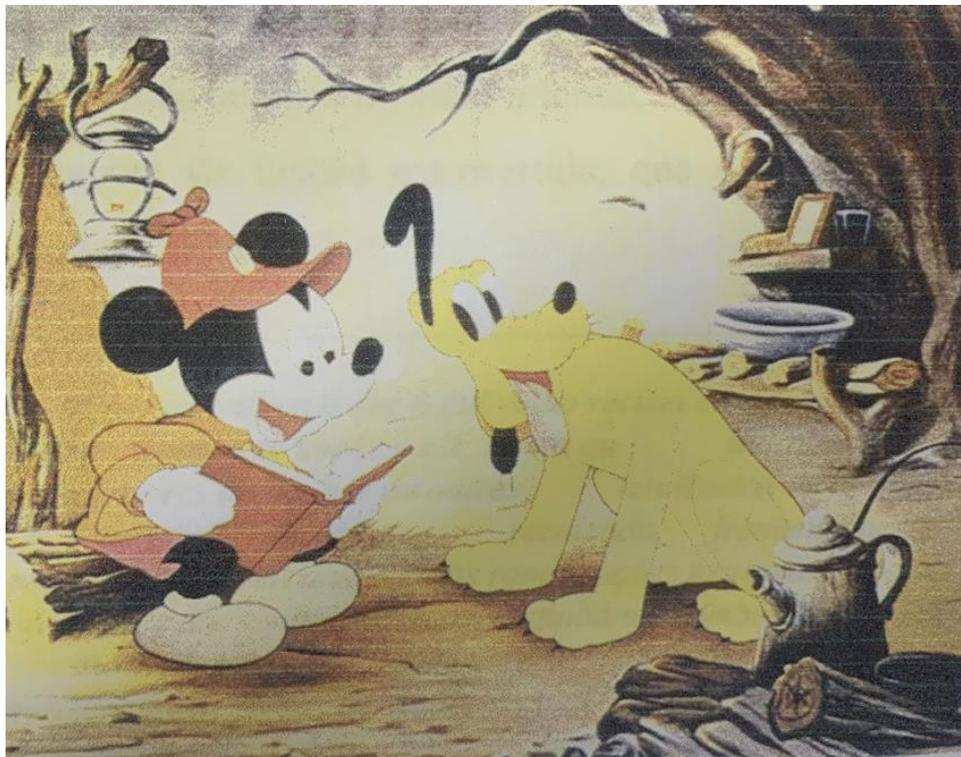
—

¹⁵ — “*Conceito de Rudolf Otto (‘O Sagrado’), que designa o inexprimível, misterioso, tremendo, o ‘totalmente outro’, propriedades que possibilitam a experiência imediata do divino*”. (JUNG, 1963, p. 357)

Quando foi lançado, fez um sucesso instantâneo. Outro fato característico da SENSACÃO EXTROVERTIDA, algo é ou não é, e sendo, é logo. Então, toda uma logística é posta para que seja de modo maior, melhor e duradouro. Depois vieram outros desenhos. Quando o filme “Branca de Neve e os Sete Anões” foi lançado, obteve um lucro de 8 milhões de dólares, o maior lucro cinematográfico até o ano de 1937. Até a metade de 1950, Disney havia realizado 657 filmes, vistos por cerca de 1 bilhão de pessoas. Depois, então

criou os dois parques de diversão, que são referência para o mundo todo.
(THOMSON *et al.*,1990)

FIGURA 6



Mickey e Pluto em *The Pointer*, uma história em quadrinhos sobre caça de 1939
THOMSON *et al.* (1990) (p. 100)

A força da função SENSACÃO EXTROVERTIDA alia vários elementos: cuidados com os detalhes e eficiência na execução, pois o imaginário das crianças fervia, e mais histórias aconteciam, de modo insaciável. Por outro lado, o autor com um imaginário aberto encarnou a numinosidade da função inferior, a INTUIÇÃO, tornando-se um herói, agente de grandes transformações, mostrando ao mundo a importância de se voltar para as crianças. Esta visão em si é completamente revolucionária, pois foi concebida num mundo dirigido só para as coisas sérias, em tempo de guerra.

Outras obras despontaram na literatura. Washington Irving (1783 – 1859) criou “Rip Van Winkle”, a história de um holandês que dormiu cem anos e despertou americano, tal história é lida até hoje. Claro está que o fator fantasia tem um forte acento nesta narrativa.

Adiante se destaca Nathaniel Hawthorne (1804- 1864), romancista fantástico da virtude infeliz e do vício infernal, autor de “A Letra Escarlate”. Retrata a sombra da função extrovertida, que é a introversão sombria. (KOOGAN *et al.*, 1962, b)

¹⁶⁻ “ A sombra personifica o que o indivíduo recusa conhecer ou admitir e que, no entanto, sempre se impõe a ele, direta ou indiretamente, tais como os traços inferiores do caráter ou outras tendências incompatíveis”..... “aquela personalidade oculta, recalcada, freqüentemente inferior e carregada de culpabilidade, cujas ramificações extremas remontam ao reino de nossos ancestrais animais, englobando também todo o aspecto histórico do inconsciente... Se, antes, era admitido que a sombra humana representasse a fonte de todo o mal, agora, é possível, olhando mais acuradamente, descobrir que o homem inconsciente, precisamente a

sombra, não é composto apenas de tendências moralmente repreensíveis, mas também de um certo número de boas qualidades, normais, reações apropriadas, percepções realistas, instintos impulsos criadores, etc". (JUNG, 1963, p. 359 – 360)

Edgar Allan Poe (1809 – 1849), com sua índole visionária, e mais o alcoolismo, acabou por gerar uma obra espantosa que atravessou o Atlântico. Novelas fantásticas, repletas de detalhes científicos (o lado realista – SENSACÃO) e sonhos alucinantes (função inferior, provinda do inconsciente). Segue, de alguma forma neste timbre, Hermann Meville (1819 -1891) que, misturando realismo e alucinação, criou a obra mundialmente conhecida “Moby Dick”. Segue ainda Walt Whitman (1819 – 1892) , com lirismo religioso e descritivo (novamente notamos a dualidade da função dominante com a inferior, criando a situação numinosa, que marca a grande obra de arte, que precisa vir com a força eminentemente expressiva do inconsciente coletivo). Culmina neste estilo Walt Whitney (1819 – 1802), que funde em sua obra: paganismo, filantropia, lirismo religioso, sensualidade direta, e que sintetizou a busca material sem tréguas, nó cego da cultura americana. (KOOGAN, *et.al.*, *Ibid*).

Acabada a guerra de secessão, a guerra hispano-americana acicatou o sentimento antieuropeu. Surgiu então uma literatura nacionalista. Mas foi a biografia histórica o gênero que mais atraiu o povo, assim como o romance de costumes, ainda hoje fortemente presente na literatura e gosto americano, especialmente quando enfoca sagas de família. A realidade do cotidiano é fundamental na SENSACÃO EXTROVERTIDA.

Aparece então a poesia de Emily Dickinson (1830 – 1886), tratando do homem, de Deus e da natureza, que traz para a literatura novamente o

sabor de unidade. Seu primeiro livro foi publicado depois de sua morte. (DICKINSON, 1985), nele está presente de forma sutil o transpessoal.

Em T. S. ELLIOT (1981) encontram-se poemas como “Morte por Água” e “A Viagem dos Magos”. Ele se fixou na Inglaterra, saindo do país como outros poetas de seu tempo.

No teatro, Eugene O’Neill, que, com “Além do Horizonte”, “A Mais Sólida Mansão”, “Longa Jornada pela Noite Adentro” criou um estilo que não poupa a descida aos infernos. Tennessee Williams nesta mesma linha vai escrevendo sobre o universo dos aflitos e viciados; “A Rosa Tatuada”, “Um Bonde Chamado Desejo” e “O Doce Pássaro da Juventude”. Estes autores, junto com um grupo de escritores vão, com certa força, caracterizar o lado sombrio da sociedade, deixada de lado numa cultura que se posta olhando o claro, dando muito peso ao sucesso e ao prestígio. Uma sociedade que cria prêmios em todas as áreas, e que investe muito no aspecto competitivo.

A literatura americana deu sustentação a grandes filmes da história do cinema, que, por seu turno, influenciou hábitos e costumes mundialmente. Em certo sentido, pode-se dizer que o cinema iniciou um processo de “globalização”.

A televisão que se expandiu no início dos anos 50, tornou-se outro pilar na “globalização”, pois ao universalizar-se, trouxe padrões e costumes para todos os países. A idéia de mostrar como deve ser, é algo que fica com uma marcada presença, e isto é um aspecto forte na **SENSAÇÃO EXTROVERTIDA**. Com o tempo ela deixou, em grande parte, de ser “ao

vivo”, e passou a ser feita com pouca improvisação , o que exalta ainda mais a necessidade do correto.

A questão de tudo ter que respeitar uma forma é observável em todos os aspectos da cultura americana¹⁷.

Um outro fato denotando a explosão da função inferior, foi o aparecimento do espiritismo que nasceu num pequeno distrito do Estado de Nova York. Tomou força em todas as camadas sociais, e espalhou-se no mundo. Seu nascedouro por 30 anos foi o distrito de Rochester, Nova York. As raízes ligam-se a duas irmãs, as irmãs Fox, filhas de canadenses, que começaram a descrever presença de ruídos na casa, em abril de 1848, e dali

17 _

“O par de opostos é algo que encontrareis em toda parte”.

A América é hoje o país mais trágico do mundo.

O recato excessivo é sempre a capa da brutalidade.

O cavalheirismo do Sul é uma reação contra o seu desejo instintivo de imitar o negro.

As mulheres americanas têm que trabalhar mais arduamente do que quaisquer outras mulheres para atrair os homens de seu país.

A razão porque as moças americanas gostam de casar com estrangeiros não é o amor a títulos, mas o amor de homens que são um pouco perigosos.

A América é o mais emocional dos países, e o país com o maior autocontrole.

O esforço para manter o autocontrole em face do instinto brutal faz da América uma terra de neurastênicos.

Na América desconfia-se de um homem se ele tiver mais de uma idéia.

As esposas americanas lançaram-se em atividades sociais porque não são felizes com seus maridos. Nem os homens nem as mulheres sabem disso.

A regeneração da América depende de ter ou não coragem para se encarar a si mesma.

Eliminem a afetação de virtude e a América poderá tornar-se o maior país que o mundo já viu.

As mulheres americanas mandam em casa porque os homens americanos ainda não aprenderam a amá-las.

Vejo a maior capacidade de autocontrole do mundo entre os americanos – e busco a sua causa. Por que haverá tanto autocontrole na América, pergunto a

mim mesmo, e encontro por resposta: a brutalidade". (JUNG *apud*. McGuirre, 1977, p. 32 – 33)

evoluiu para a ocorrência de outros fenômenos, com conseqüente romaria de pessoas, e furor jornalístico, comercial e internacional. (PHILLIPS, 1993)

Pouco depois o assunto que havia sido um furor, caiu no descaso e as próprias protagonistas tiveram um fim de vida em total ostracismo, mostrando que, como na realidade ocorre, a função inferior surge, causa uma agitação sem precedentes e depois volta para o mundo abissal do inconsciente, deixando algo novo no mundo, ou na vida de uma pessoa.

No rastro delas o espiritismo espalhou-se, surgiu na Inglaterra a Sociedade para a Pesquisa Psíquica (SPR), que existe até hoje, e na França a figura de Hippolyte Léon Denizard Rivail, pedagogo, que publicou livros sobre ensino. Começou a pesquisar em 1852 fenômenos cuja publicidade na época foi muito extensa. Publica seu primeiro livro em 1857: "O Livro dos Espíritos", é quando adota o pseudônimo de Alan Kardec. (HOUAISS, 1980, c)

Para clarificarmos o funcionamento de um país com uma função oposta, não precisamos ir muito longe, o Brasil é uma cultura mista de tipologia INTUIÇÃO EXTROVERTIDA/SENTIMENTO EXTROVERTIDO, onde com freqüência os aspectos da INTUIÇÃO são muito evidentes.

Aqui o misticismo é contínuo, natural e ecumênico, pois "se não faz bem, mal não pode fazer". Paralelamente, o lado de execução das coisas é

sistematicamente preterido pelo eterno planejamento: “somos o país do futuro”, “agora não”, ou seja, das possibilidades.

Nos fascinamos por fantasias com muitos adornos, onde nossa SENSACÃO EXTROVERTIDA explode, criando alarido de expressão internacional (o numinoso). Tais montagens são feitas, invariavelmente com curtos prazos de tempo, a ponto de quase sempre acontecerem “imprevistos” e a durabilidade do que é feito é bem diferente dos figurinos da dos shows americanos de temporadas que duram até décadas. Aqui a montagem não chega a ser viável para uma segunda apresentação, mostrando assim a função inferior: “o que mata são os acabamentos”.

Imaginemos também o que representa o proverbial “jeitinho brasileiro”, senão aquilo que aparece não se sabe de onde, mas que todo mundo “acredita” que vai aparecer, afinal, “Deus é brasileiro”.

Enquanto nossos irmãos do norte gostam de séries de TV que têm um começo e um fim, preferimos as intermináveis novelas, porque “tudo pode acontecer amanhã”. Acrescente-se a isto um trânsito caótico, porque todos ficam “desligados” de que existem outros seres trafegando no mesmo lugar.

Poderia-se ir muito além, para a compreensão de que nossa falta de consciência da função inferior nos têm causado muitos problemas. Com ela, só se pode lidar de duas maneiras: ou disciplina ou senso de humor; usamos mais esta segunda, mas nem sempre com resultados suficientes, pois permanece o sentimento daquilo que na verdade “não muda”, e esta impotência ajuda a agravar o sentimento de baixa estima. A falta de disciplina aparece no hábito de semear mais sem ter paciência para esperar para colher, pois logo se está interessado em outra coisa, não usufruindo os

resultados do seu esforço. Um exemplo que jamais esquecerei foi ver um pilar da “ferrovia do aço” no interior de Minas Gerais, que havia sido construído num vão profundo entre duas rochas de grande altura, porém ligava nada a coisa nenhuma, visto que a ponte ficou inacabada, permanecendo só o gigantesco pilar. E assim foi a Transamazônica, e outros projetos sempre faraônicos, mas que “faltou o fôlego para chegar até o fim”, acabaram inconclusos, afinal, sempre existem outras possibilidades ...

Outra dificuldade do tipo é cuidar de seu físico, por isto promete-se que as dietas sempre começarão “na segunda-feira”. A academia de ginástica, ou de outras práticas físicas, têm grande dificuldade de manter um público por muito tempo. E se pensarmos no estado deplorável em que se encontram os lugares ligados à saúde, veremos o espelho desta inabilidade. Da mesma forma como quando são feitas construções em áreas de risco, alega-se que “não perceberam tais condições”.

Estes são alguns traços de comportamento que demonstram o que a função inferior pode criar de problemas e danos.

Mais difícil para a mente ocidental é compreender o funcionamento da mente oriental, devido à grande diferença no inconsciente coletivo. Mas mesmo assim, ao observarmos determinados padrões de comportamento que se manifestam na história, arte, usos e costumes do Japão, concluiremos que neles a dominância de tipo da população é **SENSAÇÃO EXTROVERTIDA**.

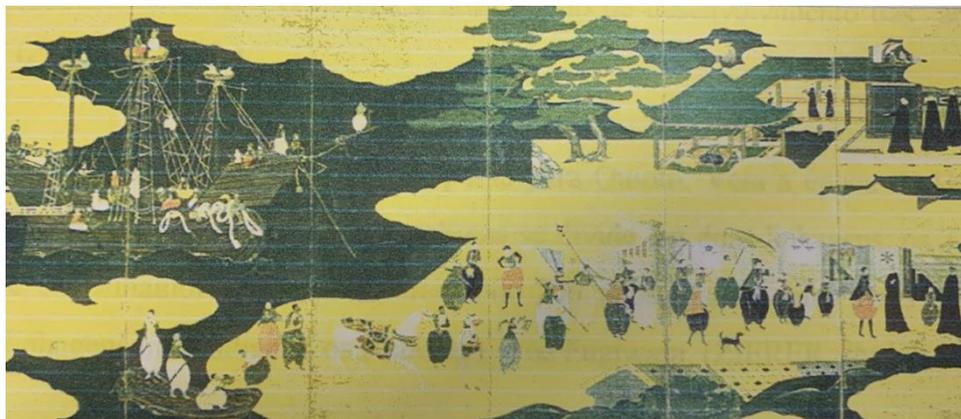
Conta a lenda da criação do Japão que das lanças do casal dos deuses, Itsanagui e Itsanami, que estavam na “ponte” do arco-íris, correram gotas

que, ao caírem no mar, transformaram-se em ilhas, as atuais 4.068. (ZIERER, 1988)

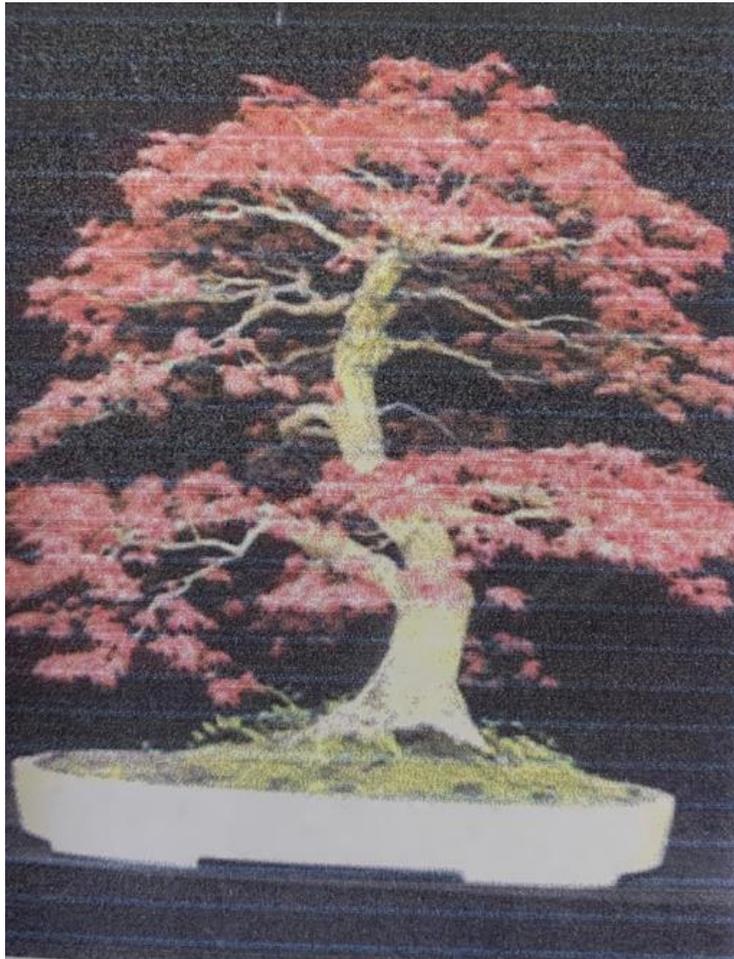
Este mito está na base do inconsciente coletivo, que gerou a conhecidíssima capacidade japonesa de criar a partir de algo dado e com grande esmero na forma (SENSAÇÃO EXTROVERTIDA), pode também sugerir o gosto comum por pontes pintadas, nos jardins japoneses, lembrando o arco-íris.

Os portugueses foram os primeiros ocidentais a chegar no Japão em 1542, na ilha de Tanegashima, onde atualmente existe um centro de lançamento de foguetes. Sete anos depois dos navegantes lusos deixarem presentes na ilha, dentre eles, um mosquete de mecha para as autoridades locais, encontraram ao retornar um grande número de cópias idênticas da arma deixada, que chamavam *Tanegashima*, sinônimo para arma de fogo. (SETTE, 1991)

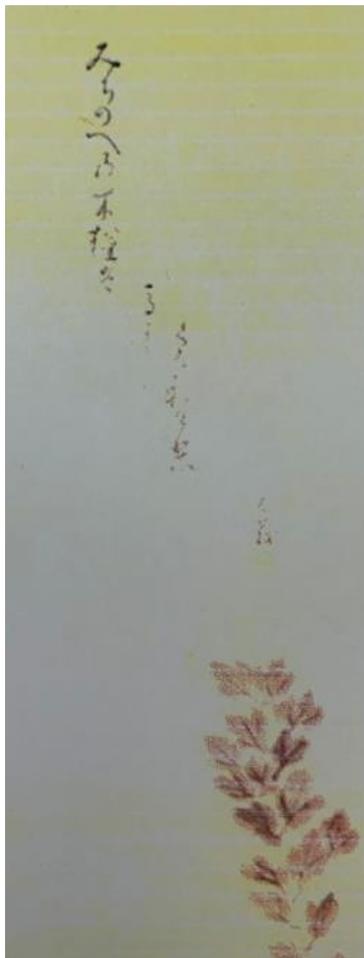
Entre 70 a 150 d. C., o Japão invadiu a Coréia. Passou a existir um contato com a China, e em I d. C. documentos foram importados. A escrita, que de sagrada tornou-se figurativa, e depois, oficial, em 400 d. C, pois no Japão são utilizadas várias formas de escrita. Trouxeram o bambu, no III e IV o arroz e o chá, e a cereja e mais tarde o papel.(ZIERER, *Ibid.*)

FIGURA 7

Tela *Namban Byobu* (telas dos bárbaros sulistas). Do início do período Edo. Século XVII – Chegada dos portugueses –(ABOYER, 1978, p. 154)

FIGURA 8

(THOMSON & COLLINS, 1990. p.92)
Um *bonsai* com mais de 100 anos

FIGURA 9

(THOMSON & COLLINS, 1990, p. 93)

Pintura de MATSUO BASHO do sec. XVII num rolo de papel:

Um hibisco e um poema, onde dá a flor, seu fim;
ser comida por um cavalo.

Em 552 - 623 entra no Japão o budismo. Na mesma época constroem o templo Horyuji, uma das mais antigas construções de madeira da humanidade, seguindo um modelo chinês. Enquanto isto a região em torno de Yamato passa de estado tribal a império feudal. Entre 710 – 784, Nara passa a ser a sede soberana, é um período de desenvolvimento das artes. (ZIERER, 1988.)

Em 784 – 805 a capital passa para Quioto. Vem a época de Heian (domínio dos mosteiros). E a nobreza se divide em duas linhagens: os Taira

e os Minamoto, que guerrearam por 200 anos, assim como duas outras linhagens mais adiante, os Achikaga e os Fugiwara. (ZIERER, *Ibid.*)

Cria-se uma alternância beligerante no poder até que, entre 1185 a 1333, ocorre a Época Kamakura, inicia o *xogunato* (verdadeiro governo) Achikaga, com seu período artístico. O Período Artístico que nasceu nesta época foi o Muromachi, que além da literatura do Cinco Mosteiros (*Gozan Bungaku*), produz também grande quantidade de obras de história retratando o conturbado período. Segundo TARÔ SAKAMATO *apud*. YAMASHIRO (1986), a literatura japonesa com raízes nas tradições do Japão antigo termina neste período. Sendo que a última coletânea de poemas foi publicada por ordem imperial em 1428-64. E em 1252 foi construído o célebre Buda de Kamakura próximo a Tóquio. (ZIERER *Ibid.*) A SENSACÃO EXTROVERTIDA precisa de narrativas factuais, isto é marcante em tempos diferentes na literatura japonesa.

Entre 1534 e 1582 Oda Nabunaga, um *daimyo*, torna-se o renovador do Império. Em 1542 chegam os portugueses, levados por ventos de uma tempestade. Lá são recebidos com a cerimônia do chá e o teatro *nô* (forma de teatro de origem sacra, de conteúdos predominantemente budistas, que retrata a punição e a expiação das almas humanas por intervenção sobrenatural). Em 1549 chegou Francisco Xavier e começou a cristianização. Nesta época os mosteiros estavam envolvidos em conflitos pelo país, os monges criaram exércitos e budistas lutavam contra xintoístas. O país estava varrido pela guerra entre os *daimyo* (que significa, literalmente, grande família ou grande nome; senhor feudal, grandes barões, grandes senhores, em tese vassalos direto do imperador, porém que na era Tokugawa passa a ser vassalo do *Shogun*, que por seu turno, originalmente significava comandante em chefe,

ou generalíssimo responsável pela submissão dos bárbaros, autoridade suprema sob os *daimyo*).

Oda aproveita a situação de discórdia e ataca os mosteiros budistas com seus poderes excessivos. A cristianização começa, e rapidamente se espalha, em alguns lugares torna-se mais forte, especialmente em Hiroxima e Nagasáqui. (ZIERER, 1988)

Com a cristianização, veio também um intenso mercantilismo, especialmente de armas, num país onde as guerras internas e eventuais invasões eram constantes. Vários países europeus começaram a querer dominar territórios do Oriente: como a Espanha, Portugal, Holanda e Inglaterra. Até aqui não há como não considerar que o Japão viveu literalmente sua raiz mítica, foi construído por gotas de lança.

Mas com a morte de Oda, sobe Hideyoshi Toyotomi que expulsa em 1587 os missionários cristãos, ao ter sido informado por um negociante espanhol como a Espanha adquiriu tantas possessões. Ele relatou que primeiro enviavam os padres para conversões, depois semeavam a discórdia (que aconteceu, na verdade, piorando a que já existia). E mais tarde mandavam as esquadras e dominavam a população cansada de guerrear. Hideyoshi, ao saber disto, mandou deter todos os cristãos em Nagasáqui, e depois mandou 9 sacerdotes e 16 batizados serem crucificados. Ele próprio morre não muito depois e sobe ao trono Iyeyasu Tokugawa que, depois de muitas batalhas, em 1600, transfere a capital. Esta recebe o nome de “Capital Oriental”: *Tóquio*. (ZIERER, 1988)

O período Tokugawa, seu *xogunato*, durou 200 anos, e dá o nome a um importante período artístico: Período Edo. O Japão fechou-se culturalmente para o mundo. Como nos tempos anteriores, a arte se divide segundo o tipo de superfície a que se aplica. A mais conhecida hoje é a pintura feita sobre as paredes corrediças dos grandes templos e palácios, como o Nijo-jo em Kyoyo, que retrata cenas de guerra. Existe a pintura em biombos, que retratam o bucólico, e assuntos que vão do grandioso ao íntimo. Importante também é a pintura em rolos de seda e papel. (YAMASHIRO,1988). Curioso é que a divisão do tipo de arte se faz em função do critério da superfície em que é aplicada, marca a relevância das texturas, forte presença da SENSACÃO EXTROVERTIDA.

Dos livros impressos em folhas surgiu uma forma de xilogravura única na arte: o *ukiyo-e*, ou imagem do mundo flutuante, fazendo referência ao ambiente boêmio que retrata, mas também ao conceito budista da vida como uma passagem transitória. Com a abertura do país na Era Meiji, o Ocidente conheceu esta arte, e ela se tornou a mais conhecida das formas japonesas de expressão artística, vindo a influenciar toda a arte pós-impressionista, como aconteceu a Van Gogh e Klimt. (SETTE, 1991). Nesta forma artística, também o sombrio instrospectivo, soturno aparece, assim como o místico numinoso. E por ser tão forte, sendo a função inferior marcante da cultura, tem a condição de estar tão alimentada pelo inconsciente coletivo, que pode ultrapassar fronteiras.

No teatro, além do já mencionado *no*, de origem religiosa e aristocrática, tinha também o *kobuki*, de cunho profano e popular e vários tipos de teatros de bonecos, muitos dos quais deram origem a peças teatrais “humanas”. (SETTE, *Ibid.*)

O jesuíta Almeida descreve o povo japonês:

“ A maior paixão é a honra. Nenhum povo sob o céu pode ser mais ávido de glória e mais suscetível em relação a ofensas. Governam-se pelo sentimento de honra, como homens que pretendem ganhar prestígio e destacar-se por mérito. Dedicam-se principalmente a exercícios guerreiros, usam armas a partir dos 12 anos e não as largam nem ao ir para cama. Mesmo nesse momento penduram as armas ao alcance do leito, para mostrar que até dormindo são guerreiros”. (ALMEIDA apud. ZIERER, 1988, p. 75)

Esta descrição não só é uma síntese do que se observa percorrendo a história do Japão, em seus inúmeros eventos belicosos. O que há de curioso, é que a honra é o tema central, ela se relaciona não apenas com um valor para si, mas necessariamente envolve as opiniões alheias, sendo reforçada pelo ritual da arma ao dormir, que é para parecer aos outros que se é um guerreiro. A SENSACÃO EXTROVERTIDA aqui é exposta de forma grandiloquente.

O *haikai* como os de Buso Tosa (1716 - 1783), poemas objetivos que atribuem grande valor à natureza. Já Issa Kasei cria *haikais* realistas. Estas formas desenvolvem duas modalidades de poesias, as cômicas e as epigramáticas, chamadas *senryû* e o *kyôka* (literalmente, poemas loucos), que diferem também pelo número de sílabas, um com 17 e o outro com 30. (YAMASHIRO,1986). Embora também sejam chamados de *haiku* os poemas que contenham apenas 17 sílabas. Que é um forte demonstrativo da preocupação com a forma espacial.

Os bombardeios de Shimonoseki e Satsuma por potências ocidentais fizeram iniciar o período de “abertura”. Termina o período medieval. Entre

1869 e 1912 é a Época Meiji de adaptação ao mundo circundante. Neste período ainda existem batalhas, agora só externas. Em 1882, usam a Constituição Alemã, depois de recusarem várias, como modelo para criação do Parlamento Imperial Japonês. (YAMASHIRO, *Ibid.*) A identificação com a visão de um povo guerreiro como o alemão não é casual. Existiram períodos com agruras sincronicamente acontecendo na história destes dois países que tiveram ambos dificuldade de se consolidar como nação. Aparentemente algo mais parece ter o Japão com a Alemanha, além desta ser função auxiliar da cultura japonesa, o PENSAMENTO.

Depois de um período de isolamento de 200 anos, a relação extrovertida de tentar relacionar-se de modo mais criativo torna-se forte. Até então a relação com o mundo externo era beligerante. Assim, uma fase de grande desenvolvimento junto ao mundo tem início. Na Restauração Meiji vai ocorrer um grande progresso científico, como a invenção do sismógrafo por Fusakichi Ohmori (1868 -1923), além de várias descobertas em biologia, física, sociologia, astronomia e botânica. (YAMASHIRO, 1986)

Ainda neste período a literatura serve a finalidades éticas e educativas, de acordo com a moral confucionista que vem desde o período Edo. Por outro lado começam a aparecer as traduções de obras literárias ocidentais, e então *Shôsetsu Shinzui* (A Quintessência do Romance), de Shôyô Tsubouchi (1859 -1935), contribui de modo decisivo para a mudança da mentalidade literária no país. (YAMASHIRO *Ibid.*) A questão das normas de conduta são algo que marcam as culturas SENSACÃO EXTROVERTIDA.

Em 1941, ocorre o ataque a Pearl Harbor. Entra o Estados Unidos na segunda guerra mundial. Em agosto de 1945, Hiroxima e Nagasáqui são

bombardeadas com bombas atômicas. Em 51 são instaladas bases militares americanas no Japão. Só em 1977 ocorre a reconciliação com a China. Em 1981 ocorre a denúncia de que navios americanos estariam estocando armas nucleares nos portos japoneses provocando grande onda de protestos. Em 1981 Zengo Suzuki renuncia a candidatar-se pelo PLD. Yasuhiro Nakasone torna-se primeiro-ministro e dá início a um total alinhamento com os Estados Unidos. (ZIERER, *Ibid.*) A revolução que vem sendo o choque de duas culturas que têm a mesma tipologia, mas uma ocidental individualista e a outra oriental e coletivista, vêm provocando crises enormes de referência que tem trazido para os jovens problemas de orientação para com a vida. O país porta ainda hoje o maior índice de suicídio infantil, que é, segundo a OMS, o sinal de problemas psíquicos mais graves que uma cultura pode apresentar.

Nas últimas décadas o Ocidente contactou-se com uma forma nova de arte que foi o cinema japonês, bem representado por Akira Kurosawa que, em 1950, faz “Rashomon”, relatando a história do assassinato de um samurai, contada por várias versões, inclusive a da alma do morto. Em 1952 fez “Viver”, filme que descreve a situação do Japão nos anos 50. Em 1954: “Sete Samurais” (*Samurai*, ou *Bushi* é toda a classe de homens de guerra, e mais propriamente dito o guerreiro subordinado ao *daimyo*, com o direito de usar duas espadas), cuja refilmagem americana foi “Sete Homens e Um Destino” (1960). Em 1955, a “Anatomia do Medo” conta a história de um rico japonês que pensa em expatriar-se no Brasil, em função de seu pavor de uma guerra atômica, e acaba ficando desequilibrado. Em 1965, “Barba Ruiva”, definida pelo próprio autor como ‘*um monumento erguido ao que existe de bom no homem*’. Segue-se, então, “Dersu Uzala”, em 1975, filmado na Rússia, sendo o mais caro filme japonês até então, obra-prima sobre o encontro do “homem natural” e um cientista. Em 1980 faz “Kagemusha, A Sombra do

Samurai”, história passada no século XVI, enfocando a guerra entre os clãs, onde um pobre coitado substitui um senhor de guerra já morto. (SADOUL, 1993). Na obra deste artista desfila a própria história da arte japonesa com temas bélicos que ela sempre se ocupou, com uma e outra eclosão da função inferior (a INTUIÇÃO), trazendo o fantasmagórico, o misterioso.

Outro fato a considerar é a importância de histórias em quadrinho de desenhos animados, internacionalmente conhecidos, como nos E.U.A. Outra característica digna de nota é o conhecido fascínio japonês por fotografia, nada pode ser mais popular, e tão a gosto da SENSÇÃO EXTROVERTIDA.

Agora farei uma breve observação sobre dois países que se destacam por ter a SENSÇÃO INTROVERTIDA: a Suíça e a Inglaterra. Um pouco desta visão fica clara na descrição do suíço:

“ Uma das coisas mais notáveis que veio à luz é que entre o nosso povo (suíço), considerado sóbrio, sem fantasia, racionalista e materialista, há tantas histórias de espíritos e coisas semelhantes como, por exemplo, na Inglaterra ou Irlanda. Pude constatar por experiência própria e de outros pesquisadores que a feitiçaria, praticada na Idade Média e em tempos remotos, não morreu mas floresce hoje como há milhares de anos”. (JUNG,1998, p. 329)

E assim, deixo o leitor pensar tudo o que sabe a respeito da cultura dos relojoeiros, aqueles que aperfeiçoaram a necessidade de controle do tempo, de modo espacial, característica forte nos tipos SENSÇÃO, e conseqüentemente excelentes fabricantes de equipamentos de precisão. Os queijos, o chocolate, seu importante produto, afinal para a SENSÇÃO o sabor é fundamental. Conhecidos como sérios e honrados, conservadores,

com a neutralidade levada ao nível da conduta internacional, como é de praxe nos tipos SENSACÃO INTROVERTIDA, têm, por outro lado, num dos pilares da sua economia, a curiosa situação de ser como o “covil do Alibabá”, tudo isto faz todo o sentido, pois a sombra precisa aparecer, e adora ser oblíqua.

Um dos mais proeminentes autores suíços é Thomas Mann, nascido em Zurich (1875 – 1955), o escritor de “Ocaso de uma Família”, “Alteza Real”. Apesar de ter escrito “Considerações de um Apolítico”, era ligado às tradições filosóficas, musicais e conservadoras da cultura alemã, como um todo, e externava seu repúdio ao fascismo. Escreve também “Morte em Veneza”, onde procura mostrar a oposição fundamental entre vida e espírito, num estilo contido, e “A Montanha Mágica”, onde expõe a mente enferma da civilização contemporânea. (PENGUIN & ALIANZA, 1971,b)

Seu estilo é marcado por ironia (comum também na literatura inglesa), e um certo jogo de pensamento e experiência de contrários, opondo-se valores e conceitos de vida. Foi influenciado por Schopenhauer, Nietzsche e Wagner. Mann, em sua busca acaba entrando por idéias metafísicas pessimistas, paralelamente com sua descrição épica, talvez a isto se deva o comentário:

“Tenho forte suspeita de que Thomas Mann era um tipo perceptivo introvertido. Ele descreve todos os detalhes de uma cena e nas suas descrições expressa plenamente a atmosfera de um ambiente ou de uma personalidade. Essa é uma espécie de sensibilidade que absorve os menores matizes e os mais íntimos detalhes”. (VON FRANZ, 1995, p. 47)

Curiosamente, quando Jung esteve na Índia, cuja função psicológica é função INTUIÇÃO INTROVERTIDA, fez a seguinte observação a respeito do tipo psicológico oposto ao seu país:

“Observei, ao que me parece, o fato peculiar de que o indiano, na medida em que é realmente um indiano, não pensa, ao menos não o que nós chamamos ‘pensar’. Ele, antes, percebe o pensamento”. (JUNG, 1978, p. 527)

“O ‘pensar’ do indiano, porém, é um aumento de visão e não um ataque predatório aos campos ainda não conquistados da natureza”. (*Id*, p. 529)

Os mais impressionantes relatos de viagem à Índia costumam ser feitos por tipos sensação. O próprio modo de pensar a que Jung se refere, é um pensar embebido pela aura da intuição, onde as coisas são ocorridas à mente do indivíduo.

Como já se tem visto, é de um país de um tipo, que surge uma figura, que, em geral, ela mesma é do tipo oposto, e acaba sendo como que um grande anzol, que pesca para o mundo no inconsciente coletivo o que se revela especial para toda a humanidade. Um exemplo importante é o próprio Carl Gustav Jung, com sua autodeclarada INTUIÇÃO INTROVERTIDA, que trouxe literalmente à luz, entre as montanhas suíças, a obra que revolucionaria a psicologia, a chamada Psicologia Profunda ou Psicologia Analítica.

Passo agora a falar um pouco da Inglaterra, e já se começa a entender porque tantos romances ingleses sobre magia e fascínio são ambientados na Índia (tipo funcional oposto) e fazem estrondoso sucesso (digno de uma irrupção de função inferior). Exemplo de magia e sucesso aparece em Harry Potter de J. K. Rowling, o maior fenômeno editorial do mundo até hoje. É

demonstrativo claro do que pode a função inferior trazer para a civilização uma vez que é acessada num país de cultura oposta.

A Inglaterra, assim como a Suíça, têm forte apego às tradições e às instituições. Há mesmo um dito que bem coloca a visão de imutabilidade das coisas, para que deixem estes tipos confortáveis. “Um dia restará 5 reis no mundo, os 4 do baralho e o da Inglaterra”. Pois tudo, para ser razoavelmente confiável, deve-se se manter o mais possível inalterado, assim como a guarda imóvel do Buckingham Palace.

Lá está o enigmático Stonehenge, um círculo sagrado de pedras em Wiltshire em 2.000 a. C. (MOORE, 1991). A sua Constituição, a mesma Carta Magna promulgada em 1225, mantém-se até hoje. (HOUAISS, 1980, b) De um lado a pedra e o mistério, de outro o conservadorismo em sua expressão única no mundo.

Se entre suíços a questão do controle espacial do tempo é marcada pela excelência mundialmente reconhecida de seus relógios, que diremos de ter em Londres um marco turístico lendário, presente em inúmeros romances, o Big Ben, além do fato de o relógio de pulso ter sido descoberto pelo inglês John Floyer (1649 – 1734). (ASIMOV, 1993). E como se isto não bastasse, é a partir de Greenwich que o tempo do mundo é medido.

Em 1249 -1284, são fundadas as primeiras Universidades em Oxford e Cambridge. Em 1668, Isaac Newton realiza experiências com a luz e constrói o primeiro telescópio refletor. Em 1700 - 1800 ocorrem grandes avanços na agricultura: culturas rotativas mostram-se mais eficientes. Em 1769 surge a máquina de fiar, movida à água, que possibilita a produção

maciça de fios. (MOORE,1992). Precisão e método, associações do tipo SENSACÃO INTROVERTIDO.

Entre 1837 e 1901, com a rainha Vitória, o Reino Unido se transforma no “império onde o sol nunca se põe”. Em 1839 ocorre a publicação da “Origem das Espécies” de Charles Darwin. Em 1922 é Fundada a British Broadcasting Company BBC, que em 1927 passa a ser de controle estatal. Em 1944 o ensino secundário torna-se compulsório para menores de 15 anos. (MOORE, *Ibid.*) A BBC é um marco de extroversão numinosa, tanto que sua história é de tal relevância que em momentos se confunde com a história moderna. Ela também é presente até hoje em praticamente todo o planeta.

A filosofia deu nomes como Thomas More (1478 -1535), advogado, autor da “Utopia”, onde descreve a busca de um ideal político, que possua um sistema nacional de educação e que cultive a tolerância religiosa. Francis Bacon (1521 - 1626), advogado, apresentou uma taxonomia dos métodos científicos e empreendeu durante sua obra longa batalha contra “os falsos” métodos metafísicos. Thomas Hobbes (1588 -1679), filósofo, matemático, lingüista e poeta, fazia piada com o fato de sua mãe ter entrado em trabalho de parto quando da aproximação da “Armada Invencível”, daí dizia: *”O medo e eu nascemos gêmeos”*. (Blackburn, 1997, p.184). Curiosamente, sua obra mais famosa foi o “Leviatã”, cujo título referencia Jó, 41, em que o poder aterrorizante do mar é descrito como metáfora do poder absoluto do Estado. Ao fim da vida disse: *“Passei 91 anos à procura de um buraco para sair deste mundo, e por fim o encontrei”* (*Id.*). O flerte com o metafísico representa o estar andando guiado pela função inferior de sua cultura, o que alavanca um grande cientista ou artista do seu país para a universalidade, com frequência.

John Locke (1632 – 1679), sua filosofia foi vista como anti-racionalista, pois elege a experiência e as idéias vindas da sensação e da reflexão, para o papel central no entendimento humano. Aqui não poderia ficar mais bem definida a tipologia SENSACÃO INTROVERTIDA.

Hebert Spencer (1820 – 1903) criou uma obra muito influente sobre Educação, (BLACKBURN, 1997) onde defendia o desenvolvimento natural da inteligência, e a criação de interesse por coisas agradáveis, a importância do estudo das ciências nas escolas. Novamente aí, aparece a ênfase na importância da SENSACÃO.

Bertrand Russell (1872 – 1958), filósofo que se concentrou nos fundamentos da matemática, fundou e dirigiu uma escola e ensinou em Universidades dos Estados Unidos. Informa Blackburn (*Ibid.*, p. 348) que, a City University de Nova York recusou-o por achar sua obra: “*devassa, afrodisíaca, destituída de moral*” dentre outras desonrosas observações. Preocupou-se em conciliar os princípios da lógica moderna com o empirismo básico. Com certeza havia um matiz sensorial muito forte.

A vasta literatura inglesa mereceria uma tese separada, tal sua complexidade. SHAKESPEARE (1989) como ninguém em toda a história da literatura conseguiu descrever como se movimentam os arquétipos, pois seus personagens são arquétipos quase puros. Sua obra ensina sobre possibilidades do comportamento humano. Chego a considerar a leitura obrigatória para quem trata de almas humanas.

Purcell (1659 – 1695) compôs, predominantemente, músicas descritivas, solicitadas pela família real. (ISACS & MARTIN, 1985).

Gustav Holst (1874 - 1934) teve uma marcante influência do misticismo hindu. Logo que saiu da escola começou a estudar o *Rig Veda*, que lhe deu inspiração para compor algumas músicas. Havia também seu envolvimento com a astrologia. Compôs “Os Planetas”, sua suíte mais famosa. Outra vez, temos um demonstrativo de que o grande artista recebe inspiração da função inferior de sua cultura. (HOPKINS, 1989).

Em Edward Elgar (1857 -1934) está presente o tom inglês da relação música e instituição como em Purcell. (HOPKINS, *Ibid.*) Torna-se um dos compositores ingleses mais famosos no mundo. Sua “Pompa e Circunstância” passa a ter importância patriótica, quase como um segundo hino. Ocorre o mesmo com sua cantata “Espírito da Inglaterra”. Tradição e SENSACÃO INTROVERTIDA andam juntas.

William Turner, cujo estilo influenciou (1775 -1851), assim como o de John Constable, o paisagismo europeu, chegando até aos impressionistas franceses (CAVALCANTI, 1978). Por outro lado, foi influenciado pela tendência inglesa de pintura da sua época, com gosto por paisagens, ruínas, e vistas de torres. (GATT, 1968, p. 7) “*eminente topográfico e ilustrativo de pintar*”. Pode-se dizer que este estilo é marcadamente a expressão máxima em pintura da SENSACÃO INTROVERTIDA. (Fig. 10)

Por outro lado, William Blacke (1757 – 1827), poeta e pintor, na sua pintura o “Ancião dos Dias”, frontispício de Europa, Uma Profecia, faz

incursão no transpessoal. (Fig. 11). JANSON descreve sobre esta pintura que se segue de Blacke:

“ ...seria de se esperar que o Anciã fosse Deus-Todo-Poderoso, mas na mitologia esotérica de Blake representava antes a Razão, que o poeta considerava destrutiva por sufocar a visão da inspiração”. JANSON (1989, p. 593)

FIGURA 10



Travessia do Regato TUNER
(WALKER, 1995, p, 75)

FIGURA 11

Primeiro Dia WILLIAM BLAKE
(LOPERA *et al.*, 1995, a, p. 18)

CAPÍTULO II

FUNÇÃO PENSAMENTO

1. CONCEITO

A função PENSAMENTO, assim como a SENTIMENTO, são, no entender de Jung, funções racionais.

“Classifico ambos os tipos precedentes como tipos racionais, ou tipos judicativos, porque se caracterizam pelo primado das funções racionais ou julgadoras”. (JUNG, 1981, d, p. 419)

Os esquemas abaixo ilustram os dois tipos: Na figura 12 destaca-se o PENSAMENTO EXTROVERTIDO que tem seu foco no objeto, e passa em geral predominantemente pelo ego. Daí seu aspecto de determinação e força de vontade, como chaves da sua eficiência. O PENSAMENTO INTROVERTIDO, na figura 13, cujo foco está no subjetivo, também precisa de determinação, e mesmo atenção. Assim sendo, o ego e a consciência determinam papel vital para seu funcionamento. Jung descreve o PENSAMENTO EXTROVERTIDO.

“Esse tipo humano, não só para si próprio como para os outros que o rodeiam, concede o poder decisivo à afetividade objetiva ou à sua fórmula objetivamente orientada. Essa fórmula constitui a medida do bom e do mau, do belo e do feio. É bom tudo o que corresponda favoravelmente, mau tudo o que contradiga a fórmula, e é contingente tudo quanto ocorra, indiferentemente, à margem dela. Ao apresentar-se tal fórmula como símbolo representativo do mundo, dela se faz lei do mundo que será sempre e acima de tudo estabelecida pela realidade, tanto no particular como no universal. O tipo pensativo extrovertido não só se subordina à sua fórmula

como pretende também que assim procedam todos quantos o cercam, para o bem próprio de cada um, pois quem não o fizer prevarica e contradiz a lei do mundo, sendo, portanto, insensato, imoral e sem consciência. Ao tipo pensativo extrovertido é proibido tolerar exceções, pois seus ideais terão de ser uma realidade acima de tudo, visto que, em seu entender, trata-se da formulação mais pura da afetividade objetiva e, por conseguinte, há de ser uma verdade universalmente válida, imprescindível para a salvação da humanidade. E tudo isto não tem por causa o amor ao próximo, mas, de acordo com o seu ponto de vista superior, a justiça e a verdade ... Este tipo pode, como reformador, como promotor e depurador público das consciências, ou como propagandista de importantes inovações, representar um papel extremamente útil para a vida social ...

Mas quanto mais limitada for a fórmula, tanto mais este tipo aparecerá com as características do crítico eternamente descontente, argumentador e auto-suficiente, que desejaria encaixar-se - a si próprio e aos demais - num determinado esquema ...

O ponto de vista intelectual que, em virtude do valor que efetivamente lhe corresponde, deveria porventura aspirar reconhecimento geral, sofre uma alteração característica, provocada pela influência da suscetibilidade pessoal inconsciente: torna-se dogmático e rígido.

Goethe personificou essa maneira de pensar na figura de Mefistófeles. Revela, acima de tudo, a tendência para reduzir o objeto de seu juízo a uma trivialidade, para retirar-lhe qualquer significado independente". (JUNG, 1981, d, p. 404-412).

Outra questão levantada neste texto, é a situação de idealistas extremados, que por quererem forçar a realização do que acreditam ser o melhor para a humanidade podem se fazer valer de meios escusos para conseguir seus objetivos, visto que o SENTIMENTO, o portador da ética num sentido mais abrangente, está inconsciente, por ser a sua função inferior. Jung relata casos de cientistas que falsificam dados, pois estão convencidos de uma verdade de validade universal. Quando eventualmente isto não se comprova, advém o impulso de falsificar. (JUNG, 1891, d). De certo modo o pensamento destes indivíduos é dogmático. Chega a ser curioso como

defendem “religiosamente” suas idéias materialistas, as pessoas tipo PENSAMENTO EXTROVERTIDO¹⁸.

Quantas vezes nos deparamos com cientistas que não estão defendendo um pensamento, mas poderíamos dizer que o pensamento “os têm”, e assim escravos dele, tentam, como bons extrovertidos, escravizar os outros também. Alguns são desvelados idealistas, a tal ponto que descuidam de si e de suas famílias. Novamente, “as idéias” estão de posse do sujeito e o vemos com uma capa doutoral plácida e segura, enquanto seus familiares se defrontam com um tirano quando despido da capa. E isto tende a piorar, pois o SENTIMENTO inferior pode tornar-se um depositário de mágoas, o que os leva para um círculo de tirania e ressentimento para com os mais próximos.

¹⁸- *“No tipo pensamento extrovertido, o pensar é orientado para aplicações externas, para uma realidade objetiva. O intelecto extrovertido se alimenta do objeto, de certa maneira, e na análise final acaba voltando para ele, e com isto exclui o sujeito. É um fato sabido que a ciência natural moderna adota este modo de ver. O protótipo de todas as ciências naturais/ física tem nos forçado a aceitar o paradoxo que na esfera microfísica, o sujeito ... observador ..., é inevitavelmente parte do processo, e por isto e não pode ser totalmente eliminado. Para o tipo clássico pensamento extrovertido, tudo depende de julgamento intelectual, e nisto ele se comporta de acordo com uma fórmula ou um princípio derivado do objeto externo. Este princípio governa todas as ações e leva para a formulação de leis. Estas leis são declaradas aplicáveis para todas as demais pessoas. Infelizmente esta atitude freqüentemente leva a uma certa tirania intelectual”.* (MEIER, 1995, p. 33 - 34)

FIGURA 12

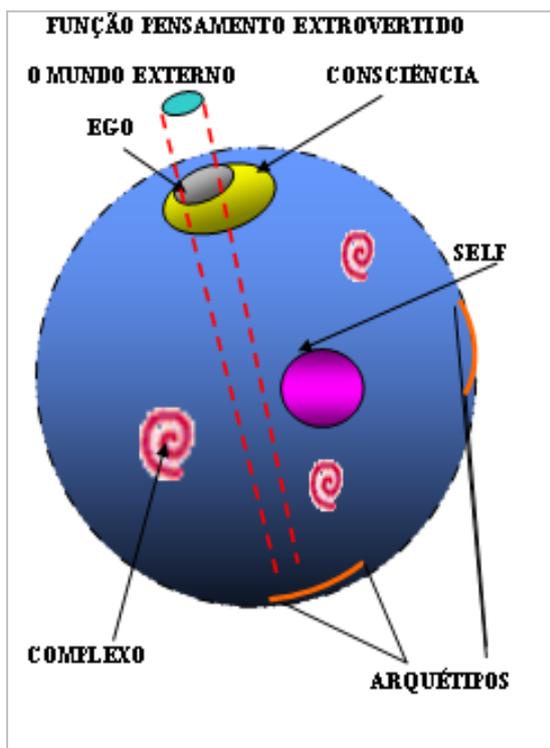
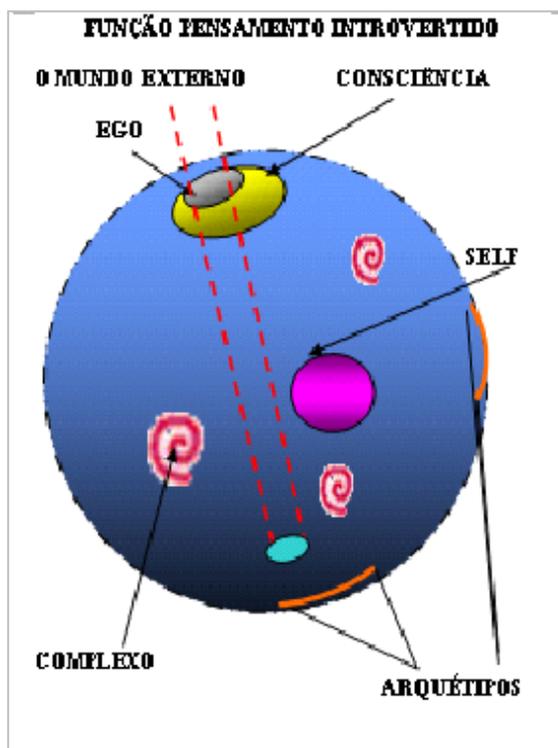


FIGURA 13



O tipo PENSAMENTO EXTROVERTIDO é aquele que aparece em excelentes organizadores, nas leis e nas ciências. Gosta de estabelecer a ordem das e nas idéias. Será aquele que, numa reunião ater-se-á aos fatos, pontual e sinteticamente. Não está voltado para o pessoal (subjetivo). Este tipo tem uma ligação mística com as pessoas. Porém, o sentimento profundo e arrebatador nele raramente aflora, embora ajude a criar fortes lealdades de extrema discricção. São fiéis aos seus amigos, mas é deles que deve vir a aproximação. Por ser a função inferior, ela pode emergir arcaica, sob a forma de explosões em geral, aderidas a idéias fanáticas. Assim como pode acontecer de aparecer sentimentos pueris nestas pessoas e conversões repentinas. É digno de nota que no tocante a conversões abruptas, a emergência da função inferior está em geral envolvida. (VON FRANZ & HILLMAN, 1995)

Quanto ao tipo representado pela figura 13, O PENSAMENTO INTROVERTIDO,

“ O pensamento introvertido orienta-se, em primeiro lugar, pelo fator subjetivo. Este encontra-se representado, pelo menos, por um sentimento subjetivo de organização que, em última análise, é o que determina o juízo. Por vezes, é também uma imagem mais ou menos acabada que, até certo ponto, serve de padrão. Este pensamento pode tratar de grandezas concretas ou abstratas, mas, nos momentos decisivos, orienta-se sempre pelo subjetivamente dado ... Equaciona teorias, fornece visões e sugestões, mas conserva uma atitude prudente ante os fatos. Aceita-os como ilustração e exemplo, mas não lhes concede preponderância...

... Nunca pretende fomentar uma reconstrução mental dos fatos concretos, mas a transformação da imagem vaga e imprecisa numa idéia nítida e luminosa.. O pensamento introvertido revela uma perigosa tendência para forçar os fatos a submeterem-se e conformarem-se à imagem previamente formada, ou a ignorá-los para que possa expor a imagem criada em sua fantasia. Neste caso, a idéia exposta não poderá negar sua proveniência da obscura imagem arcaica ...

Naturalmente , o experimentado não é apenas primitivo, mas também simbólico, e quanto mais remoto e primário parecer, tanto mais prenehe estará de verdades futuras, pois tudo o que é arcaico no nosso inconsciente pressupõe um devir”. (JUNG, 1981, d, p. 441 - 444).

JUNG (*Ibid.*) designa Darwin como representante do tipo PENSAMENTO EXTROVERTIDO, e Kant como um tipo PENSAMENTO INTROVERTIDO. Enquanto que o primeiro centra-se nos fatos, o segundo está envolvido na subjetividade.

A natureza do pensamento introvertido tende a ser descritiva, porém não se origina no objeto, mas advém da subjetividade. Desta forma tendem

ao pensamento que se entende como “profundo”, em contraponto com o pensamento abrangente, e em geral classificador, do tipo extrovertido.

Muitas vezes este tipo forma um juízo que pode dar a impressão de frieza, justo pelo seu afastamento em relação ao objeto. O objeto é sempre motivo de desprezo, por isso arranjam vários tipos de estratégias para mantê-lo na devida distância para que não os ameacem.

Não são de velar pelo que criam, nem de solicitar ajuda na criação e não costumam pedir favores a pessoas influentes. Porém se lhes parece legítimo seu produto imaginativo, acham que todos à volta devem acatá-los.

São obstinados em suas idéias, até porque são um tanto imunes ao meio externo. O lado negativo disto é que se deixam usar pelas pessoas, ou não percebem que o prejudicam, devido à relação com o objeto ser tão secundária, chegando mesmo a serem capazes de não perceber o valor de suas idéias para o mundo. Os tipos PENSAMENTO INTROVERTIDO,¹⁸ por outro lado, podem ser vítimas de sobreestimação.

Muitas vezes complicam muito seu cotidiano, com pequenas regras de caráter defensivo, e trabalham de um modo taciturno. Seu sentimento pode muito facilmente ser envenenado (fofoca, malidicência) pelas pessoas à volta. O sentimento pode parecer ainda que leal, um tanto pegajoso. Poderá se dedicar inteiramente ao outro, mas com um amor infantil, e um tanto sem controle de adequação ao outro. O exemplo apresentado por Von Franz & Hillman (1995) é o filme “O Anjo Azul”, de 1930, dirigido por Sternberg, onde o personagem é um professor de

matemática, clássico tipo PENSAMENTO,¹⁹ que apaixona-se devotadamente por uma mulher de cabaré, arruinando-se por isto.

São tipos mais apreciados na intimidade do que publicamente, onde muitas vezes em seu ambiente profissional suscitam rivalidades extremas.

É bom lembrar que a função inferior pode ser trabalhada com disciplina ou senso de humor. Se ela não funcionar maravilhosamente no mundo cotidiano, pelo menos não agirá de modo catastrófico, pois sabemos que ela é sistematicamente evitada, fica tão subdesenvolvida que retorna abruptamente gerando situações muito negativas.

19 -

“O pensar é uma função racional. No tipo pensamento Introverso o acento principal fica na idéia, apesar dela não ser tão proveniente do objeto, mas sim do sujeito. É então muito freqüentemente baseado nos conceitos arquetípicos, no que a idéia é compreendida como a formulação intelectual destes conceitos. ‘As imagens primordiais’ de Jacob Burckhardt são vistos como os estágios preliminares da idéia.

O pensador introvertido parte para novos pontos de vista ao invés de fatos novos, este último sendo usado como suas melhores amostras. Suas conclusões provêm do sujeito e a ele retorna. Quando no entanto o pensamento extroverso vai de objeto para o objeto. Tendo em vista a ligação inadequada com o objeto, ele não se expressa bem, o que torna difícil descrever este tipo. Ele é forte na essência de algo e fraco nas palavras. É seguro dizer que a vida do pensamento introvertido é governada pela idéia e como já falamos, esta idéia vem do fator subjetivo. Em contraste ao extroverso porém, esta idéia não é posta em prática, nem aplicada a outros e nem recomendada a eles. Desta maneira é apenas pensamento mágico, ou na pior das hipóteses ressentimento. Este tipo não tem fé na sociedade e é então facilmente desencorajado. Quando ele começa a formular uma idéia ele faz isto só para si próprio. E daí tende a idealizá-la, e subordinar tudo a ela. Do outro lado ele não faz nenhuma tentativa para colocar esta idéia em prática ou se ele o faz é então em relação a si próprio. Daí o tipo pensamento introvertido permanece alienado do mundo. Ele tende freqüentemente a ser auto-destrutivo na sua autocrítica severa. (MEIER, 1995, p. 41 – 44)

CAPÍTULO II

2. OBSERVAÇÃO DO TIPO PENSAMENTO NAS CULTURAS DOS PAÍSES

O tipo PENSAMENTO EXTROVERTIDO é bem representado pela cultura alemã, enquanto o tipo PENSAMENTO INTROVERTIDO é bem representado pela cultura da Escandinávia.

Uma observação que demonstra o valor da compreensão das diferenças que o estudo da tipologia pode trazer para o entendimento entre povos é esta abaixo feita por Jung, sobre a Alemanha, sendo um país cuja cultura é predominantemente PENSAMENTO EXTROVERTIDO, e a França um tipo SENTIMENTO:

“Há algum tempo atrás passei uma noite agradável em Paris. Era convidado de alguns homens bastante cultos e nossa conversa foi muito boa. Pediram minha opinião sobre diferenças nacionais, e julguei o momento adequado para botar a minha colherada na mistura; ‘O que vocês valorizam é ‘la clarté latine, la clarté de l’esprit latin’, eis por que o pensamento de vocês é inferior. É inferior quando comparado ao germânico’. Ficaram de orelha em pé e eu continuei: Mas o sentimento de vocês é insuperável, totalmente diferenciado’. Perguntaram-me: ‘Como assim?’ Repliquei: ‘Vejam, por exemplo, um café, um Vaudeville, ou qualquer lugar em que se ouvem canções ou encenações dramáticas, aí se nota um fenômeno muito particular: há um grande número de coisas grotescas e cínicas, mas de repente qualquer coisa de valor sentimental acontece – a mãe perde um filho, um romance se concretiza ou então explode qualquer fato extremamente patriótico, e a gente é forçado a ir às lágrimas. Para vocês, sal e açúcar têm de vir sempre juntos. Mas um alemão consegue agüentar uma noite inteira só à base de açúcar, o que é impossível para os franceses. Vocês encontram uma pessoa e dizem Enchanté de faire votre

connaissance, mas ninguém está enchanté coisíssima nenhuma; o que se sente na verdade é ‘Ora, não me aborreça muito’. Mas ninguém se perturba com isso. Agora, nunca digam a um alemão: Enchanté de faire votre connaissance, porque ele vai acreditar nisso. Um alemão nos vende um par de suspensórios e não espera apenas, como seria natural, que o paguemos, mas sim que o amemos por isso.

A nação alemã se caracteriza pela sua inferioridade em relação à função do sentimento, pela sua indiferenciação”. (JUNG, 1998, p. 63 - 64)

A Alemanha, como observou certa vez o príncipe Metternich no século XIX, não é um conceito geográfico, mas sim abstrato, visto que, é composta por uma multiplicidade étnica. Cada parte possui histórias e culturas separadas, o que faz acentuar enorme regionalismo. (TULLEKEN, 1991). Este fato continua a existir mesmo nos dias de hoje, pois, culturalmente, o processo de reintegração da velha Alemanha Ocidental e Oriental é ainda lento, sendo guardadas diferenças na maneira de ver a realidade. Tais regionalismos criaram em sua história a marca das disputas, que levaram a séculos de conflitos, entre si e com os seus vizinhos. Nisto se assemelha à história do Japão.

O tom destas diferenças tem um acento de correto e incorreto, algo que como metáfora poderíamos dizer, ou preto ou branco. E esta metáfora, literalmente materializou-se na arquitetura da cidade de Freudenberg na Renânia, foto em TULLEKEN (*Ibid.*, p. 55), onde o padrão de casas de madeira em preto-e-branco é típico, existindo mais de um milhão delas, e as normas para a construção de novas casas exigem que se harmonizem com as já existentes.

Tanto conflito criou provavelmente a necessidade de uma linguagem comum a todos, sendo ela “a mãe da criação”, é natural que neste país tenha

surgido em 1455 o primeiro livro impresso por Johann Gutenberg (1397 – 1468). Imprimiu seu primeiro livro, uma Bíblia, sobre tal invento escreveu Vitor Hugo *apud* Tulleken (*Ibid*, p. 75): “*A invenção da imprensa é o maior dos eventos históricos, a mãe de todas as revoluções*”.

Com enorme capacidade produtiva, porém nem só de trabalho vive o alemão, por certo. Contudo o modo de se divertir é organizado, haja vista alguns hábitos: o protocolar “*Gut essen gehen – sair para comer fora bem*”, que é o hábito de comer em restaurante, pelo menos uma vez por semana. (TULLEKEN, *Ibid*), a existência de uma Irmandade de Cervejeiros, que se reúne no Mosteiro de Adechs, na Baviera, onde monges beneditinos fabricam cerveja desde a Idade Média. O hábito foi iniciado para a bebida ser consumida durante os jejuns, pois se acreditava, fosse nutritiva. Depois, passaram a produzir para os habitantes da cidade, e continuaram ampliando a produção. Mas não é um caso particular, visto que muitos outros mosteiros na Baviera também produzem cerveja, com rígidos critérios até hoje, e que foram estendidos a todas as cervejarias da Alemanha. Além do fato de beber ser a principal atividade associativa alemã. (TULLEKEN, *Ibid*.)

Há o famoso Oktoberfest em Munique, onde mais de 5 milhões de pessoas, nas estimativas até o final dos anos 80, participam de dezesseis dias de intensa comemoração anual, marcados por um aparato de organização digno de nota (TULLEKEN, *Ibid*.)

Em função de uma cultura que se desenvolveu na diversificação de principados, ducados, estados soberanos e cidades livres, e todos gostarem de desenvolver suas próprias comemorações, redundava que há sempre uma ocasião festiva no calendário do país. Muitas são tradicionais desde a Idade

Média. Na Renânia, por exemplo, existe uma temporada carnavalesca que dura 3 meses e que culmina com milhões de pessoas participando de uma frenética diversão bem desinibida, que dura 5 dias. Há também o *Karnaval* também chamado de *Fasching* na Baviera e *Fastnacht* ou *Fasnet* em Baden-Württemberg (do latim, *carne vale* – adeus carne), que acontece em várias partes do país. Curiosamente, um velho ditado popular diz TULLEKEN (*Ibid.*,p. 118) “*Quem desgosta de mulher, de vinho e de cantar, permanece na tolice enquanto durar a vida*”. Tal ditado foi atribuído a Martin Lutero pelos próprios seguidores. Outra frase que entrou para a história no século XV, quando os ascetas criticavam a baderna alemã nos dias que antecediam a Quaresma, um clérigo teria dito TULLEKEN (*Ibid.*,p. 118). “*um tonel de vinho que não for drenado certamente explodirá*”.

Deste modo, não só percebe-se que a sombra de seriedade, objetividade, do PENSAMENTO EXTROVERTIDO, precisa ser liberada, de quando em vez, pois caso não ocorra uma certa “descompressão”, o resultado pode ser uma beligerância funesta, saída única que pode ser encontrada para um sentimento arcaico.

Os alemães têm como uma das fontes de lazer o turismo (50% sai do país uma vez ao ano). Possivelmente, outra saída para o SENTIMENTO, poder ter vasão. Quase 25%, segundo algumas estimativas, em outras até 40% da população, pertence a clubes esportivos devido à tendência de se associar, característica da cultura. Diz um ditado popular: “*Quando dois alemães se encontram, apertam as mãos, mas quando são três, formam um clube*”. (TULLEKEN, 1991)

Juntando o diletantismo de viajar, forte no alemão, com a necessidade de classificar, aparece em Alexandre de Humbolt (1766 -1859), naturalista que descreveu centenas de espécies pela Europa, América e Ásia. Estudou ainda os fenômenos físicos (climáticos, botânicos e geológicos) em suas relações recíprocas, ao que chamou de Princípio da Coordenação. Suas obras mais importantes são “Viagens às Regiões Equinociais do Novo Continente”, composta de 30 volumes, onde catalogou espécies todas desenhadas, e “Cosmos”, estudo da descrição física do mundo. Humboldt foi seguido por outro conterrâneo que aprofundou o estudo de taxonomia botânica, C. F. Ph. von Matius, que subdividiu a flora brasileira por regiões. (KOOGAN *at. al*, 1962, a) e (HOUSSAIS, 1980, b)

Seria possível falar muito da rica literatura alemã, mas como nos informa (MEIER, 1995), a nação alemã é Fausto, portanto, pode-se dizer que Johan Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) descreveu a saga do próprio povo. É importante lembrar que numerosas obras foram inspiradas na lenda de Fausto no campo da literatura, música e pintura. Estava impressa em Mains (sua terra natal em 1791). Porém é Goethe quem lhe dá valores filosóficos, humanos, escrevendo-o por anos seguidos, para entregá-lo como obra para toda a humanidade, deixando longe a lenda, trazendo para perto o drama da condição humana. (GOETHE, 1970)

Ele escreveu: “Werther”, “um romance de formação” caracteristicamente germânico, onde o autor liberta-se da trama de dúvidas. Porém, o sua entrada no processo de criação ocorre de modo doloroso (GOETHE, 1986, b); escreve ainda uma extensa obra poética que pode ser saboreada em “Poemas”. (GOETHE, 1986, (a))

A poesia alemã tem talentos importantes, como Shiller, Heine, entre outros que podem ser apreciados em KEMPF (1981). Mas nesta antologia, o leitor fica instigado a conhecer melhor o grande poeta Rainier Maria Rilke (tipo SENTIMENTO INTROVERTIDO). Nele sentiremos o numinoso emergindo em sua “Cartas a um Jovem Poeta”, obra-prima, que traz de modo impecavelmente sincero e belo, a questão da fidelidade ao talento (RILKE, 1993), e ainda podemos conhecer a suavidade e o lirismo de seus poemas em RILKE (1967).

Impossível não citar FRIEDRICH NIETZSCHE, que em “Assim falou Zaratrusta” traz o ideal messiânico do super-homem, livro que influenciou o pensamento moderno de forma expressiva. (NIETZSCHE, 1978). O autor foi evoluindo suas idéias sobre a busca deste ideal, até ele próprio identificar-se com deus em “Ecce Homo”. Escreve também “O Crepúsculo dos Deuses” ou a “Filosofia a Golpes de Martelo” (NIETZSCHE, 1984, p. 55) onde sentencia: “*Os alemães – eram chamados outrora um povo de pensadores: eu me pergunto de uma maneira geral se pensam ainda hoje em dia?*”. Temos aqui, uma autodefinição da tipologia, mesmo que com a insatisfação junto. Há um poema; “O Próximo”, que é uma contundente expressão da função inferior (SENTIMENTO EXTROVERTIDO):

*“O próximo não gosto de o ter próximo:
Lá pra o alto e bem longe!
De outro modo, como seria ele a minha estrela?”.* (NIETZSCHE, 1986, p. 139)

A música mudaria radicalmente sua história pelas mãos de Ludwig van Beethoven (1770 – 1827), nele o SENTIMENTO é tão importante que beira ao transcendente.

Para ilustrar a atitude de observação arguta, característica nestes tipos de Caspar David Friederich (1819) ,“Dois Homens Considerando os Mundos”.

FIGURA 14



“Dois Homens Considerando os Mundos”
de FRIEDERICH (WALTER, 1983, p. 37)

A Escandinávia constitui-se por uma família de nações: Dinamarca, Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia, com a mesma origem de saga nórdica, e com o mesmo tipo psicológico: o PENSAMENTO INTROVERTIDO.

O povo nórdico vive circundado por mar, rios, lagos e montanhas. Além dos laços de semelhança geográfica, estes países possuem fortes vínculos religiosos mitológicos e históricos. E o tratado de Helsinque, em 1962, também compromete os 5 países a desenvolver e manter uma cooperação nas áreas: legal, cultural, social e econômica. Possuem tarifa postal única. E seus sistemas: industrial, comercial e educacional vêm se tornando cada vez mais homogêneos. Utilizam também passaporte unificado. O tráfego sueco e o da Islândia, que se davam pela direita (mão inglesa), foram invertidos, para se adaptar aos vizinhos. A população é 95% luterana, e ligada também por laços lingüísticos muito fortes. Indiscutivelmente, a idéia de organização do PENSAMENTO INTOVERTIDO impera.

Em face da inclemência do tempo, o estilo de vida tende a um certo isolamento, todos os países possuem populações pequenas, (COTRELL, 1992), o que em si já é um indicativo da tendência natural de isolamento do tipo PENSAMENTO INTROVERTIDO.

Há cooperação nas regiões fronteiriças para partilharem serviços como rodovias, uso de satélites, sistemas de TV, bombeiros, escolas, hospitais, turismo. No entanto, paralelamente a esta harmonia, de serviços (funcionabilidade), na área de defesa os acordos entre países existem em menor número. Isto pode advir das suas origens vikings guerreiras, ou pode ser porque ainda se organizam pelo PENSAMENTO, e sendo o

SENTIMENTO o que dá o verdadeiro caráter fraternal para as alianças, é vivido de modo insuficiente.

Existe um acentuado individualismo, uma clara noção de independência nacionalista, marcada pela presença constante de bandeiras, por quase toda a parte.

GÍSLASON, ex-ministro da Educação da Islândia e membro do Conselho Nórdico, explica essa importância nacionalista:

“Cada nação desenvolveu um forte patriotismo, que preserva com todo o cuidado. Cada uma delas acredita que a atual colaboração não representa obstáculos a esses sentimentos; ao contrário, é um estímulo. Assim, nada há de espantoso no fato de que as propostas de criação de um Estado nórdico sejam invariavelmente rejeitadas, pois nenhuma vantagem advinda de uma aliança deste tipo seria mais importante do que a preservação da cultura e da nacionalidade de cada Estado individual”. (GÍSLASON *apud* COTRELL, 1992, p. 20)

Este aspecto de individualismo tem a face típica das pessoas deste tipo psicológico que em geral preferem a solidão.

Porém, a sombra do SENTIMENTO EXTROVERTIDO se faz sentir na colorida Copenhague, famosa por sua animação. Na Dinamarca, o antigo, o altamente conservador e o novo caminham juntos, mesmo que possam parecer bizarros, como carteiros de uniforme vermelho pedalando bicicletas amarelas no parque, assim de acento expressivamente EXTROVERTIDO. (COTRELL, *Ibid.*)

Edward Grieg, compositor norueguês, sua música é extremamente descritiva, porém, com extraordinários saltos de um arrebatamento que só a

um SENTIMENTO EXTROVERTIDO (função inferior) seria capaz. É o que observamos em “Suítes de Peer Gynt para orquestra n° 1 e n° 2”. No momento que foram compostas, ele estava se sentindo muito pressionado por necessidades financeiras, e por isto aceitou o pedido do dramaturgo Henrik Ibsen para compor a música de cena de Peer Gynt (estória que se passa em Marrocos). A Suíte n° 1 se inicia com a evocação de um dia nascendo, este primeiro movimento, “Manhã”, tornou-se obra mundialmente conhecida. Melodia que se desenvolve em flauta, depois oboé e, finalmente, as cordas, num crescendo arrebatado. (TRANCHEFORT, 1986)

É interessante observar alguns fatos. Um deles é que nas horas mais complicadas da vida, muitas vezes é a função inferior que vem nos ajudar, e isso, fica demonstrado em Grieg ao compor sob pressão. Outro fato digno de nota é que a estória se passa na África, o continente de culturas predominantemente SENTIMENTO EXTROVERTIDO. Parece que tudo fazia puxar esta função em Grieg e, como sempre o que se cria através dela vem com o numinoso, passa fronteiras e pode se universalizar, visto que, é a “âncora onde jaz”, como já foi dito o Inconsciente Coletivo.

Em Estocolmo, um dos divertimentos são os passeios pelos braços de mar no que eles chamam de “Veneza do Norte”. A geografia da cidade é uma ilha entrecortada por estes trechos de mar que lhe adentram. Outra opção é a ida aos parques como o *Kungsträdgården* (Parque dos Cervos), que já foi uma reserva de caça real, mas hoje é conhecido pelo mais antigo e maior museu do mundo ao ar livre, o Skansen que foi projetado para abrigar amostras da Suécia pré-industrial. Outros edifícios históricos foram transferidos para lá, incluindo igrejas, moradias lapônicas e casas de camponeses. (COTRELL, 1992). Retrata a característica do

PENSAMENTO INTROVERTIDO, de organizar os objetos para deixá-los menos ameaçadores, de preferência, organizá-los meticulosamente, sob um critério lógico. Uma citação de um indivíduo natural de Helsinque (Finlândia) esclarece bem a função principal nestes povos: “*Por baixo da pele de todo finlandês há um animista. Queremos ir para a floresta, ficar sozinhos e ter uma conversa particular com a natureza*”. (COTRELL, 1992. p. 36)

Se nos aprofundarmos dentro da visão que a geografia dos povos ajuda na sua composição tipológica, na verdade, isto daria um outro estudo. Observemos um fato, que é ser este um lugar de gelo, e calma. Marcado por uma obrigatória organização, pelos ditames da natureza inclemente. Afinal, é uma sociedade, que está de frente para o Mar do Norte, o mais violento do mundo. A pacata Islândia é a maior ilha vulcânica do planeta. Não se pode deixar de fazer uma analogia do que simbolicamente representa, o ritmo calma-erupção que caracterizaria o PENSAMENTO INTROVERTIDO, onde ocasionalmente irrompe inopinadamente o SENTIMENTO EXTROVERTIDO. E estas forças da natureza, que aqui trato de modo simbólico, ocorrem nos seres humanos, pois no âmbito dos arquétipos e do inconsciente coletivo, lidamos com forças da natureza.

Assim, dentro do aspecto PENSAMENTO, surge o botânico sueco no século XVIII, Lineu (Carl von Linné), que criou 3 sistemas de classificação, uma sobre plantas, outra sobre animais, e uma terceira sobre minerais. Um dos seus trabalhos mais famosos foi “*O gênero das plantas*” (relativas ao gênero de 935 espécies), trabalho cuja inspiração foi o livro do botânico francês Sebastian Vaillant sobre a sexualidade das plantas. Porém, a obra que o imortalizou foi “*Sistema da Natureza*”, onde apresentou métodos que devem nortear uma classificação. (RONAN, A. C., 1987)

Um dos mais ambiciosos governantes suecos, Carlos XII, em suas aventuras militares contra a Dinamarca, Polônia, Saxônia e Rússia, exigiu muito em termos de esforços humanos e financeiros e, em 1718 faleceu, e seus exércitos retornaram. O que ocorreu em seguida foi a ocupação russa à Finlândia, que terminou após 7 anos. Face a perda dos jovens, e a conseqüente falta de mão-de-obra, vieram os vários fracassos agrícolas, segundo relatos da época, “*os sinos das igrejas dobravam até rachar*”(RONAN, A. C., *op. cit*, p. 67) pelas vítimas da fome.

Uma coisa salta aos olhos. A total falta de criatividade que a crueldade tem. Esta situação beligerante, pode-se dizer, tem o mesmo começo, meio e fim, que todas as demais da história de todos os povos. O enredo não muda, as mesmas feridas doem, o mesmo vazio acomete. Só a criação torna o homem pleno.

Em 1750, a Suécia do rei Gustavo III, preocupada com a necessidade de prever seus recursos humanos e alimentares em caso de guerra, fez um recenseamento detalhado da população: nascimentos, casamentos, mortes, causas da mortalidade e movimentos migratórios. A coleta de informações é narrada como tendo sido uma das “paixões da época”. E não só da época, pois é fato público que “a Suécia é o maior índice de suicídios do mundo”, se isto é verdade, jamais saberemos, mas com certeza é o mais rigoroso sistema de coleta de dados que existe no mundo, pois computa como tentativa de suicídio até ingestão acidental de substâncias.

A ciência avançou com Lineu e Celsius (sueco), astrônomo, inventor do termômetro centígrado. Houve um efervescente florescimento cultural

em diversas áreas de ciência e arte. Patrocinado pela aristocracia rural, um dos mais belos palácios do país, foi construído o Drottningholm, junto ao lago Mälaren, próximo a Estocolmo, que se tornou ponto de encontro entre artistas e intelectuais. Gustavo III mandou construir o primeiro teatro e também o da Ópera de Estocolmo, sendo ele mesmo um dramaturgo de renome. Porém, foi assassinado, fato ocorrido durante um baile de máscaras. Mais tarde este seria o motivo de inspiração para “*Un ballo in Maschera*” de Verdi. E também encerrou a era dos reinados absolutistas na Dinamarca-Noruega. (COTRELL, 1992)

No tempo das guerras napoleônicas, Dinamarca-Noruega viram-se levadas no turbilhão, Noruega manteve-se neutra, porém, a Dinamarca uniu-se a Napoleão até o fim. A Suécia viu-se em guerra com a Rússia, a França e a Dinamarca-Noruega. Finalmente, a Dinamarca decretou oficialmente sua falência. Após isto os países dirigiram-se a coletar pelo país folcloristas, que trouxessem os seus velhos contos e lendas, tipos de pinturas relacionados a estes temas também surgiram. (COTRELL, *Ibid.*).

Outra capacidade importante que a função inferior (SENTIMENTO) tem neste exemplo demonstrado, é a de ser o elemento que tem o poder de cura para a ferida da alma. Porém, há os que não crêem nela, e por isto fogem, tentando buscar permanecer no comando de sua função principal, e com ela manejar a diversidade. Mas só no primeiro caso é que se transforma de fato a história, dos seres e dos povos. E assim muitos nórdicos, com a descendência Viking, suplantaram a saga, e entraram numa era de paz, que domina até hoje. Outros preferiram a fuga diante da pobreza e assim entre 1850 e 1920, 2,7 milhões de escandinavos (17% da população à época)

imigraram para os Estados Unidos, episódio que entrou para a história como “A Grande Sangria”. (COTRELL, 1992)

Em 1932, Ole Kik Christiansen, carpinteiro dinamarquês, começou a fazer brinquedos de madeira, para completar sua renda, mas acabou fundando a Lego (*lego godt* – brincar bem). Tornou-se uma mina de ouro, e 25 anos depois, seu filho introduziu uma nova linha de tijolinhos interconectáveis. E seus produtos começaram a ser mundialmente apreciados. Em 10 hectares em Billund, a companhia criou o mundo em miniatura da Legoland. (COTRELL, *Ibid.*). Poucas coisas seriam tão expressivas de uma cultura PENSAMENTO INTROVERTIDO, pois é justo o brinquedo que uma criança deste tipo precisa, peças de encaixe.

No mesmo lugar onde o PENSAMENTO buscou estruturar uma sociedade quase perfeita, literalmente pensada nos mínimos detalhes, acontece de surgir, ironicamente, ocupando um lugar que antes era ocupado pelo exército, em 1971, a “Cidade Livre de Christiania”, uma comunidade auto-suficiente (aspecto importante da cultura PENSAMENTO), que passou a ter um estilo de vida boêmio, atraiu artesãos e artistas, e também ociosos, tornou-se famosa. Finalmente, em 1972 foi oficialmente reconhecida, e passou a pagar aluguel ao Ministério da Defesa (segue sendo irônico). Porém, se tornou o maior centro de venda de drogas de toda a Escandinávia (COTRELL, *Ibid.*). Assim, fica demonstrado que ao tentar esterilizar nosso mundo da nossa função inferior, ela retorna com a sombra, no seu aspecto mais negativo.

No século XIX a Dinamarca ganhou enorme prestígio cultural, graças a figuras como: o filósofo como Søren Kierkegaard e Hans Christian

Andersen, com a melancolia de seus contos de fadas. O escultor Bertel Thorvaldsen, autor de: “As Três Graças Ouvindo os Cantos de Amor” , “Jasão e Baco”, “O Leão Morto” (estátua em homenagem à ação bélica, relativa a Luis XVI, de França). (PASCOAL & PIQUÉ, 1996)

Junto com Henrik Ibsen, autor de “Casa de Bonecas”, August Strindeberg, autor de “Giftas”, revolucionaram o teatro europeu. A partir deles começou a ter outro olhar sobre o feminino. Ficaram mundialmente conhecidos, pois estas obras nascidas da função de valor, o SENTIMENTO, dentro de uma cultura de tipologia inversa, tiveram repercussão significativa até hoje.

Um nome que influenciou uma geração de cineastas foi Ingmar Bergman. Algumas de suas obras extraordinárias são: em 1956, “O Sétimo Selo”, no século XIV um cavaleiro e seu escudeiro, voltando das cruzadas encontram-se com a morte, e com ela joga uma partida de xadrez. Bergman mais tarde disse que este filme tinha sido inspirado nos afrescos das igrejas rurais de Estocolmo. Assim como captou os mais diversos sentimentos nas pinturas, do mesmo modo fez no filme, aonde sobressaem os matizes dos sentimentos numa narrativa de fotografia impecável. Em 1974, “Cenas de Um Casamento” – a relação de um casamento com sua destruição e a reconstituição do relacionamento em amizade (originalmente realizado em 6 capítulos para a TV). O filme vai desenvolvendo um entendimento feito com uma câmara sem conotação voyerista, mas que aproxima o espectador pelo sentimento, e o faz empatizar com os protagonistas. E em 1973, “Gritos e Sussurros”, a respeito do processo criativo deste filme BERGMAN expõe:

“...São, pois, impressões fugitivas, que desaparecem tão depressa quanto ressurgem, mas que deixam atrás de si um sentimento de nostalgia, como num belo sonho. Assemelha-se a um fio de várias cores, que emerge das profundezas do inconsciente. Ao desenrolar esse fio com infinita preocupação, nasce disso todo um filme. Trata-se de um fenômeno complexo, muito mais próximo de um estado d’alma que de uma estória para contar”. (BERGMAN apud. SADOUL,1993, p. 178.)

E segue com sua genialidade quase profética em 1977: “O Ovo da Serpente”, retratando a vida decadente na Alemanha dos anos 20, declarando todas as suas preocupações com o processo de desumanização do ser humano. O passado neste filme parece o fantasma do futuro. Em 1977, com “Sonata de Outono”, debruça-se sobre o mundo da intimidade familiar, num longo monólogo duplo de mãe e filha. Sobre o qual Bergman comentou: (Sadoul, *op. cit.*, p.371) *“É um filme para duas atrizes, ou antes dois violoncelos, porque o tom é mais grave”*. Eram Liv Ullmann e Ingrid Bergman.

Não se pode deixar de citar Jean Sibelius (1865 -1957), compositor finlandês, de grande nacionalismo, e sua orquestração que é altamente individualizada. Compôs sinfonias, canções e poemas sinfônicos, baseados em lendas finlandesas, como: “Finlândia”, “O Regresso ao Lar”, “O Cisne de Tuonela”, “A Tempestade”. (ISAACS & MARTIN, 1985)

Finalmente, é preciso lembrar de Edvard Munch, pintor norueguês (1863 -1944), cuja impiedosa lucidez o tornou próximo de muitos dos luminares do seu tempo, porém merece destaque a influência de Rilke, que em seu livro “Elegias de Duíno”, na “Primeira Elegia”, inicia o poema com:

*“Se gritasse, quem das legiões dos anjos escutaria
o grito? E mesmo se, inesperadamente,
um deles me acolhesse no coração: sucumbiria à sua
existência mais forte! Pois o belo não é senão*

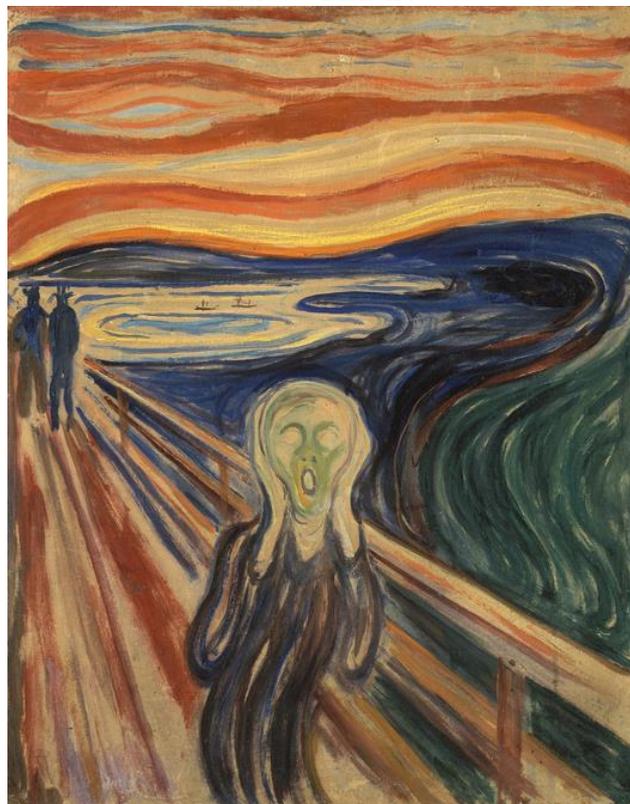
*o princípio do espanto que mal conseguimos suportar,
e ainda assim, o admiramos porque, sereno,
deixa de nos destruir. Todo anjo é espantoso
E por isso me contenho e refreio o apelo
de um soluço obscuro.” (RILKE, 1989, p. 133)*

Munch conheceu a obra de Rilke, ouviu também este grito cósmico, que vinha das entranhas do tempo, e uma noite escreveu;

“Uma noite andei por um caminho. Ali debaixo estavam a cidade e o fiorde. Estava cansado e doente. Fiquei olhando o fiorde, o sol se punha. As nuvens se tingiram de um vermelho de sangue. Senti como um grito através da natureza”. (PASQUAL & PIQUÉ, 1996, p. 41)

Quem sabe foi o grito do arauto, que anuncia a vinda do SENTIMENTO.....

FIGURA 15



“O Grito” – MUNCH (LOPERA *at al.*1996,b, p. 85)

CAPÍTULO II

3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO PENSAMENTO NA HUMANIDADE.

Como já foi dito, a evolução se deu da SENSACÃO para o PENSAMENTO. A pré-história, segundo especialistas, muda para história, a partir do desenvolvimento da escrita.

Ainda com os matizes da necessidade prática, típicas da SENSACÃO, a escrita iniciou-se para fins de contabilidade, seja no Egito, China ou América Central. A mais antiga escrita encontrada foi a de caracteres cuneiformes nas tábuas sumerianas. Tal escrita revela ser uma direta consequência da necessidade de gerir suas economias. (ROBINSON, 1995)

A partir de então o PENSAMENTO se desenvolve, e as necessidades do ser humano vão se tornando mais complexas. Surgem os relatos históricos – míticos, e os escritos normativos de que são exemplo, respectivamente, a “Epopéia de Gilgamesh” e o “Código de Hammurabi, que deu o nome a uma dinastia que reinou entre 2.000 a.C. e 1.600 a. C”.

O Código foi atualizado por 3 vezes (HOUSSAIS, 1980, a). Ele vigorou por 15 séculos, nele foi estabelecida a “Lei de Talião” (olho por olho, dente por dente), e também, uma justiça privada e a desigualdade perante a lei, pois os julgamentos davam-se segundo as classes a que o indivíduo pertencia. (BECKER, 1972). O Código que era eminentemente prático, dispunha também sobre o trabalho dos médicos e as recomendações

terapêuticas. Suas disposições tinham tal sofisticação e amplitude que um importante historiador médico afirmou:

“Um sistema de medicina que era dominado pela magia e religião, e cujo propósito era reabilitar o indivíduo e reconciliá-lo com o mundo transcendental, evidentemente incluía psicoterapia. A pesquisa da alma do paciente que estava convencido de sofrer porque havia pecado tinha efeito libertador; e os ritos executados e as palavras proferidas pelo sacerdote encantador tinham profundo poder sugestivo..... A medicina mesopotâmica era psicossomática em todos os seus aspectos”. (SINGERIST apud. ALEXANDER & SELESNICK, 1980, p. 44)

Como pode ser observado por este último parágrafo, o conhecimento dá saltos. Porém, a história documenta que, às vezes, pérolas ficam guardadas por séculos para depois se universalizarem, e de maneira mais sofisticada.

Com o intuito de fazer uma breve jornada pelo desenvolvimento do pensamento, vou me valer da divisão mais sensata que conheço, que a da Cartografia criada por MALUF:

“A primeira cultura se inicia em Aristóteles (séc. IV a. C.) e termina com Galileu – Newton (séc. XVI – XVIII) [cultura I]. É o período da certeza absoluta, garantida pela clareza intuitiva da lógica aristotélica – a certeza do senso comum.

A segunda, Galileu – Newton a Einstein, Rutherford, Bohr, Born, Planck, Schrödinger e Maxwell (séculos XVII – XX) [cultura II] – se distingue pela característica da certeza matemática, vinculada à mecânica clássica e solidária das implicações deterministas da noção de força, conforme representadas pela noção de trajetória – a certeza como evidência da trajetória.

A terceira marcada pelas discussões entre Einstein, Planck, Heisenberg e outros, envolvendo o problema do determinismo e do indeterminismo (décadas de 20 e 30) em ciência [cultura III].

Como coroamento dessa cultura veio o chamado “princípio da incerteza, que estabelecia a impossibilidade de certas qualidades serem medidas, simultaneamente – tais como velocidade e posição de um elétron. Essa cultura trouxe ainda para o pensamento ocidental a espetacular união, num mesmo contínuo, entre espaço e o tempo.

A quarta, demarcada pelo que se poderia denominar “colapso da trajetória”, com o conseqüente fim das certezas [cultura IV]”. (MALUF, 2002,p. 16)

A cultura 1 está, evidentemente, tingida pela validade dos sentidos, pode-se dizer que o primeiro e arraigado modo de pensar foi dominado pela função SENSACÃO. O homem levou muito tempo para conseguir, de fato, um nível de abstração, habilidade necessária para que PENSAMENTO, como função, desenvolvesse sua evolução natural. Entende-se pois, que esta primeira cultura fosse envolta na astronomia pré-copernicana (sistemizada por Ptolomeu – século II) para quem a terra era o centro do Universo, Aristóteles *apud*. Maluf (*op. cit.*, p.22), “*porque os corpos pesados, atirados diretamente para cima, retornam ao ponto de partida*”. Caracteristicamente uma visão da SENSACÃO, “*la fonction du réel*”.

E o princípio Aristotélico governou a humanidade por 2000 anos. Galileu trouxe outra visão que já não era mais a da “veracidade absoluta dos sentidos”, mostrando o imperceptível na queda dos corpos, mudou tudo. O PENSAMENTO, em sua essência funcional, popularmente diz-se “o pensamento voa”, simbolicamente, a trajetória da queda dos corpos nos tirou de fato do primado da SENSACÃO, pois nos trouxe o conceito de aceleração, podemos a partir daí dizer que o homem começa realmente a abstrair.

A filosofia evoluiu deste modo, e sabemos que ela subsidia o conhecimento aplicado. Creio que faltava à própria psicologia analítica, uma visão como nos é oferecida agora por Maluf.

A psicologia Junguiana tem sido mal compreendida até agora, pois foi uma ciência aplicada, que atravessou de muito a visão Newtoniana para o conhecimento científico. O livro sobre Energia Psíquica contido em JUNG (1998) ele o escreve, porém só o publica após W. Pauli ter publicado “Explicação da Natureza e Psique”. E ao conhecimento que esta nova visão de mundo que a física nos traz, precisaria que surgissem filósofos para pensarem estes novos conceitos, e a partir daí as ciências aplicadas poderiam melhor se desenvolver. Vejo que mesmo entre os terapeutas que se afinam com o olhar de Jung sobre a natureza humana, no momento de aplicar suas teorias, recorrem a miúdo a visões Newtonianas para explicar o comportamento. De fato havia uma lacuna na filosofia que permitisse “digerir” a aplicação deste novo modo de trabalho frente à psique energética humana.

O fato é que a filosofia, antes de Maluf, não soube se haver com o que ele denomina de terceira cultura, que dirá a quarta cultura. Esta evolução do conhecimento aplicado deu-se na observação:

*“A filosofia da natureza evoluiu por saltos e pulos casuais, alternados com perseguições ilusórias, **culs-de-sac**, regressos, períodos de cegueira e amnésia”.* (KOESTLER, 1989, p. 359)

Nosso desenvolvimento, relativo ao conhecimento aplicado, teve uma longa história de conquistas: Em 440 a. C. Demócrito descreve a matéria como indivisível, e cunha o termo átomo para descrevê-la. Zosimus em 300 d. C. resumiu a Alquimia antiga. Em 1180 surgem as bússolas magnéticas,

1590 Zacharias Janssen cria o microscópio, 1591 surgem os símbolos algébricos (ocorre um grande avanço para a abstração), 1628 passa-se a conhecer sobre a circulação sanguínea, depois de contribuições diversas no tempo e lugar. Não houve seqüência na elaboração do conhecimento²⁰. (ASIMOV, 1993)

Em 1637, Descartes traz a geometria analítica, 1683 Leeuwenhoek descobre a existência das bactérias. Em 1685 Wallis faz a enunciação dos números imaginários. 1700, Leibniz aparece com o sistema binário, 1728 aparece o primeiro tratado de odontologia. (ASIMOV, *Ibid.*)

Em 1790 acontece a Revolução Industrial, e as descobertas se aceleraram de maneira exponencial até hoje. A comida enlatada que surge em 1795, a bateria elétrica em 1800, o estetoscópio em 1816, o navio a vapor em 1819. Em 1844, o telégrafo; 1846, a anestesia; 1852, os elevadores; 1858, os refrigeradores; 1865, a cirurgia anti-séptica; 1876, o telefone por Graham Bell e, no mesmo ano, aparece o fonógrafo; 1879, a luz elétrica, 1889, a teoria sobre os neurônios; 1895, o Raio X. Em 1900, o

—

²⁰ - “Os maiores e melhores pensamentos da humanidade são moldados sobre imagens primordiais, como sobre a planta de um projeto. Muitas vezes já me perguntaram de onde provêm esses arquétipos ou imagens primordiais. Suponho que sejam sedimentos de experiências constantemente revividas pela humanidade”. (JUNG, 1981, b, p. 61).

quanta, por Kirchhoff; 1901, o rádio por Marconi; 1903, o eletrocardiograma; 1905, a relatividade espacial; 1927, o cinema falado; 1928, a penicilina, só reconhecida em 1939; 1930, o computador; 1954, o código genético; 1967, clonagem de plantas. (ASIMOV, 1993)

Chama a atenção que nos livros que tratam de descobertas, as mais relatadas têm relação direta ou indireta com a atividade beligerante, o que ajuda a sustentar o mito de que “as guerras” são responsáveis por descobertas, nenhuma destas acima citadas teve sua criação ligada à beligerância, mesmo que hoje tenhamos a capacidade de transformar o conhecimento sobre genética e biologia, para somados, criar bombas.

O mito da guerra-conhecimento penetrou fundo na mentalidade científica, a tal ponto que a nomenclatura usada, por exemplo, em medicina, tem muito de beligerante, como por exemplo: “é preciso atacar o agente causador desta afecção”, “killer cels” (a respeito de um tipo de leucócito). Além da nomenclatura usada em neurofisiologia. Expressões como: “Capitão de todos esses homens da morte”, designação clássica de Bunyan para indicar a consumpção e que se transferiu para o câncer.(GORDON, 1996).

Estas idéias foram entrando sub-repticiamente no linguajar médico, sem que se pensasse quão da cultura beligerante portavam. Ao invés de citar muitas referências, prefiro contar a história, sobre a proverbial Lei de Seutton, encontrada em livros de Semiologia (estudo de sinais e sintomas das doenças), e que muitos médicos crêem seja homenagem a algum colega, na verdade, Seutton era um ladrão no velho oeste, que, ao ser preso pela terceira vez por assalto a banco, o juiz lhe perguntou: “O senhor já foi preso 3 vezes por assalto a banco, por que continua?” Resposta de Seutton: “Porque é lá que está o dinheiro”. O princípio é aplicado para que o médico se atenha a pesquisar a queixa principal do seu paciente.

O que estou tentando mostrar é que é necessário começarmos a rever para que direção o PENSAMENTO, cuja função inferior é o SENTIMENTO, tem conduzido, e mais especificamente, o que tem valorizado em nossa cultura.

Nas fundações culturais do ocidental, uma confluência de fatos deve ser considerada, que sugerem a origem desta cultura de guerra. A primeira instituição bancária importante surgiu, ao invés do que se imagina, não na comunidade mercante, porém foi criada pela “Ordem dos Templários” (Ordem Militar dos Cavaleiros do Templo de Salomão), fundada em Jerusalém, por membros das Cruzadas por volta de 1118. Eles tornaram-se os homens de negócio que administravam a maior corporação bancária internacional e a operaram por quase 200 anos. Já então criaram as bases para as operações bancárias modernas. Seus castelos, verdadeiras fortalezas, serviam para guardar seguramente o dinheiro. Inicialmente a Ordem foi fundada no princípio de pobreza, porém uma sucessão de bulas papais, alterou isto dando-lhes direito de posse em terras muçulmanas. E nobres foram também doando à Ordem mais e mais valores. O dinheiro era para ajudar o trabalho na Palestina, porém os cavaleiros transportavam os lucros dos seus bens europeus para a sede em Jerusalém em 1115. Eles também eram responsáveis pela segurança de transporte de valores pelas estradas. (WEATHERFORD, 2000)

Além das funções acima, ainda administravam os fundos obtidos de fontes religiosas e seculares, para financiar as Cruzadas. Concediam empréstimos aos reis, mesmo a Luís VII da França, e a cavaleiros que precisavam de fundos para si, ou suas famílias, quando ingressavam em uma cruzada. A ordem mantinha e supervisionava hipotecas, para reis e cavaleiros, em suas ausências. A sede dos Templários em Paris passou a ser

uma das maiores casas do tesouro da Europa. Havia crenças e regras rígidas entre eles para evitar o furto. Cresceram tanto servindo aos reis e ao papado, que se tornaram parecidos em recurso com um departamento de tesouro moderno, só que não cobravam impostos. No seu auge, empregavam 7 mil pessoas e possuíam 870 castelos, na Europa e Jerusalém. (WEATHERFORD, *Ibid.*)

O papa Clemente V e Felipe IV disputaram o espólio da Ordem em 1314, no entanto, ambos morreram. Porém a força da monarquia francesa estava estabelecida. Então, famílias italianas assumiram o papel antes dos Templários. Eram nas mesas que se faziam os negócios, na “*bancada*” daí originando a palavra banco. E daí montaram a forma que hoje se conhece de banco, com todos os ingredientes. (WEATHERFORD, *Ibid.*)

Não só o estado ficou poderoso com a queda dos Templários, mas o papado, que no século X tinha seu poder já consolidado, no século XII seus poderes eram extraordinários, e pelo início do século XIV o sucesso mundano era algo adimensional. A hierarquia da igreja estava claramente curvada para as motivações financeiras e políticas, envolvida com manobras militares também. (TARNAS, 1999)

É de se observar que a palavra “Cruzada” só passou a ser usada a partir do século XIII, antes disto falava-se em “peregrinação”, “expedição de Deus” ou “negócio de Cristo”. (FLEMING, 1990)

O papa Urbano II começou uma pregação veemente para convencer que os cristãos estavam sendo martirizados em Jerusalém, pela França e Itália, e ele dizia que quem fosse libertar estes cristãos teria garantida a

remissão dos seus pecados. Acrescia-se também os possíveis lucros de tal empreitada. Havia o aspecto da organização militar, no seu início de escala internacional.

A primeira causou grande comoção na Europa. O financiamento predominantemente vinha da Itália, pois ergueriam-se nos lugares tomados seus entrepostos e privilégios comerciais. A igreja colaborava com um fundo para a melhora técnica militar, e os que não fossem, deveriam pagar uma taxa por sua ausência, e arcar com as despesas, e que para ir precisavam desfazer-se de tudo que por seu turno era comprado, favorecendo os comerciantes judeus. O transporte por mar era negócio lucrativo para as frotas italianas. Depois de muito preparativo, saiu de Colônia em 1095 a primeira cruzada antes dos exércitos do papa, tão incentivadas que foram para emprenderem tal façanha. As outras 8 sucederam-se até 1272. (HOUAISS *at al* 1980, a)

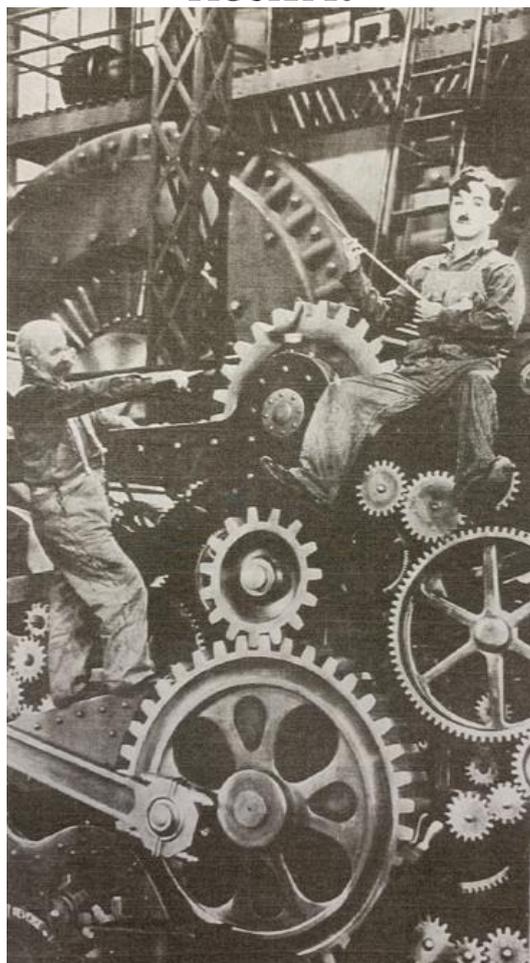
Este fato histórico se imbrica com várias nuances: os claros interesses financeiros que culminaram com a criação dos primeiros bancos no mundo, simultaneamente com o estabelecimento de uma máquina de guerra razoavelmente organizada, e a aliança destas duas instituições que cresceram juntas e assim permanecem até hoje. Uma enorme máquina de guerra (início da indústria armamentista) instalou-se com a convocação da cruzada por Clemente III, dirigida por Ricardo Coração de Leão.

Neste ponto historiadores como ARRUDA (1989) entendem que o Feudalismo iniciou no século IV, porém cristalizou-se no século IX a XII, e se transformou do século XII a XV. Mas não há referência a uma estrutura que se montou da aliança entre indústria bélica, instituições financeiras internacionais e acúmulo de renda, de modo grosseiro à parte de uma ética,

onde valia tudo, desde ilusão da opinião pública, até criação de bulas para satisfazer necessidades econômico-beligerantes. E este *status quo* permanece até hoje, aperfeiçoado, mas em sua essência inalterado. É preciso rever a pergunta que propõe se foi o feudalismo quem criou os desequilíbrios, ou algo fez acontecer à organização feudal. As “coincidências” apontam que os grupos poderosos desequilibraram a ordem social campesina, os senhores da guerra e do dinheiro estabeleceram uma nova ordem onde o feudalismo é uma consequência presente até os dias de hoje.

O acúmulo de riqueza, o início da indústria armamentista, em combinação com os poderes públicos financeiros e políticos, foi algo novo na história da humanidade. Pessoas de etnias e culturas diferentes, com idiomas diferentes, passaram a se juntar para uma guerra em função de uma idéia. Isto é o marco de tudo que se seguirá, a mesma fórmula, em guerras que chegam à atualidade. Este efeito colateral do PENSAMENTO, o que instaurou uma ordem diferente do que eram as guerras antes, que eram regionais, expansionistas, por uma mesma bandeira, agora são por uma idéia.

Esta cultura que constrói, destrói, para justificar nova produção, nela o homem fica enovelado, difícil é saber onde está o homem, onde está a máquina sendo óleo das veias do homem. Como bem representa a foto de Chaplin abaixo, figura 18.

FIGURA 16

CHAPLIN em “Os Tempos Modernos” (TOYNBEE, 1972, p. 35)

CAPÍTULO II

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PEDAGOGIAS QUE AJUDARAM A DESENVOLVER O PENSAMENTO

A função PENSAMENTO influenciou de modo consciente a pedagogia que, por sua vez, tornou-o mais intenso ainda. Praticamente todas as pedagogias vigentes estão somente preocupadas com o desenvolvimento da cognição, e é bom que se diga que hoje em dia há um grande esforço dos educadores para mudar isto.

“Seminário (1997) vislumbrou, ao longo do desenvolvimento do processo pedagógico, três momentos: o modelo educacional “tradicional” ou da aprendizagem por repetição, da Escola Nova e o Construtivismo piagetiano. Ao avaliar o modelo tradicional de ensino, o autor realça os métodos receptivos, onde a alternativa que resta ao educando é ser passivo diante dos conteúdos e exercitar, através da repetição, para fixar o aprendido. O modelo subsequente é o da Escola Nova que implanta o experimentalismo sócio pedagógico de J. Dewey, cujo princípio da liberdade para aprender obteve repercussão através dos experimentos pedagógicos bem-sucedidos de C. Rogers, onde demonstrou-se o desenvolvimento da auto-estima e da personalidade dos educandos. Em seguida, o autor aponta as críticas feitas por Piaget aos métodos utilizados pela Escola Nova, considerando-a “intuitiva” e incapaz de desenvolver os educandos para alcançar o nível lógico e operatório. Avaliando o terceiro grande movimento em educação que corresponde à Escola Construtivista, Seminário considera que Piaget “radicaliza a concepção de liberdade do educando como também lhe fornece um embasamento teórico firmemente detalhado (...) ao centrar na ação do educando todo o processo de construção, ele admite a formação de estruturas bem definidas, sistemática e sucessivas”. (pág. 13) (ALMEIDA, 2002, p. 99-100)

“O pensamento piagetiano causou grande influência sobre a psicologia do desenvolvimento cognitivo em função do processo de

adaptação do indivíduo ao seu meio, entendido como meio físico. A relação entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento social mostrou-se muito mais complexo. Surgiram inúmeras pesquisas onde ficou patente que as relações entre os dois tipos de desenvolvimento deveriam incluir condições sobre o papel desempenhado pelos processos afetivos e emocionais”. (ALMEIDA, 2002, p. 13)

A ênfase de Piaget está na aquisição de um conhecimento para a inteligência matemática, predominantemente.

Vale a pena lembrar que a função PENSAMENTO é apenas uma parte do ser, é o domínio de um tipo de conhecimento voltado predominante para um aspecto, que fica a dever à completude. Para que indivíduos venham a viver uma condição funcional na sociedade Jung esclarece (1998, p. 72): *“Quando se pensa o mundo, apenas se alcança um quarto dele: os três quartos restantes podem voltar-se contra a gente”.*

A visão de Piaget de algum modo esteve e ainda está presente na educação, durante estas últimas e decisivas décadas de avanço dentro do PENSAMENTO. O olhar dele é para uma criança que tem uma capacidade de criação ativa limitada.

“Comparado a uma criança o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e ‘teorias’. A criança não constrói sistemas, ela os tem inconsciente ou preconsciousmente, no sentido de que estes são informuláveis ou informulados, e de que apenas o observador exterior consegue compreendê-los, já que a criança não ‘reflete’”. (PIAGET, 1978, p. 62)

Esta pouca consideração do imaginário infantil, especialmente no tocante ao conteúdo arquetípico que a criança possui, dentro de um processo

educacional, acaba funcionando afinal como repressor de capacidades latentes. Sabemos que os arquétipos esquecidos são os que se vingam do indivíduo. A situação que nos preocupa é a consequência de uma didática que não leva em consideração o lado arcaico, até mesmo destrutivo, portanto, um ideário violento, que ainda pode ser amplamente estimulado por TV e jogos eletrônicos. Há pedagogos que não crêem que este ideário tenha força, como expressa PIAGET:

“A característica da imitação propriamente representativa, do nível de dois a sete anos, em contraste com a imitação sensório-motora, é que, doravante, a representação figurativa do modelo precede a cópia. Durante as fases I e V da imitação sensório-motora não existem imagens mentais”. (PIAGET, 1978, p. 97)

E não vai ser um olhar tão diferente o de Vygotsky e seus seguidores, que acreditam que o pensamento adulto é culturalmente mediado, principalmente através da linguagem. Novamente, vemos aí, uma parte do ser humano tentando explicar o todo, e a consequente fragmentação do processo educacional. (REGO, 1998)

Para COLE & SCRIBNER existe a percepção de uma dualidade também nas tendências do processo educacional:

“ Nas primeiras décadas do século XX, a psicologia soviética (assim como a européia e americana) estava dividida em duas tendências radicalmente antagônicas: ‘um ramo com características de ciência natural, que poderia explicar os processos elementares sensoriais e reflexos, e um outro com características de ciência mental, que descreveria as propriedades emergentes dos processos superiores”. (COLE & SCRIBNER *apud* REGO, p.27 - 28)

Vygotsky buscava respostas para três questões fundamentais: primeiro compreender o ser humano e seu ambiente físico e social, segundo era identificar as novas formas de atividade que fizeram tornar o trabalho um meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza, investigando as conseqüências psicológicas dessas formas de atividade; a terceira questão se atinha à análise da natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem (REGO, 1998). Nestas três perguntas parece que o enfoque acaba sendo o ser que produz, e esta é a questão. Tudo isto é importante de ser desenvolvido. Porém, outras dimensões gritam, literalmente, quando se observa as crianças nas escolas hoje, onde o nível de decibéis é altíssimo, porém ainda esta pedagogia não abarca a questão que é: o que não está sendo ouvido pelos educadores?

Percebo em Vygotsky um entendimento intelectual exagerado, não obstante ele procure dizer o contrário. Nesta citação que se segue, fica claro que o imaginário arquetípico não parece ser percebido, e como já foi dito, isto é no mínimo perigoso para o indivíduo e para a sociedade.

“O que restaria se o brinquedo fosse estruturado de tal maneira que não houvesse situações imaginárias? Restariam as regras. Sempre que há uma situação imaginária no brinquedo, há regras – não as regras previamente formuladas e que mudam durante o jogo, mas aquelas que têm sua origem na própria situação imaginária. Portanto, a noção de que uma criança pode se comportar em uma situação imaginária sem regras é simplesmente incorreta”. (VYGOTSKY, 1998, p. 125).

Outro autor, Gardner que tenta uma aproximação pedagógica mais voltada para o ser, consegue não usar a palavra sentimento em toda a sua obra, por mim lida, ele fala de 7 inteligências: lingüística, musical, lógico-

matemática, espacial, corporal-cinestésica e pessoal. Chegou a estes dados através de pesquisa das seguintes fontes:

“Ao formular meu depoimento em favor das inteligências múltiplas revisei evidências de um grande e até agora não relacionado grupo de fontes: estudos de prodígios, indivíduos talentosos, pacientes com danos cerebrais, ‘idiots savants’, crianças normais, adultos normais, especialistas em diferentes linhas de pesquisa e indivíduos de diversas culturas”. (GARDNER, 1994, p. 7)

Ele chama a atenção para o fato da idéia de inteligência múltipla ser antiga, porém não é permutável por um valor que não separa, mas integra o indivíduo, falta aí o elemento que liga, o SENTIMENTO função em si de relação.

Neste momento é vital que desenvolvamos pedagogias para facilitar o trabalho de parto da função SENTIMENTO. Hoje, a cultura das excelências está pondo em risco a própria espécie, é preciso refletir mais nesta área, pois nela está a chave do que virá, curará nossos velhos entraves e sustentará o sentido de ter esperança de harmonia entre os homens.

“A humanidade, no decorrer dos séculos, já se tem extraviado inúmeras vezes em semelhantes becos sem saída, em que ninguém descortinava salvação, porque cada um andava ocupado com a sua situação pessoal a arquitetar planos salvadores. Ninguém tinha a coragem de confessar que a falência era geral. E, contudo, de repente, de modo inesperado, a pesada máquina punha-se de novo a funcionar, de modo que é sempre a mesma velha humanidade que continua a existir, apesar das suas transformações”. (JUNG, 1975, p. 93)

CAPÍTULO III

FUNÇÃO SENTIMENTO

1 – CONCEITO

*“Não TE DOAS do meu silêncio:
 Estou cansado de todas as palavras
 Não sabes que te amo?
 Pousa a mão na minha testa:
 Captarás numa palpitação inefável
 O sentido da única palavra essencial
 - Amor”.*
 POUSA A MÃO NA MINHA TESTA
 (MANUEL BANDEIRA, 1983, p. 253)

A função SENTIMENTO é a função de valor, é ela que dá a o peso às coisas. Num certo sentido podemos dizer que ela dá os matizes para os acontecimentos, quer objetivos quer subjetivos. Para Jung (1981, d, p. 414) *“Na disposição extrovertida,²¹ o sentimento orienta-se para o objetivamente dado, quer dizer, o objeto é o determinante insubstituível do modo de sentir. Coincide com os valores objetivos”.*

²¹ - *“O tipo sentimental extrovertido, caracteriza-se pelo fato de que a sua principal adaptação é conduzida por uma adequada avaliação dos objetos exteriores e por uma relação apropriada com eles. Por essa razão, esse tipo fará amizades muito facilmente, terá poucas ilusões sobre as pessoas, mas será capaz de avaliar os seus lados positivos e negativos de maneira adequada. São pessoas bem ajustadas, muito razoáveis, que se envolvem amavelmente com o mundo, conseguem, de alguma forma, levar todos a lhes darem o que elas querem. Elas suavizam o ambiente tão maravilhosamente que a vida transcorre com muita facilidade”.* (VON FRANZ & HILLMAN, 1995, p. 69)

Os esquemas abaixo auxiliam a percepção de como vêem o mundo os tipos SENTIMENTO.

FIGURA 17

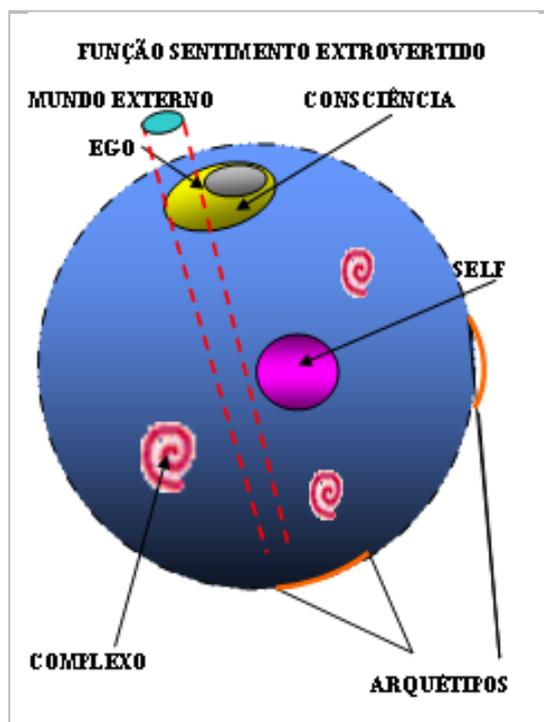
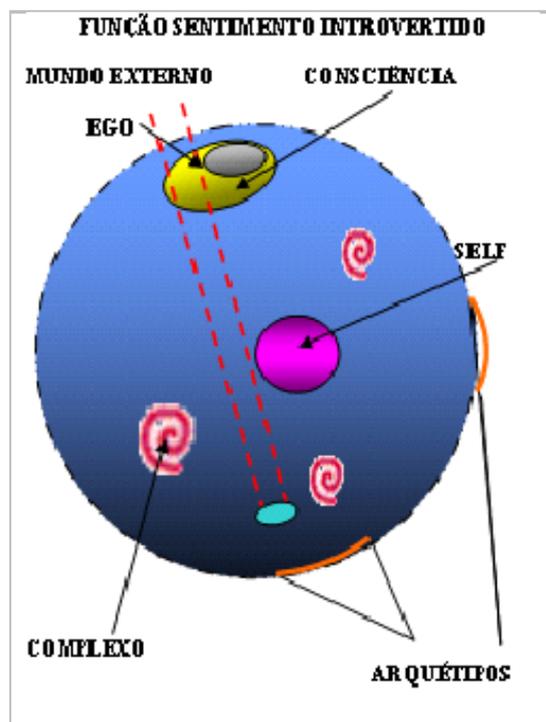


FIGURA 18



O tipo SENTIMENTO EXTROVERTIDO tem um forte tom de facilidade em relacionar-se. A projeção do foco de sua apercepção, sendo uma função racional, passa pela consciência, chegando a tangenciar o ego algumas vezes. O que significa que para poder sentir, também pode existir um certo fator de autodeterminação. Em alguns casos, alguém pode determinar para si mesmo, sendo deste tipo, que quer eleger gostar ou desgostar de algo, e com a participação do ego, que é o centro da vontade, isto torna-se possível, embora tal fato seja de ocorrência menos freqüente no cotidiano.

“Sentimento é uma função de relacionamento, em contraste como pensamento que é discriminatório. Em outras palavras, o sentimento tem a função de conectar. Pessoas tipo sentimento são mais encontradas em mulheres do que em homens. O sentimento é uma função de juízo. Embora no caso do extrovertido este julgamento seja dirigido para fatos e situações objetivos.

Uma característica do sentimento extrovertido é sua perfeita sintonia com os valores objetivos. Caso seja dada excessiva importância ao objeto pode tornar-se difícil identificar este tipo, pois este exagero pode tornar tal tipo impessoal até o ponto de parecer frio, porque sempre seus julgamentos ou avaliações são “adequados”. Por outro lado, os valores coletivos que são geralmente aceitos por estas pessoas, criam um ambiente agradável. Eles são sempre agradáveis, charmosos e fáceis de lidar, e então geram uma vida social harmônica. Eles são freqüentemente participativos na vida artística pública (teatro, concertos), no mundo da moda ou em outras atividades de natureza coletiva, onde eles são evidentes pelo seu bom gosto e pelo seu jeito amistoso. Em geral sua persona é perfeita. Sua sintonia com o mundo de objetos externos pode, porém, ir longe demais, isto então leva a estados de sentimento ilógicos e intermitentes. A identidade do ego é perdida para o inconsciente. A função prevalente neste caso é o pensamento inferior, que se evidencia.

No tipo sentimento, o pensamento só pode seguir ao sentimento ficando assim dependente e sem originalidade. O pensamento é usualmente negativo, e mostra sinais de primitivismo, tal como concretismo. Tudo é levado ao valor das aparências, até quando a intenção é puramente metafórica. Estas pessoas são facilmente influenciadas, pois acreditam em tudo o que ouvem. São supersticiosos e crédulos quando se envolvem em conversas intelectuais. Como não são capazes de pensamento independente, suas idéias são subjetivas e pessoais, soam estereis, vingativas, e ferinas”.(MEIER,1995, p. 35)

Na disposição SENTIMENTO INTROVERTIDO, de certo modo, as aparências enganam, como bem adverte Jung:

“O primado do sentimento introvertido foi por mim observado, sobretudo, nas mulheres. O provérbio que diz ‘as águas tranquilas correm fundo’ é adequado a essas mulheres. Costumam ser caladas, dificilmente acessíveis, freqüentemente incompreensíveis por trás de uma máscara infantil ou banal. São também, amiúde, de temperamento melancólico. Não têm grande aparência, nem fazem notar em especial. Como se deixam guiar, sobretudo, pelo sentimento subjetivamente orientado, seus verdadeiros motivos

mantêm-se, em geral, incógnitos. Exteriormente, mostram essa harmonia que não pretende chamar a atenção, uma agradável tranqüilidade, um simpático paralelismo, que não pretende provocar ou impressionar, e muito menos coagir e alterar o próximo. Se esse aspecto exterior for acentuado, faz-se sentir a suspeita da indiferença e frialdade perante as alegrias e dores do próximo. Percebe-se nitidamente o movimento sentimental que se afasta do objeto. Esse caso só se verifica, certamente, no tipo normal, quando a influência do objeto é demasiado poderosa..

..... Como esse tipo parece , de modo geral, frio e reservado, um juízo superficial negar-lhe-á todo e qualquer sentimento. Isso é completamente falso, pois os sentimentos não são extensivos, mas intensivo. Surge em profundidade. Enquanto, por exemplo, um sentimento extensivo de compaixão manifesta-se convenientemente com palavras e fatos, assim ficando rapidamente livre da impressão, uma compaixão intensiva, por um lado, abstém-se de todas as manifestações e contrai uma profundidade apaixonada que abrange a miséria do mundo inteiro e com ela se espanta. Em seu excesso, poderá até transbordar explosivamente, num fato desconcertante, de natureza heróica, por exemplo, a respeito do qual nem o objeto, nem o sujeito, podem encontrar a proporção exata ”. (JUNG, 1981, d, p. 450 -451)

Uma curiosa, porém didática, demonstração de como pode funcionar o SENTIMENTO INTROVERTIDO, foi dada por Rilke *apud* Von Franz & Hillman (1995, p. 63) , que certa vez escreveu “ ‘Eu a amo, mas isso não é da sua conta’ Isso é amor amar o amor! O sentimento é muito forte mas não flui na direção do objeto ”.

O palco não é bem seu lugar no mundo. O que faz com que estes tipos sejam encontrados entre diretores de teatro e cinema, escritores, pessoas cuja percepção do sentir permite criar algo cujo resultado conseguem perceber dentro deles, bem antes até de que o público o sinta. Pois há que existir sintonia, para perceber os mergulhos que estes tipos dão, e conseguir chegar a ver ou experienciar o que eles propõem.

“É freqüente achar-se o tipo sentimental nos bastidores de acontecimentos importantes e valiosos, como se o seu sentimento introvertido lhes tivesse dito ‘o importante está aqui’. Com uma espécie de lealdade silenciosa e sem nenhuma explicação, eles surgem em lugares onde valiosos e importantes fatos interiores, constelações arquetípicas, são encontrados. Exercem também uma secreta influência positiva à sua volta, estabelecendo padrões.... Assim, por exemplo, o tipo sentimental introvertido muito freqüentemente forma a base ética de um grupo: Sem irritar os outros com a pregação de preceitos morais ou éticos, ele próprio tem padrões éticos tão corretos que emanam secretamente uma influência positiva sobre aqueles que estão à sua volta; as pessoas têm de se comportar corretamente porque o tipo sentimental introvertido possui a espécie correta de padrão de valores, o que, sugestivamente, sempre força as pessoas a serem decentes se eles estão presentes.

O pensamento desse tipo é extrovertido. Em chocante contraste com a sua aparência externa impassível e silenciosa, essas pessoas geralmente se interessam por grande número de fatos exteriores. A sua personalidade consciente não se movimenta muito. Eles tendem a se acomodar. Mas o seu pensamento extrovertido vagueia sobre uma imensa série de fatos extrovertidos e de se afligirem pelo excesso de material, de referências e de fatos, razão por que o seu pensamento extrovertido inferior algumas vezes se perde num pantanal de detalhes, não conseguindo mais encontrar a saída. A inferioridade do seu pensamento extrovertido muito freqüentemente se expressa numa monomania; na realidade, eles têm apenas um ou dois pensamentos a partir dos quais produzem uma enorme quantidade de material”. (VON FRANZ & HILLMAN, 1995, p. 75 – 76)

É sempre bom ver as descrições dos tipos dadas por vários autores, porque eles próprios, sendo de tipos diferentes, especialmente quando opostos, algumas vezes, em suas descrições eles projetam sombras. Por outro lado, às vezes os tipos opostos podem fazer as mais brilhantes

descrições se foram orientados pelo self, e tiveram a clareza numinosa da percepção.

Isto pode ser observado na descrição de Von Franz, uma mulher de tipo pensamento extrovertido autodeclarada. Uma outra didática explanação sobre o tipo SENTIMENTO INTROVERTIDO pode ser vista em Meier, tal como em sua compatriota acima.

“Como uma função racional, o sentimento deduz, julga e avalia. Com a introversão, porém esta avaliação se orienta totalmente de acordo com o critério subjetivo. Isto dá a ilusão que os objetos reais são desvalorizados, razão pela qual este tipo dá a impressão de serem sofisticados e indiferentes. Isto as vezes torna difícil sua identificação, pois dos tipos sentimento é esperado, ingenuamente que eles sejam calorosos. Não se pode esquecer, no entanto, que esta aparência algo sofisticada e distante, representa um mecanismo de defesa em parte devido a introversão porque ele se sente assoberbado pelos objetos externos, e quando o sentimento não tem possibilidade de se expressar, é difícil percebê-lo.

Este tipo é encontrado, principalmente, entre mulheres. Não é fácil descrevê-lo e é freqüentemente mal entendido. Este tipo não faz qualquer esforço para demonstrar preocupação para com os outros, pois eles só tem percepção realmente de si próprios. Tais tipos tem tendência a melancolia....

..... são benevolentes, porém neutros na demonstração de entusiasmo.

.... Somente diante de crianças é que fica-lhes fácil fazer demonstrativos de sentimento. Os valores apreciados por este tipo não são coletivos, e sim altamente individuais, até míticos e extáticos. O que é particularmente fascinante para o homem extrovertido. Seus sentimentos não são extensivos, mas intensivos. São gentis e amistosos de um modo quase secreto, e com isto quase nunca tais características são notadas publicamente. Nesta categoria encontramos benfeitores secretos que fazem sacrifícios particulares ao invés de filantropos ostensivos. Seu papel mais comum é aquele do companheiro quieto, totalmente confiável. Eles nunca chamam a atenção para si mesmos, mas são firmes e

incorruptíveis ao ponto de serem obstinados, e sua moralidade é surpreendentemente não convencional.

...sua função inferior, o pensamento extrovertido, é correspondentemente primitivo e concretista, levando a bibliolatria, e a escravidão aos fatos. Na sua maneira negativa, inclinasse ao criticismo destrutivo e venenoso, principalmente de outras pessoas, mas também do mundo em geral. Tais pessoas sempre sabem o que os outros estão pensando, inclusive comentários maldosos (projeção) e a conseqüência disto é que eles mesmo vêm-se envolvidos em intrigas compensatórias. Em geral são inclinados a pessimismo, a mal-entendidos pessoais, e a explicações depreciativas. Tais pessoas então cedem ao poder do objeto e procuram o erro na conclusão ao invés da premissa”. (MEIER, 1995, p. 47 -48)

CAPÍTULO III

2. OBSERVAÇÕES DO TIPO SENTIMENTO NAS CULTURAS DOS PAÍSES

É importante que observemos que a evolução humana não ocorre de maneira linear. Esta dissertação procura olhar a história da humanidade como um desenvolvimento de talentos funcionais. Aqui enfocarei dois países que são representantes de culturas tipo SENTIMENTO. O que demonstra que mesmo existindo países com culturas milenares com esta função e eles terem influenciado outros nas tendências de comportamento na história do ocidente, ainda assim, não será desta maneira que ocorrerá o desenvolvimento da função. O salto que o ser humano como espécie pode dar, depende de adquirir a função SENTIMENTO que implicará em novos modos de agir, em eleger novos valores, visto que é a função de valor, assim como é de relacionamento.

Não estou afirmando que os países com tipologia dominante da função SENTIMENTO tenham chegado a ser o modelo de culturas que o mundo como um todo deveria imitar. É preciso ver a cultura do tipo psicológico predominante, como se víssemos pessoas portadoras da mesma tipologia. E isto auxilia na compreensão²² de diferenças entre os povos,

²² - *“Se eu quero compreender o ser humano como indivíduo eu tenho que deixar de lado todo conhecimento científico do homem mediano e jogar fora todas as teorias para poder adotar uma atitude completamente nova e sem preconceitos. Só posso chegar perto da tarefa de compreender, com uma mente aberta e livre e aberta porque conhecer o homem pressupõem todo tipo de conhecimento sobre a raça humana em geral”* .(JUNG, 1978, p. 250)

numa época que isto é vital, para que a paz seja uma prática, e não uma meta quase onírica, como nos dias atuais.

A função SENTIMENTO precisará se desenvolver, dado o impasse em que nos encontramos. Para sobrevivermos como espécie, nós todos nascidos em quaisquer países, precisaremos aprender a nos relacionar com o próximo e a considerar a vida como valor maior. É tempo de deixar para trás as práticas “antropofágicas” que vêm sendo praticadas com indiferença exótica. Teremos muito lixo químico e atômico para limpar, mas sobretudo, muito lixo de indiferença para com a humanidade, pois somos uma só, vivendo no mesmo planeta.

“Já é ora e não há tempo a perder: a humanidade civilizada deve voltar a sua mente para as realidades fundamentais. A questão agora é ser ou não ser. Este assunto merece certamente a mais profunda investigação e discussão. Pois o perigo que agora paira sobre nós tem tais proporções que faz desta última catástrofe européia como um mero prelúdio do que poderá ocorrer”.
(JUNG, 1978, p. 243)

Passarei agora a retratar as razões que me levam a identificar a cultura italiana como sendo do tipo SENTIMENTO EXTROVERTIDO. Uma cultura com acento forte nos hábitos do bem comer, junto da família, ou de amigos. A boa comida, o bom vinho, a prosa fácil, o canto em grupo. Os bares italianos são mais famosos pela algazarra de vozes do que pelo que neles se consome.

Esta relação importante entre a comida e este povo do mediterrâneo não é folclore, os italianos gastam mais com comida, que todos os demais países industrializados (MOORE, 1993)

Diariamente os italianos desfrutam de um hábito, que é praticamente uma instituição nacional, a “*passeggiata*” (dar um passeio), um tipo de passeio coletivo, que ocorre nas pequenas e menos nas grandes cidades, no início da noite. Trata-se de uma mistura de desfile de moda, exercício, especialmente para os idosos, e ainda da possibilidade de trocar “fofocas”, mas principalmente, de encontros não-marcados, que são sempre uma boa maneira de rever amigos. No entanto, convive com este mesmo espírito de encontro e amabilidade, a expressão muito falada que é “*Povera Italia*” (Pobre Itália)²³, que é a abertura para o início de lamentações sobre os defeitos do país, conversação típica italiana, comumente sobre corrupção política, e injustiças sociais. Mesmo que a situação grave de pobreza seja um dado mais do passado que do presente. (MOORE, 1993)

Os problemas da caótica burocracia italiana mereceram enormes estudos. Um dos mais famosos foi um relatório feito pelo Instituto de Pesquisas Formez, enfocando a morosidade do serviço público italiano, que descreveu nas suas 14 mil páginas casos que beiram ao surrealismo. Os pesquisadores encontraram 450 mil processos atrasados. Várias são as razões para tal inoperância. Começando pela freqüente troca de normas, num país que de 1946 a 1987, teve mais de 40 governos, alguns durando

—

²³ - “Em 1953, uma Comissão Parlamentar sobre a pobreza revelou que 24 por cento dos lares italianos eram “miseráveis” ou “passavam necessidades”; 52 por cento das residências no sul do país não tinham nem água corrente nem água potável; e só 57 por cento das casas tinham banheiro. As vertiginosas taxas de crescimento das décadas de 50 e 60 (superadas somente pelo Japão) mudaram tudo isso e hoje a Itália é um exuberante Estado industrial” (MOORE, 1993, p. 17)

poucos meses, agravando-se pelo fato de muitos terem ficado todo o tempo do mandato em discussões intermináveis, sem chegar a implementar mudanças. Outro ponto é que lá as leis são resultado freqüente de acordos políticos. Muitas vezes são tão mal redigidas que não são passíveis de serem implementadas. Soma-se a isto um serviço público inchado, onde poucos cumprem os horários, pois complementam renda com um segundo emprego. A informatização feita sem integração tende a ampliar bastante a confusão do sistema existente. (MOORE, 1993)

O sistema judiciário, com fraudes constantes é tão moroso, que os cidadãos chegam a questionar a utilidade da sua existência. Presos podem passar anos na cadeia, esperando julgamento. Em 1980 uma nova legislação limitou os casos de prisão preventiva, o que levou a que muitos criminosos ficassem soltos. As ações de direito civil na década de 70 que demoravam 10 anos, evoluíram para uma demora média de 3 a 4 anos. (MOORE, *Ibid.*)

O sistema educacional também sofre com a organização burocrática, tem o maior número de professores por alunos na Europa, de um lado, de outro as verbas do governo são inteiramente gastas com pessoal, não podendo haver investimento no desenvolvimento de condições físicas da escola. O ensino é obrigatório entre 6 a 14 anos. No sul do país a situação é ainda mais complicada, pois não ocorrem reformas de ensino há mais de 40 anos. E estes alunos percebem que dentro da sociedade moderna italiana, agilmente competitiva, a tendência para eles é o desemprego após a escola. As universidades não limitam entrada de estudantes, mas faltam vagas de trabalho para uma avalanche de recém-formados. (MOORE, *Ibid.*)

O sistema de saúde sofre os mesmos problemas que o da educação, há mais médicos na Itália, relativamente, do que nos demais países europeus, o orçamento para a saúde vai para o pagamento de pessoal, e acaba faltando ao doente, alimento, roupa ou material de higiene. (MOORE, 1993)

A previdência foi implantada no país em 1980, porém o seguro-desemprego é baixo e a burocracia infunda, dificultando que os trabalhadores recebam suas aposentadorias devidas. (MOORE, *Ibid.*)

O país convive com casos de fraudes em todas as instâncias, do cidadão ao governo, numa proporção extraordinária. No entanto, ao contrário do que era de se esperar, o país se desenvolve, e segundo muitos dos estudos realizados nas universidades italianas, o que mantém forte o povo é uma crença extrema que atinge todos os cidadãos: a crença na instituição familiar. Nela são praticadas as virtudes de lealdade, honestidade, disciplina e auto-sacrifício, o que facilita a vida por um lado, mas assegura o nepotismo, criando um círculo vicioso. (MOORE, *Ibid.*)

Aqui, neste ponto pode-se argüir, como pode o SENTIMENTO ser portador da ética? Precisamos considerar algumas coisas. A Itália viu-se dentro de um turbilhão devido à Revolução Industrial com a força de sua função PENSAMENTO que varreu a Europa, isto foi mais difícil ainda, pois mudanças muito significativas ocorreram em 3 décadas, enquanto noutros países muitas destas mudanças demoraram 1 século para se dar. Soma-se a isto o fato da função SENTIMENTO possuir um tempo natural para processar os eventos mais longo do que o da função PENSAMENTO. Pôr rapidamente ordem lógica, num país que custou a se constituir como tal, que ainda no século XIX era predominantemente regido pela estrutura de valores

familiares, causou um grande choque. As regras acabaram por se impor de maneira caótica, pois a antiga ordem familiar, ainda que esgarçada por força das mudanças, continua presente. O que aconteceu foi que a emergência da função inferior tornou-se o modo de viver do país. É necessário considerar que então a Itália passou a viver sua SOMBRA, seu PENSAMENTO INTROVERTIDO. Sobre isto vale lembrar Von Franz & Hillman (1995, p. 74) *“A fuga fácil, que tenho observado em muitos casos de tipo sentimento extrovertido, é aquela em que eles saem das dificuldades simplesmente entregando a alma a um sistema já instituído”*.

É necessário deixar claro que a função SENTIMENTO no âmbito coletivo a ser desenvolvida pela humanidade não é sinônimo do tipo SENTIMENTO. Não há tipologias melhores ou piores, pois a função da tipologia Junguiana é fazer compreender como alguém percebe o mundo. É preciso compreender que os valores de agora na humanidade são o materialismo, o egocentrismo, o consumismo sem limites. A concepção de que o valor vida de todos é responsabilidade de todos, ainda é precária, é disto que a função SENTIMENTO trata. Na verdade a função SENTIMENTO a ser desenvolvida seria como o “Fenômeno do Centésimo Macaco”: quando uma massa crítica de pessoas muda suas ordens de valores e isto se expande a toda a sociedade.

A Itália hoje está sofrendo, como já mencionado, uma transformação na força da família. O país teve uma mudança de agrícola para industrial em 3 décadas, passando neste curto tempo o que os demais países europeus viveram em 1 século. Isto abalou seriamente a estrutura familiar, pois, com a movimentação pela sobrevivência de seus membros, várias fortes tradições até então facilitadas pela proximidade física entre eles, foram

desaparecendo e os valores da sociedade de consumo foram crescendo, e com eles o problema das drogas. Hoje é o país Europeu com as maiores estatísticas de dependentes e de criminalidade. (MOORE, 1993).

As legislações aprovadas nas décadas de 1960 a 70 davam direitos quase iguais às mulheres que aos seus maridos. A licença-maternidade de 5 meses veio primeiro, depois ocorreu a legalização do aborto (a taxa é a segunda maior da Europa depois da Dinamarca) e a legalização do divórcio deu-se em 1970. Mas é o país europeu com a mais baixa taxa de divórcios (0,2/1000 habitantes), se comparado com a Inglaterra com 2,8. Isto não pode ser creditado à força da Igreja Católica, pois em várias estatísticas evidencia-se um declínio na participação da igreja na vida dos cidadãos. (MOORE, *Ibid.*)

A Itália deu ao mundo um grande legado em arte, em todas as suas formas, onde fica expressa a força da função SENTIMENTO, determinando uma grande vocação artística neste povo.

Impossível falar de Ópera, sem considerar a italiana, com seu conteúdo muitas vezes político. Afinal, no período que antecedeu a Unificação da Itália e que culminou em 1861 com Vitor Emmanuel tornando-se rei, multidões gritavam aos brados, VIVA VERDI, que na verdade queria dizer VIVA VITOR EMMANUEL REI DI ITALIA.

Não se pode esquecer que “Nabucco” era uma metáfora do cativo italiano ao julgo austríaco. “O Rigoletto” é baseado em *Le roi s’amuse* de Victor Hugo, onde o enredo fala sobre o lascivo duque de Mântua e sua corte decadente e corrupta. A partir de então passou a existir uma aproximação

com o drama real do público, graças ao talento especial e inovador de Giuseppe Verdi (1813 – 1901). Antes dele as óperas retratavam dramas distantes da realidade que as pessoas viviam. Outras obras de importância dramática e com certo cunho novelesco, são: “La Traviata”, baseada no romance de Alexandre Dumas, “A Dama das Camélias”, “Don Carlos”, “Um Baile de Máscaras” (baseado, como já foi referido, no assassinato de Gustavo II, da Suécia, em 1792, que por razões políticas passou a ser o fictício Ricardo, governador de Boston), “Macbeth”, “Otello”, para citar as mais famosas. (DIGAETANI, 1988)

“O Trovador”, texto de Salvatore Cammarano, tem uma trama com acento forte em sagas familiares e a vingança. Como um maestro contemporâneo italiano bem definiu, a grande força desta ópera advém da revelação, de que só é possível o assassinato no ser humano, quando ele não reconhece que sua vítima é “seu irmão”. Esta ópera, junto com “Rigoletto” e “La Traviata”, são a trilogia do repertório mais executado de Verdi.

Antes de Verdi, outro revolucionário foi Luigi Cherubini (1750 -1841), com “Medéia”, que transformou a *opéra-comique* em um gênero capaz de ser expressão de poderosas idéias dramáticas, como ocorre em “Anacreonte”. Sobre o compositor escreve Beethoven *apud* Pahlen (1991, p. 239): “*É com imensa satisfação que aproveito a oportunidade de me aproximar do senhor através desta carta, uma vez que espiritualmente sinto com freqüência essa proximidade, pois prezo sua obra teatral acima de todas as demais...*”

E por último, numa seqüência inacabada vem Giacomo Puccini (1858 -1924), autor de “La Bohème” (1896), “Manon Lescaut” (1893) (ISACS & MARTIN, 1985), “Tosca”(1900), baseada na peça popular de Victorien

Sardou, para Sarah Bernhardt, com dramas sobre idéias filosóficas e religiosas. “Turandot” (1926), sua última ópera, ficou inacabada, baseada numa peça de Carlo Gozzi, um épico que contrapõe ódio ao amor, e o sacrifício que ensina a amar. (DIGAETANI, 1988)

“Madame Butterfly”, cujo libreto foi alterado pelo próprio Puccini, acabou sendo algo profético. Solicitou a Belasco a permissão para alterar a peça. A ópera foi apresentada pela primeira vez em 1904, baseava-se na peça de John Luther Long e David Belasco, apresentada em Londres, que tratava da história de sentimentos românticos, narrados por dois pontos de vista, o ocidental e o oriental. A respeito da autorização dada por David Belasco a Puccini, o teatrólogo escreveu a um amigo:

“Concordei imediatamente e disse-lhe que poderia fazer com a peça o que lhe bem entendesse e nas condições que quisesse, pois como discutir pormenores com um italiano impulsivo que tinha os olhos marejados de lágrimas e os dois braços em volta do meu pescoço?...” (BELASCO *apud* BATISTA FILHO, 1987, p. 409)

Dois outros fatos demonstram a expressão da função SENTIMENTO EXTROVERTIDO na tipologia italiana. Primeiro, o fato de que das 50 óperas mais representadas na atualidade 21 são italianas. E segundo, que *O bel canto* implica na criação de teatros de ópera, que são em geral obras de arte arquitetônicas: a própria representação, que deve levar o espectador a estados de grande emoção, as divas, os mitos das prima-donnas que são sempre algo grandiosamente dramático. Alguns nomes se destacam: Enrico Caruso (1873 -1921), Beniamino Gigli (1890- 1957), Mario Del Monaco (1915 -1982), Mirella Freni (1936), Tito Gobbi (1913 -1984), Luciano

Pavarotti (1935), Renata Scotto (1934), Renata Tebaldi (1922), Katia Ricciarelli (DIGAETANI, 1988).

Acrescentando o fato de que a representação da ópera era feita no melhor estilo italiano de fazer as coisas, e isto até bem pouco tempo;

“Só no presente século é que as luzes dos auditórios começaram a se apagar durante os espetáculos de ópera. Até pouco tempo antes da Primeira Grande Guerra, o público podia seguir o texto estrangeiro por um libreto impresso, com tradução em vernáculo. Antes disso, as pessoas sentavam-se num camarote, jogavam cartas, comiam, trocavam mexericos e observavam o público enquanto decorriam os recitativos. Só prestavam atenção quando começava um ária favorita ou entrava um cantor preferido.” (GALWAY, 1987, p. 125)

Além da ópera, a outra grande paixão do povo italiano é o cinema, no qual aparece o retrato falado do modo de sentir, típico do SENTIMENTO EXTROVERTIDO, em quase todos os grandes cineastas. Roberto Rossellini, que foi um dos criadores do gênero neo-realista, em 1945, retratando a tragédia da vida cotidiana em “Roma Cidade Aberta”, Vittorio de Sica com “O Ladrão de Bicicletas”. Depois veio, com a SOMBRA da função principal o autor que encarnou a sátira e o surrealismo Frederico Fellini, com “*La Dolce Vita*”. Luchino Visconti, que iniciou como neo-realista, em “Rocco e Seus Irmãos”, com primorosa trilha sonora de Nino Rota, mas depois interessou-se por motivos grandiosos: “O Leopardo”, com trilha sonora também de Rota, baseado no livro de Giuseppe Tomasi di Lampedusa sobre uma família aristocrática, e depois “Morte em Veneza”, baseado no romance homônimo de Thomas Mann.(SADOUL, 1993)

Segue a lista de filmes que tem um traço característico da filmografia italiana, que é a força da imagem, patente em “Blow-up” de Michelangelo

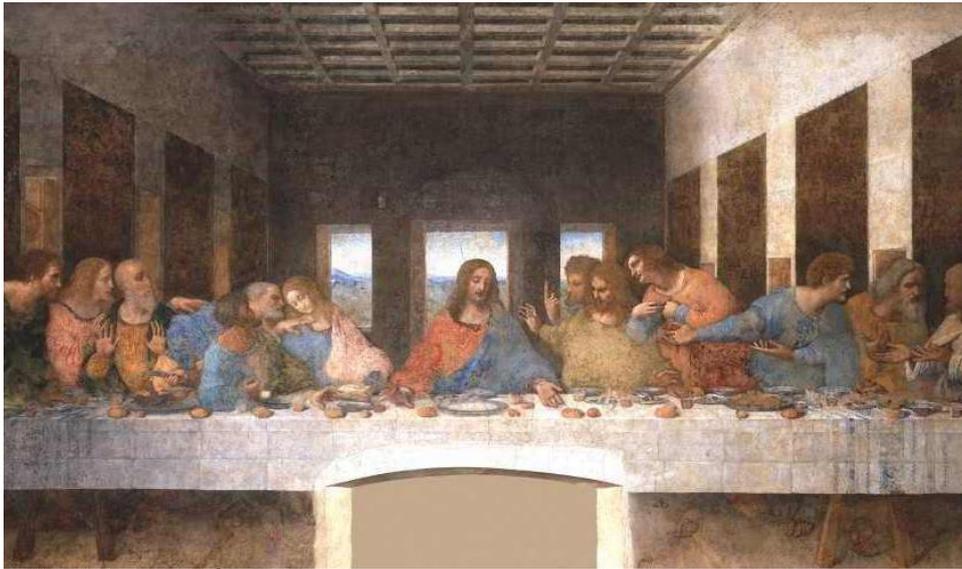
Antonioni. A força visual também está presente, junto com a narrativa de sentimentos, em “O Último Tango em Paris” de Bernardo Bertolucci. Pier Paolo Pasolini, com “Teorema”, faz encontro da “família burguesa” com o “metafísico”, a música é de Ennio Morricone. O diretor que vai levar ao extremo a capacidade de narrar só com a imagem é Ettore Scola em “O Baile”, o tema da passagem do tempo e as mudanças vitais que se seguem, também estão presentes em “Nós que nos Amávamos Tanto”. Não deixando dúvidas o quão capazes são na narrativa dos sentimentos; os irmãos Paolo e Vittorio Taviani em “Pai Patrão”(SADOUL, 1993). A cor e a música com a força de Ennio Morricone, e seu filho Andrea Morricone, fazem o sentimento transpassar o espectador em “Cinema Paradiso”, de Giuseppe Tornatore, que conta sobre o retorno ao lar, e a magia do próprio cinema.

Como traço da função SENTIMENTO EXTROVERTIDO, tem a Itália a excelência da moda, nas figuras de Galitzine, Valentino, Antonelli, Gucci Missoni, Armani, Versace, Krizia.(MOORE, 1993)

Em artes plásticas, como falar de Renascimento sem a Itália; Giotto, Fra Angelico, Fra Filippo Lippi, Sandro Botticelli, Gentile Bellini, Perugino, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Corregio, Tiziano, Veronese, Tintoretto. E o Barroco com Caravaggio (JANSON, 1989). Iniciam a grande jornada da história da pintura ocidental. A força da cor, a perfeição da forma, a beleza na escultura, arquitetura, e na literatura com Dante Alighieri, em sua Divina Comédia, onde o poeta realiza um périplo pelo Inferno, Purgatório e Paraíso. Dante tem Virgílio por guia e Beatriz como inspiração. (ALIGHIERI, 1923). Esta obra literária é uma metáfora da Itália que ensina ao mundo o caminho do belo, que cria uma atmosfera agradável e deixa a

alma sorrindo. É também a cultura que pintou a Sagrada Família, pois tinha a família como valor sagrado.

A “Última Ceia”, de Leonardo Da Vinci contém um universo de informações. Retrata um momento emocional, onde os apóstolos ficaram atordoados com a declaração inesperada e condenadora de Cristo de que um deles o trairia. Resulta daí um quadro onde a emocionalidade está expressa no gestual de cada um. Leonardo expressa Cristo demonstrando a relação do corpo e do sangue. Também está expresso o triângulo, formado pela figura de Cristo e o quadrado que o emoldura. Está tudo ali, o ritual que ele propõe e a movimentação gestual de cada um dos doze eus. (WASSERMAN, 1984) O triângulo e o quaterno deixam revelar a passagem de Cristo, que em si detém 3 figuras: O pai, filho e espírito, o triângulo é masculino e se deixa emoldurar pelo quaterno, que na visão Junguiana representa dentre muitas coisas o feminino, a própria função de relação, o SENTIMENTO na sua representação máxima. Tal simbolismo se contrapõe à atitude egóica entre os comensais. Leonardo demonstra que artista é como profeta, ali fica exposto o homem insipiente para ver ou reconhecer a essência amorosa. O quadro foi pintado entre 1495 -97. Teríamos um longo caminho a percorrer.

FIGURA 19

“A Última Ceia” – LEONARDO DA VINCI
(WASSERMAN, 1984, p. 93)

A França é o país onde a cultura é do tipo SENTIMENTO INTROVERTIDO.

A França possui aproximadamente 100 habitantes por quilômetro quadrado, sua densidade demográfica só é maior que a da Grécia e da Irlanda, dentro da Europa. Os costumes e aparências são variados. Percebemos que na diversidade de gêneros de vida, como a de um agricultor normando, a de um vinhateiro provençal, ou a de um pescador bretão, um mineiro de Lorena, um professor gascão ou um executivo parisiense, uma coisa transparece em todos, que é a *France éternelle* (França eterna), sentimento que traduz uma mistura do concreto com o abstrato, do real com o imaginário, uma identidade cultural que fascina, como bem demonstra o ditado alemão “*Feliz como Deus na França*”, tal identidade se desenvolveu desde a Idade Média, afinal foi a primeira nação a se constituir na Europa. (ALLAN, 1993)

Carlos Magno foi o primeiro monarca a reinar sobre quase toda a França (exceção da Bretanha, então fortaleza Celta), foi coroado em 768 em Noyon a 100 quilômetros de Paris. Seu nascimento é desconhecido, ele tem lugar destacado na história da França assim como na da Alemanha. Ele tornou-se uma figura mítica, objeto de poesias e lendas. Em 987, com a eleição de Hugo Capeto rei, apesar de senhores feudais elegerem-no pensando que seria fraco e de fácil controle, seus descendentes, cada vez mais fortes, criaram finalmente no século XVI uma França regida por uma monarquia absolutista, entre XVII e XVIII. (ALLAN, 1993)

A arte fala no estilo de vida deste povo desde 20.000 anos, como demonstram as cavernas De Lascaux, Les Eyzies, Trois Frères. Ou os monumentos de pedra que integram a paisagem da Bretanha.(ALLAN, *Ibid.*)

A cultura é uma parte importante para os valores franceses, ela é bastante subsidiada pelo governo em todos os cantos do país. As bibliotecas e livrarias são abundantes, talvez representem a “*bibliolatria*” a que Meier, (*op. cit.*) se referiu descrevendo o PENSAMENTO EXTROVERTIDO, função inferior do tipo SENTIMENTO INTROVERTIDO.

A cidade de Paris é um monumento de como o ser humano é criador do belo. O prefeito da *Seine*, Georges-Eugène Haussmann, organizou o extraordinário programa de reestruturação urbanística de Paris, modernizando os sistemas de transporte e de esgotos, as avenidas e a construção de grandes projetos como o da *Opéra de Paris* concluída em 1875, projeto de Charles Garnier (1825 – 1898). Um dos expoentes do século XIX, Eugène Viollet-le-Duc (1814 -1879), fez com Lassus o projeto de restauração da Notre-Dame de Paris (1842). O projeto foi iniciado em

1850 e com a morte de Lassus, em 1857, Viollet-le-Duc seguiu os planos que havia criado aos 28 anos, concluindo-o sozinho. Além de arquiteto, artista (escritor), foi arqueólogo. Ele estabeleceu as bases da especialidade de restauração, tendo restaurado várias construções Medievais. Foi homem de ciência, pesquisador, pedagogo e polemista. Pela sua obra literária sobre arquitetura passou a exercer influência por toda a Europa. (GOITIA, 1996)

A moda também fala do culto ao belo na França e é bem representada por Christian Dior, Larroche, Pierre Cardin, Yves St. Laurent, Courrèges. (ALLAN, *Ibid.*) Alguns deles completaram sua linha de toque na beleza com contribuição em cosméticos e como perfumistas. Afinal, a importância do perfume representa um toque literal na atmosfera, há uma grande lista deles, para citar alguns consagrados mundialmente: Chanel, Guerlain, Molyneux, Caron, Givanchy, Grés, Chopard.

Os almoços de família em casa já foram tradição na França, especialmente nas regiões rurais, mas tornaram-se raros, por diversas injunções da vida moderna. A transição da vida rural para a agitada vida das cidades gerou um sentimento nostálgico representado por filmes como “Um Sonho de Domingo” (*Un Dimanche à la Campagne*) de Bertrand Tavernier, de 1971. O filme se passa em 1910, onde um pintor em sua casa de campo, envelhecido num domingo de verão tem um encontro com seu filho casado, os netos, e uma filha solteira. Nesta reunião permeada de conflitos familiares, pontuados de forma sugestiva, existe a arte impressionista, a relação da arte com a própria vida. (PYM, 2002). Este encontro da família do pintor, que vive afastado numa localidade rural, assume ares nostálgicos, que vão evoluindo numa magia envolvente.

Diferentemente dos filmes italianos que retratam o tema dos encontros familiares no campo, pois este assunto é central no inconsciente coletivo dos dois povos. Só que nos italianos, os almoços retratados são regados a discussões de velhas pendências familiares, muitas falas com risos e gritos, demonstrativos evidentes do SENTIMENTO EXTROVERTIDO, o espectador assim como o personagem da cidade, volta para casa, com a explosão de emoções ainda em mente. No filme de Tavernier, todos os sentimentos estão ali, com o típico pudor do SENTIMENTO INTROVERTIDO, tudo acontece tratado de outro modo, mas a nostalgia vai se alquimizando num doce acontecimento que o espectador leva para casa a experiência de um encontro que nunca esquecerá.

O cinema, invenção de Louis Lumière em 1895, depois de ter filmado crianças, o campo, o mar, amigos e família, antes de falecer disse que sua ambição tinha sido “*reproduzir a vida*”. (SADOUL, 1993, p. 155). De fato, concretizou isto na “A Natureza captada ao vivo”. (SADOUL, 1993, p. 155). No filme “*Le Repas du Bébé*”, o irmão do diretor, Auguste, dá sopa a um bebê, sob o olhar enternecido da mãe, tendo as folhas ao vento como pano de fundo (SADOUL, 1993).

Este seria o início não só da arte cinematográfica mas da maneira francesa, subjetiva de filmar, de que são exemplo as obras de Jean Cocteau “A Bela e a Fera” (1946), um cine-balé, que se baseia no conto de fadas homônimo. (SADOUL, *Ibid.*). “*Le Testament d’Orphée*” (1960) é a terceira parte de um diário íntimo, sobre o qual o próprio autor escreve: “*Meu grande compromisso é o de viver uma atualidade que me convenha e que anule o tempo. Tendo descoberto que esse estado era privilégio meu, aperfeiçoei-me e mergulhei nele*”. (SADOUL, *Ibid.*, p. 291) Difícil uma melhor descrição

de SENTIMENTO INTROVERTIDO, aqui a subjetividade é a única referência que conta.

A saga dos filme autobiográficos continuou na filmografia francesa, e outro autor que se valeu dela foi François Truffaut em “Incompreendidos” (1959), retratando o início da vida do diretor, que foi um delinqüente juvenil, que foi salvo por uma bela amizade. Este diretor adentra nos sentimentos mais íntimos dos relacionamentos como demonstra a “A Mulher ao Lado” (1981), onde retrata a paixão destrutiva entre dois casais. A erosão da vida conjugal levada a extremos é tratada em “Sereia do Mississipi” (1969), as impossibilidades de uma relação triangular tratada em “*Jules et Jim*” (1961). “Último Metrô”, uma trama que é regida por sentimento puro, como fio condutor de todo um drama passado em tempos de guerra dentro de um teatro onde o diretor permanece escondido dentro na coxia. Outro filme importante é onde ele faz uma incursão sobre uma história especial, a figura da mulher enigmática, tema constante de Trauffaut em “A História de Adele H” (1975), onde conta a tragédia amorosa da filha de Victor Hugo, que segue até à loucura e ao fim do mundo, um amante indiferente, com música de Maurice Jaubert. (SADOUL, 1993). Tal tema faz-nos lembrar a frase já citada de Rilke.

Claude Lelouch recria o que Lumière inventou, descrevendo o que nenhuma outra forma narrativa é capaz de fazer em “Um Homem e Uma Mulher”(1966), com a trilha sonora de Francis Lai, a música e a câmera percorrem numa sintonia guiada com pura subjetividade, uma história coerente com o título, mas que por ser tão subjetivamente contada, torna-se única. “Viver por Viver”, música de Francis Lai, corre na volúpia do triângulo amoroso em tempos de guerra do Vietnã, que é retratado na estória

pelo personagem de Yves Montand (ator que atuou em vários filmes do diretor grego Costa Gravras, que tratavam de denúncias de problemas políticos em diversas partes do mundo, inclusive na América Latina) em “Viver por Viver” está num destes papéis em que acaba sendo mensageiro para o espectador da desumanidade corrente naqueles dias. “*Les Uns et les Autres*” (Bolero) (1981), novamente a dupla de músicos Francis Lai e Michel Legrand, o filme é um modo de mostrar de como dentro das famílias de diversas nacionalidades (francesa, americana, russa, alemã), a mão da segunda guerra conduz suas estórias. O tema da guerra é retomado numa adaptação de “*Les Misérables du Vingtième Siècle*” (1995), passado durante a segunda guerra, com trilha sonora de vários compositores, entre eles Francis Lai e Michel Legrand, onde Jean-Paul Belmondo interpreta Jean Valjean, mostra o frescor da eterna obra de Vitor Hugo, que é um infundo mergulho sobre a natureza humana, pela ótica da subjetividade.

Os músicos franceses demonstraram um talento especial na criação de músicas para cinema, que no fim significa música que cria atmosfera sem chamar a atenção para si, talento claro da função SENTIMENTO INTROVERTIDO. Um representante significativo é o compositor Maurice Jarre, que com sua parceria com o diretor David Lean pôde dar à narrativa um elemento essencial para a atmosfera envolvente de filmes como: “Lawrence da Arábia” (1962), “Doutor Jivago” (1965), “Passagem para a Índia” (1984), “A Filha de Ryan” (1970). (ALBAGLI, 1992)

Recentemente resgatado na íntegra, “A Grande Ilusão” (1937), localizado entre o material que no pós-guerra ficou depositado na antiga URSS é um filme cujo diretor ao morrer julgava estar perdido devido às destruições ocorridas durante a ocupação da França (pois fora proibido na

Alemanha e na Itália naquele período). Filme de Jean Renoir, com Jean Gabin (classificado entre os 12 melhores filmes do mundo), é considerado um clássico do cinema pacifista. (SAKOUL, 1993). No depoimento do diretor, uma mensagem:

“A história de A grande Ilusão é rigorosamente verdadeira e me foi contada por vários dos meus camaradas de guerra, principalmente Pinsard. Suas fugas são a base da história. Mas uma história de fuga, mesmo emocionante, não basta para fazer um filme. É preciso fazer um roteiro. Para isso, Charles Spaak me deu sua colaboração. Aos laços de nossa amizade, juntou-se o de nossa fé comum na igualdade e na fraternidade dos homens”. (JEAN RENOIR apud SOKOUL, 1993, p. 175)

A filmografia francesa é rica dos que aderiram ao surrealismo, ao criticismo quase sem limites, que demonstra a força da função inferior para criar uma obra que ultrapassa fronteiras para sua aceitação, como são os filmes de: Alain Resnais, Jean Luc Godard, Chabrol, Agnès Varda, dentre outros.

O bem viver é parte da cultura SENTIMENTO INTROVERTIDO, e não poderia deixar de ser. A França detém o recorde mundial de casas de campo ou praia; a proporção é de 1 família em 9 que possui uma segunda casa, contra 1 em 15 nos E.U.A., 1 em 140 na Alemanha (parte Ocidental) e 1 em 200 na Grã-Bretanha. (ALLAN, 1993)

Depois da guerra, até os empregados têm direito a férias (5 semanas anuais). E 1 entre 4 viagens é para o exterior, sendo a Espanha o destino mais comum. O camping (com infra-estrutura) atrai 6 milhões de pessoas por ano. (ALLAN, *Ibid.*) Em férias, surge “o outro lado” não vivido no dia-a-dia, ou seja, a sombra EXTROVERTIDA. O francês, que é o povo tido como

individualista, rígido nos padrões de comportamento social, durante as férias torna-se extrovertido, um fato que ilustra isto é a expansão extraordinária e internacional do Clube Méditerranée. Caracterizado também por atividades de lazer “organizadas”. Afinal, as mudanças coletivas não costumam ser radicais.

Porém, nenhuma atividade para os franceses pode competir com o prazer de comer bem, e isto é antigo, o gosto pela culinária já aparece na Idade Média. Mas uma revolução acontece em 1533, quando Catarina de Médice (italiana) casou-se com o futuro rei Henrique II, e trouxe exímios cozinheiros consigo, criando modificações definitivas na gastronomia francesa. Em 1765 surge o primeiro restaurante, que se relaciona com as qualidades restauradoras das sopas que os *chefs* servem, porém o termo sopa, só é mencionado entre eles, pois para os leigos, o uso de tal palavra não é de bom tom... No século XIX, a gastronomia alcançou um apogeu sem limite. Em 1833, Marie-Antoine Carême torna-se a codificadora da culinária francesa clássica e publica “Arte de Cozinhar no século XIX”, um compêndio de *haute cuisine*. No século XX, depois dos anos sessenta, chegou a *nouvelle cuisine*, substituindo o estilo anterior, que era pesado segundo os novos padrões da estética corporal. Para os novos *chefs*, a tradição foi substituída pela imaginação e a ousadia. Nomes como Paul Bocuse, os irmãos Troisgros, Michel Guérard, tornaram-se famosos na França e no exterior no final dos anos 70 quando, então, $\frac{3}{4}$ dos restaurantes franceses passaram a praticar a *nouvelle cuisine*. O assunto gastronomia ocupa grande parte do mercado editorial. O famoso e mais antigo guia gastronômico é o “*Michelin*”, suas classificações ainda têm peso entre os profissionais da área. Os grandes *chefs* vêm sendo celebridades nacionais desde Vatel (1671). (ALLAN, 1993)

Além da boa comida, acompanha também o bom vinho. A França é o maior consumidor mundial, per capita e em valor absoluto de vinho. As leis vinícolas são as mais antigas e severas do mundo. Designam os vinhos em classificação; da melhor para a mais inferior, que são: *Appellation Contrôlée* (nomenclatura controlada), depois *Vins Délimités de Qualité Supérieure* (vinhos de qualidade superior), muitas vezes identificados pelas iniciais VDQS, em seguida vêm os *Vins de Pays* (vinhos regionais) e, finalmente, os *Vins de Table* (vinhos de mesa). Abaixo desta classificação estão os *Vins Ordinaires*, cujo rótulo só indicam o teor alcoólico. Os exportados estão entre as duas categorias superiores. (ALLAN, *Ibid.*)

O queijo é oriundo da Mesopotâmia, pelos idos de 6.000 a. C. ou mais, dependendo do autor, e de lá foi para Grécia, onde surgiu a arte de degustar este alimento, combinando-o com outros. Até os dias atuais o povo grego é um dos maiores consumidores de queijo. Depois, através da difusão do império romano pela Europa, os romanos encontraram vários tipos deste laticínio em diversos lugares e o levaram para Roma e de lá estimularam as demais regiões a fabricarem seus queijos. Foram eles que elevaram o alimento à condição de iguaria, devendo estar presente nas mesas dos grandes banquetes. A exigência de novos tipos de queijo estimulou a produção em 2 dos países conquistados, a Gália e a Helvécia (França e Suíça) entre 50 a. C. a 100 d. C. Seguiu-se pelo império a divulgação destes queijos, explicando como os mesmos tipos eram degustados na África e Ásia. Na França, o consumo de queijo é o maior do mundo, sendo de 18,5 kg. per capita/ano, segundo a FAO (Food and Agriculture Organization). (LEANDRO, 1987). Para os franceses saborear pratos gourmet, queijos e vinhos pode ser quase um ritual. Há um orgulho no que diz respeito ao modo

de preparar vinhos e queijos em vários países, de guardar os segredos de produção por gerações nas mesmas famílias, e na França isto ocorre em maior proporção.

Desde a Renascença os franceses tendem a considerar seu país como o verdadeiro centro da civilização e referência para a arte de viver. Entre os séculos XVII e XVIII, a cultura francesa atingiu um grande destaque mundial, tendo como ponto culminante o período de Luis XIV, o Rei Sol, que ditou moda, criou hábitos, e com seu modo ostentoso de viver, foi copiado pelos nobres de outros países. Por mais de um século, principados e ducados centro-europeus importaram arquitetos e decoradores franceses para construir imitações do Palácio de Versalhes. Isto junto com o triunfo do idioma francês. (ALLAN, 1993)

As influências dos pensadores Iluministas do século XVIII, de François-Marie Arouet que aos 24 anos adotou o nome de Voltaire (1694 - 1778), Jean-Jacques Rousseau (1712 -1778), Charles de Montesquieu (1689 -1755) e Denis Diderot (1713 -1784), passaram para muito além de influências nacionais. Assim, em outros países, famílias ricas contratavam tutores franceses para seus filhos. Escritores como o filósofo alemão Gottfried von Leibniz, o historiador inglês Edward Gibbon, escreviam fluentemente em francês, mesmo Goethe chegou a considerar o uso desta língua para seus escritos. Era também a língua de uso diário nas cortes da Prússia e na Rússia. Até o século XIX os negócios de estado eram conduzidos em francês, que de sua importância nas cortes, passou a ser o idioma diplomático por excelência. Tratados eram redigidos em francês, não importando quão distante as causas estivessem para este país; como o de Ultricht e Rastatt, sobre o fim das guerras da sucessão espanhola em 1717,

os documentos que fizeram a Tríplice Aliança entre Alemanha, Áustria-Hungria e Itália, contra a França, o tratado que selou o fim da guerra Russo-Japonesa em 1905. A tradição só começou a mudar com o Tratado de Versailles, que sacramentou o fim da primeira guerra mundial, que teve duas versões, uma em francês, outra em inglês. A língua inglesa passou a ter uma penetração cada vez maior e, para se defender do anglicismo, foi criada uma lei em 1977 na França, que tornava obrigatório o uso do francês em anúncios, documentos oficiais e mesmo em rádio e TV. (ALLAN, 1993)

Uma instituição que retrata o valor que a cultura francesa dá à leitura é a Academia Francesa de Letras que existe até hoje, instituída em 1635 pelo cardeal Richelieu, que governava por sobre Luis XII. Esta criação teve como objetivo tentar controlar as reuniões de escritores. Richelieu chamou os escritores para o serviço real, e a Academia ficou encarregada de manter o bom gosto da língua e do estilo francês. É vista hoje como uma instituição repudiada por muitos profissionais das letras, dentro do clima da clássica crise institucional, tônica da atualidade. (ALLAN, 1993)

Já em 1635 a França possuía uma vasta obra literária iniciada nos séculos XII e XIII com a “*Chanson de Geste*”, a poesia vem antes da prosa. “Gesto” de um herói eram seus feitos, como no passado fazia-se em relação à vida dos santos, passou a ser feito em relação à vida dos cavaleiros, e o primeiro grande inspirador foi Carlos Magno. Depois vieram os romances cortesões, que apesar de serem escritos em versos, não se prestavam mais ao canto, e tratavam de estórias de amor, aventura e encantamento. Segue o Ciclo Bretão cujo grande representante é Chrétien de Troyes, cuja obra trata do amor, e da aventura. São vários os nomes, mas para citar um, Michel de Montaigne (1533 -1592), que é considerado o fundador da psicologia

clássica. Observa na própria individualidade as características da humanidade universal, (KOOGAN *et al.*, 1962, b) e assim se torna um grande exemplo de como o SENTIMENTO INTROVERTIDO é capaz de descrever a humanidade.

Depois da Academia, surgem 3 grandes escritores clássicos: Molière, e a comédia de seu tempo, que muitas vezes segue sendo atual, Thomas Corneille (1625 -1709) e Jean-Baptiste Racine (1639 -1699) com suas tragédias. Jean de La Fontaine (1621 -1695) redige em alexandrinos as fábulas de Esopo. (KOOGAN *et al.*, 1962, b)

Um exemplo impressionante do que o numinoso da função inferior é capaz, está muito bem representado por René Descartes (1596 – 1650) com “Penso, logo existo”. Pode-se dizer que a força da revelação vinda do Inconsciente Coletivo foi de tal monta que mudou o mundo.

É também digno de nota que não obstante, durante o período que precedeu a Revolução Francesa, se bons oradores tinham em Mirabeau, Robespierre, Georges-Jacques Danton, não houve uma literatura desta época que tenha sido forte o suficiente para atravessar o tempo. Mas novamente, uma idéia francesa com seu caráter numinoso e coletivo mudaria o mundo. *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*; diante de tal enunciado o mundo nunca mais seria o mesmo.

Mas é no século XIX que a literatura francesa tem seu apogeu. Com a figura de Vitor Hugo surge uma extensa obra literária composta de gêneros múltiplos como poesia lírica, satírica, épica, drama em verso e prosa, romance, ensaio, discurso político. Ele evoluiu com seu tempo, fez parte

ativa do grande debate político, e ao final de sua vida foi considerado o poeta oficial da República. De sua extensa obra notabiliza-se: “O Homem que Ri”, “Noventa e Três”, “Trabalhadores do Mar” (VITOR HUGO, 1969, a, p. 15, “Os Miseráveis”, um romance que começa em 1815, onde Jean Valjean é um condenado do infortúnio, com um caráter que possui o “*heroísmo da obediência passiva*”, encontrará em seu caminho a frágil Fantine e sua filha Cosette, e o implacável Janvert. Os anos se passam e a trama continua, até que o herói encontra seu justo descanso. Um enorme retrato dos confrontos internos e sociais estão descritos nesta epopéia. (VITOR HUGO, 1969, b)

Neste século a França terá ainda Stendhal (1783 -1842), que era fascinado pelo que chamava de “cristalização” emocional da experiência, em Penguin & Alianza (1971, p.732): “*Não pretendo retratar as coisas em si mesmas mas só no efeito que causam sobre mim*”, percebidas em, “*De l’amour*” e “*La Chartreuse de Parme*”. Honoré de Balzac (1799 -1850), criador da “Comédia Humana”, cerca de 90 novelas e relatos que se relacionam e que foram escritos em 20 anos. Gustave Flaubert (1821 -1880), (PENGUIN & ALIANZA, 1971), que fez um estudo do próprio ARQUÉTIPO DA ANIMA. Ao ser indagado sobre a verdadeira identidade da personagem Bovary, Flaubert respondeu (1979, p. 3): “*Madame Bovary sou eu*”. Charles-Pierre Baudelaire (1821 -1880), com “Flores do Mal”, livro de poesia, sua consagração nele deixa claro (1985, p. 115): “*A Natureza é um templo vivo em que os pilares – Deixam filtrar não raro insólitos enredos...*” Émile Zola (1840 -1902) com “Germinal”, onde as questões sociais são tratadas com um mergulho profundo através da família, e com olhar subjetivo no íntimo humano. (ZOLA, 1914)

No século XX, Marcel Proust (1871 – 1922) representa o tipo melancólico, clássico de SENTIMENTO INTROVERTIDO, em seu “A Procura do Tempo Perdido”. Antoine de Saint-Exupéry leva o subjetivo às últimas conseqüências capaz de criar mundos, como em “O Pequeno Príncipe” (SAINT-EXUPÉRY, 1946) e “Cidadela”, um verdadeiro tratado de sabedoria para as questões de governo e harmonia entre os seres. (SAINT-EXPÉRY, 1973)

Da música erudita francesa, não se pode deixar de mencionar alguns nomes, o maior de todos, Hector Berlioz (1803 – 1869), sua mais famosa obra a “Sinfonia Fantástica”, autobiográfica, com seus 5 movimentos: 1 – Fantasias e Paixões, nele está contida a paixão, os impulsos de fúria, ciúme, e ternura, como seus consolos religiosos, e o “tema da idéia fixa” 2 – O baile, onde no tumulto de uma festa martela o tema da “idéia fixa”. 3 – Cena nos Campos onde a “idéia fixa” vem perturbar o tema pastoral, ali misturam-se a descrição de “pensamentos” de felicidade assim como negros presságios. 4 – Marcha do Suplício, onde o músico sonha que matou a bem amada, e com a “idéia fixa” que se sobrepõe 5 – Sonho de uma Noite de Sabá onde o músico se vê em seu próprio funeral, numa orgia diabólica, onde retorna entrecortada a “idéia fixa”. Segue-se a esta obra “Lelio” ou “A Volta à Vida”, na verdade ambas as composições formam um conjunto “Episódio da Vida de Um Artista”. A extensa obra deixada por Berlioz compõe-se ainda de “Haroldo na Itália”, peça escrita a pedido de Paganini. “Romeu e Julieta”, (TRANCHEFORT, 1986), além das óperas “Bevenuto Cellini”, “*Les Toyans*”, “*Béatrice et Bénédict*”, baseada em “*Much Ado About Nothing*” de Shakespeare. Compôs também obras corais como “*L’Enfance du Christ*” e “*Te Deum*” (ISAACS & MARTIN, 1985). Sua música é um misto de passionalidade levada à última das conseqüências e transcendência, junção

que só é possível pelo aprofundamento infinito na subjetividade, lá encontra o numinoso, que é o todo. Sua obra só agora começa a ser compreendida e tocada com mais freqüência na própria França.

Camile Saint-Saëns (1835 – 1921), com peças que o imortalizaram como “A Dança Macabra”, “Carnaval de Animais”, escreveu 12 óperas incluindo “Sansão e Dalila”, escreveu 5 concertos para piano e 3 para violino, incluindo a famosa “*Introdução ao Rondó Caprichoso*” e 5 sinfonias, além de concertos para *cello* e música de câmara, de igreja e corais. (ISAACS & MARTIN, 1985). A emoção pura que se constitui na obra deste autor, não deixa dúvidas quanto a sua tipologia.

Georges Bizet (1835 -1921), com a ópera “Carmem”, marca o fascínio francês pela cultura espanhola. Num libreto escrito baseado na obra de Prosper Mérimée, porém, como a novela era longa, os libretistas Halévy e Meilhac enfocaram apenas uma parte da estória. (BATISTA FILHO, 1987)

Em Claude Debussy (1862 -1918), a magia e a nostalgia estão uma atmosfera envolvente que marca as obras do compositor de “*Nocturnes*”, inspirado na poesia de Stéphane Mallarmé, que escreveu “*L’Après-Midi d’un Faune*”. E é outro compositor que se fascina pela Espanha e escreve “*Iberia*”. (GALWAY, 1987)

Maurice Ravel (1875 – 1937), em quem o fascínio pela Espanha novamente aparece em “*L’Heure Espagnole*”, “Rapsódia Espanhola”, sua música prende os sentidos como em “*Daphnis et Cloè*”, “Bolero”, “Pavana para uma Infanta Morta”, “A Valsa”, “*Valses Nobles et Sentimentales*”. (BATISTA FILHO, 1987)

Na escultura nada declararia tão veementemente a numinosidade da função inferior da cultura francesa como a obra, talvez a mais famosa, que é “O Pensador” de Rodin (1840 -1917), feita sob encomenda da “Porta do Inferno” em 1880, onde Rodin pensou em incluir a figura de Dante, contemplando a “Divina Comédia”, desenrolando-se aos seus pés. O primeiro nome que teve esta escultura foi “Poeta”, mudou para o nome atual, quando o escultor deu-se conta que a idéia era retratar Dante em profunda meditação. Houve uma transformação na concepção da figura, em um homem nu, com os pés crispados, num rochedo. No tamanho de 0,71cm, domina a porta. Diante do sucesso foram feitos outros exemplares. (VILAIN, 1995)

O pensamento francês continuou dando contribuições numinosas, que permitem que a sociedade como um todo evolua. Isto está se repetindo nas figuras de dois obstetras franceses; Leboyer, que revolucionou o parto desumanizado, e Michel Odent que trabalhou amplamente pesquisando este assunto até criar um banco de dados internacional, o qual investiga as repercussões dos tipos de parto sobre a qualidade da saúde psíquica e física dos seres humanos. São portadores destas luminosas idéias que podem mudar o futuro da humanidade.

A pintura francesa tem figuras como Georges la Tour (1593 – 1652), que perseguia o mistério da luz, em sua “Maria Madalena”. Claude Lorrain (1600 – 1682) produziu uma extensa obra de paisagismo, cenas pastorais, com ampla liberdade de fantasia, seus edifícios e monumentos nada têm com a Roma antiga, mas sim com sua fantasia paisagística infinda, numa clara demonstração de subjetividade. (LANGDON, 1989)

O que pontifica a subjetividade na pintura francesa é o próprio movimento Impressionista, com Edouard Manet (1832 – 1883), Edgard Degas (1834 -1917), Claude Monet (1840 – 1926), Paul Cézanne (1839 – 1906), Camile Pissaro (1830 -1903), Auguste Renoir (1841 -1919). No dizer de Georges Rivière, em Pereira (1997, p. 62): *“Tratar um tema por seus tons e não pelo tema ele mesmo, eis o que distingue os impressionistas de outros pintores”*.

FIGURA 22



“O Tanque de Nenúfares” – CLAUDE MONET
(LOPERA, 1995, b, p. 17)

CAPÍTULO III

3. ALGUMAS EVIDÊNCIAS DA PRESENÇA DA FUNÇÃO SENTIMENTO NA ATUALIDADE

“Se um homem sentado sozinho em seu próprio quarto tem pensamentos certos, ele será ouvido a milhares de quilômetros de distância”.

Aforismo chinês (JUNG *apud* McGuire & Hull, 1977, p. 348)

Precisávamos ter feito todo este périplo de desenvolvimento, para chegar até aqui. Nossa trajetória de ensaio e erros fez com que conhecêssemos maravilhas, porém a atual INFLAÇÃO²³ do PENSAMENTO pode nos conduzir ao extermínio como espécie.

Chegamos hoje a uma situação onde os opostos nunca estiveram tão evidentes, e talvez por isto nunca foi tão forte a possibilidade de encontrarmos uma solução. Quando isto é afirmado, a pergunta que segue, é: - por onde se começa? A resposta já foi dada nas primeiras linhas

—

²³ - *“Uma consciência inflacionada é sempre egocêntrica e só tem consciência de sua própria presença. É incapaz de aprender com o passado, de compreender o que acontece no presente e de tirar conclusões válidas para o futuro. Ela se hipnotiza a si mesma e portanto não é aberta ao diálogo. Conseqüentemente está exposta a calamidades que até podem ser fatais. Paradoxalmente, a inflação é um tornar-se inconsciente da consciência. Isto ocorre quando a consciência se atribui conteúdos do inconsciente, perdendo o poder da discriminação, condição sine qua non de toda consciência(...) acho importante que certos indivíduos ou que os indivíduos comecem a perceber a existência de conteúdos que não pertencem à personalidade do eu, devendo ser atribuídos a*

um não-ego psíquico. Esta operação deve ser empreendida toda vez que se queira evitar a ameaça de uma inflação”.(JUNG, 1991, p 500-501)
 deste tópico, mas é bom deixar claro que o início é inalienável. É uma questão de cada um começar a fazer de outro modo, para que se crie a harmonia, o entendimento e a qualidade de vida para todos, neste momento ou em qualquer outro do futuro. Prova isto a afirmação feita há tempos:

“Países inteiros são devastados, milhões de pessoas são assassinadas. Nenhum mérito se admite à nação inimiga e os próprios defeitos aparecem no outro fantasticamente ampliados. Onde estão hoje as cabeças superiores? Se é que existem, ninguém lhes dá ouvidos. Predomina, ao invés, uma fúria assassina generalizada, a fatalidade de um destino universal ineludível, contra o qual o indivíduo não mais é capaz de defender-se. E, não obstante, este fenômeno coletivo também se encontra em cada indivíduo, pois é de indivíduos que se compõe a nação. Por isso cada um precisa descobrir os meios e modos de enfrentar o mal. De acordo com nossa atitude racionalista, pensamos poder resolver as coisas através de organizações internacionais, de leis e outras ‘boas intenções’ semelhantes. Na verdade, porém, só uma mudança de mentalidade de cada indivíduo poderá levar a uma renovação do espírito das nações. Tudo começa com o individual”.(JUNG, 1978, p. 27)

Depende da determinação de cada indivíduo constituir uma realidade diferente. Nos últimos 40 anos, vimos surgir no mercado editorial do mundo inteiro livros de auto-ajuda, tais livros refletem uma necessidade planetária de autoconhecimento. Também existem cursos para tratar de melhorar os relacionamentos humanos, quer no trabalho, quer na vida particular. A demanda deste tipo de curso não só reforça o aspecto da busca de melhor conhecimento de si mesmo, como também revelam a falta deste tipo de cultura na formação escolar básica. O fato é que o ponto central que está em causa nestes demonstrativos é que as pessoas vem querendo desenvolver a função SENTIMENTO.

Outro demonstrativo é o aparecimento de grupos de ajuda direta, envolvendo pessoas de vários lugares, afinal, SENTIMENTO é função de relação. Existe um número hoje incalculável de “adoções” de ajuda a crianças com as quais pode se manter contato pessoal, face a face ou por carta, isto aproxima pessoas de continentes diversos. Estas formas de “adoções” podem ocorrer através de entidades religiosas e ONGs (Organização Não-Governamental). Pesquisando na Internet, o número de ONGs existentes com atuações importantes não se consegue listar.

ONGs somente relacionadas a assuntos ligados à qualidade de vida funcionam sem fins lucrativos, propagando-se por todos os continentes. Tratam de questões seja do meio ambiente seja do ser humano, numa variada abrangência de aspectos, como por exemplo: Legal Society Association, na Georgia, que se empenha na melhora das condições de proteção do meio ambiente e cuidados dos direitos humanos. Project Heritage House, na Ucrânia, trata de assistência a crianças, na educação e cuidados nutricionais, entre outros. Shidhulai Swanirvar Sangstha, em Bangladesh, que presta auxílio aos sem-terra locais. The Helen Keller Blind Massage Center of Beijing, na China, provê assistência médica à comunidade cega. Open Arms, na Índia, para crianças órfãs, viúvas, doentes e sem instrução, levando cuidados médicos, educacionais e recursos materiais. Manyu Palm Kernel Industry, em Camarões, trabalha com comunidades locais promovendo e expandindo o desenvolvimento da própria comunidade. Rural Upgrade Support Organization, Gana, emprega voluntários para trabalho humanitário, da própria população local, buscando soluções para os problemas de desenvolvimento rural, de cuidados médicos, educacionais e sociais. Foudation Agency for Rural Development, no Kenia, promove programa de auxílio criando oportunidades de auto-suficiência na

comunidade rural pobre . Com linha de ação semelhante são: na Nigéria, Center for Development Support Initiatives e a Rural Economic Development & Empowerment Agency, no Paquistão Center for Sustainable Development Actions, que promovem o desenvolvimento sustentável em comunidades pobres. Existem incontáveis ONGs, que enfocam o desenvolvimento sustentável, provendo recursos à comunidade rural para se organizar, formar artesãos e criar uma economia que se expanda com preocupação ambiental. como: Farmer's Center of Initiatives and Research for the Environment, no Senegal, OSIENALA – Friends of Lake Victoria, no Kenia, Save the Earth, Nigéria, Golondrinas Foudation no Equador, Fundación Ñucachi Yuracuna, no Equador, La Asociación Coordinadora Municipal de Proyetos de Ciudades Hermanas, Nicaragua (lidando com área rural e urbana) (Non-Profits and Non Governmental Organization, 2003).

Com o advento da Agenda 21, numerosos núcleos comunitários rurais vêm surgindo no mundo inteiro, aperfeiçoando modelos de vida com qualidade cada vez melhor, onde a questão sustentabilidade é vital. A contínua busca de um estado de viver harmônico, seja porque não é agressor ao ambiente, seja porque o olhar dos cidadãos uns para com os outros, devido à gestão participativa, é fundamental. Pode-se dizer que viver em comunidade, agora pela ótica do coração, é um recomeço da nossa história, devidamente guiada pela função SENTIMENTO, que diz respeito à ética, aos relacionamentos.

Com enfoque em educação, outras milhares de ONGs espalhadas pelo mundo, como United Action for Children, em Camarões, Kolenten Secondary School, Serra Leoa, Fundación Cimientos, no Chile, SOS Sudan Association, promovendo educação para crianças em campos de refugiados

em Uganda, IEARN Trinidad and Tobago. (Non Profits and Non Governmental Organization, 2003)

Existe uma ONG no Brasil, a ONG Cidadania Ambiental, que trabalha como muitas outras no mundo, valendo-se da informática, como instrumento de ensino, só que ela acopla a isto uma gama enorme de profissionais, numa atividade francamente transdisciplinar, voltada a dar recursos de levar mais estudantes que cheguem ao segundo grau, a poder ingressar no mercado de trabalho. Conta com parcerias com o governo e com empresas de economia mista, sua meta é levar a um grande aumento de absorção destes indivíduos no mercado de trabalho. Hoje nas áreas carentes, os jovens que conseguem chegar ao segundo grau têm uma pequena chance de conseguir emprego. É preciso notar que nas áreas de baixa renda chegar até o segundo grau já é um grande desafio.

Outra ONG brasileira, a Associação Saúde Criança Renascer, também sem fins lucrativos, acabou de receber este ano (2003), o prêmio máximo do “Global Development Network”. A instituição nasceu em 1991, da indignação de uma médica, Vera Cordeiro, que tocou outros colegas da instituição pública (Hospital da Lagoa, RJ), e também muitos membros da comunidade carioca. O Renascer presta atendimento personalizado, com voluntários às crianças de alta hospitalar, dá oportunidade de profissionalização das mães, criando e mantendo oficinas de trabalho com o objetivo de romper o *“círculo vicioso: miséria-doença-internação-reinternação-morte.”* (CORDEIRO *apud* FIRMENICH, 2003). É realizado um cuidadoso acompanhamento dos pacientes, de suas famílias, criando condições de reinserção social. É considerado um dos mais importantes trabalhos de empreendimento social e hoje de âmbito nacional, visto que

este modelo vem se propagando a outros hospitais (10 no Rio de Janeiro, 1 São Paulo, 1 Recife). Desde sua criação, o Renascer já atendeu 6.000 crianças e 1740 famílias.(CORDEIRO, 2003)

Como já foi dito, é impossível listar todas as ONGs, no máximo posso mencionar algumas, lembrando que o que fizeram, passou a ser modelo de muitas outras, como o Greenpeace, cuja idéia se multiplicou em várias outras ONGs de preservação ambiental. Ela nasceu quando o canadense David McTaggart chamou a atenção mundial para a questão do meio ambiente, ao sair num pequeno barco com destino à França, em protesto contra o teste nuclear feito no atol de Muraroa, em 1972. Depois disto, voluntários e doadores financeiros criaram uma organização internacional de prestígio, contra testes nucleares e tráfego de substâncias nucleares pelos oceanos, e também se posicionaram contra a produção de lixos tóxicos. (HUGHES, 2003). As ONGs possuem metodologias de ação das mais diversas, todas em prol da vida querendo despertar consciências.

Outra ONG importante é a dos Médicos sem Fronteiras, organização ideada em 1971, que leva cuidados de saúde às áreas de conflito, ou de catástrofes naturais, ou onde ocorrem epidemias. Surgiu devido a um grupo de jovens médicos que eram voluntários em Biafra, na Nigéria, que estava sendo devastada, na década de 60, por uma guerra. Ao tentar ajudar as vítimas dos conflitos, conheceram as dificuldades burocráticas, e outras. Em 1971, o sentimento de frustração do grupo deu origem à entidade, em 1972. O MSF fez sua primeira missão auxiliando na Nicarágua, que sofrera um terremoto devastador. Atualmente, são 10 mil profissionais em cerca de 90 países. (Médicos Sem Fronteiras, 2003)

Seguindo o modelo do Médicos Sem Fronteiras, estão as muitas organizações para auxílio a Refugiados de Guerra, umas tantas têm ação internacional, outras criam-se na necessidade do momento e seguem ajudando onde são necessárias.

O importante é entender que diante da adversidade, um indivíduo, ou um grupo, resolve que não é tempo mais de esperar que alguém venha a fazer, mas toma para si a responsabilidade para com o próximo, o mundo. De fato, tudo começa por um ato de consciência, e permanece porque a consciência tem este caráter irreversível. De alguma maneira, contra os poderes mais fortes de grupos gigantescos inescrupulosos, a determinação de um indivíduo é onde reside o projeto de uma civilização como observa;

“O que chamamos de ‘vontade’ no indivíduo chama-se de ‘imperialismo’ nas nações, pois a vontade é a expressão do poder sobre o destino, isto é, a exclusão do acaso. Civilização é sublimação racional e ‘utilitária’ de energias livres, produzida voluntária e intencionalmente”. (JUNG, 1981,b, p. 42)

Outros rumos estão sendo tomados por leis que agora têm um teor diferente, pois não se referem aos indivíduos nos seus países, mas falam da responsabilidade dos cidadãos perante o mundo na direção de abolir a figura dos ditadores ou dos poderes que sob qualquer razão impetram sofrimento e morte. Para tal mudança foi criado o Tribunal Internacional Penal, em 17 de junho de 1998, em Roma, onde 162 países aprovaram por 120 votos, a criação de um tribunal independente das instituições internacionais existentes, para deter, punir indivíduos que pratiquem genocídio, crimes contra a humanidade. Com este marco que ainda não foi implementado no

mundo, mas é só questão de tempo, estabelece-se o fim de uma era, onde guerras no planeta eram coisas permissíveis e impunes. (LUZES, 2001, a)

Começaram, desde 1999, lutas judiciais incessantes para conseguir a proibição da fabricação de armas, no país que detém o recorde de produção. Na mesma época a comunidade internacional começou a se preocupar com os “paraísos fiscais”, pois eles são o antro do dinheiro ilícito internacional, extremamente ligado à venda de drogas e armas. (LUZES, 2001) Paralelamente, na Europa, o serviço militar obrigatório está sendo cada vez mais substituído por serviços comunitários, e nas faculdades estas atividades começam a ser estimuladas.

Pela primeira vez na história da humanidade, 600 cidades em todo o mundo, milhões de pessoas (3 milhões número aproximado em Roma, cerca de 1 milhão em Londres, 200 mil em Berlim, 200 mil em Paris, em Sidney 150 mil) foram às ruas no dia 15/02/2003, para protestar contra uma guerra, antes que ela se iniciasse! Aí está a atitude diferente, o protesto contra o fato que não cabe mais ao ser humano civilizado guerrear. Credo nisto, as multidões se dispuseram a sair às ruas num domingo para pedir respeito à paz.(JB online, 2003)

Outro demonstrativo está na própria área da ciência, seja pelos avanços ligados ao meio ambiente, seja agora pelos avanços da ciência perinatal (pois são saberes multidisciplinares). Em 1971, em Viena, psicólogos e médicos criaram a International Society for the Study of Prenatal Psychology (ISPP). Em 1975, o obstetra francês Frederick Leboyer começa a falar e instaurar uma nova maneira de nascer sem violência. No mesmo ano, David Chamberlain inicia sua pesquisa de memórias pré-natais.

As pesquisas evoluem intensamente na América do Norte, e organiza-se em 1983 a Pre and Perinatal Psychology Association of North America (PPPANA). (CHAMBERLAIN, 1990). Esta instituição se reúne bienalmente, e publica uma revista e um boletim trimestralmente. Como houve mais participantes de várias áreas do conhecimento fazendo pesquisa, da biologia à sociologia, enfim, foram tantas as descobertas que o nome da entidade foi mudado para Association for Pre- and Perinatal Psychology and Health. E aqui chegou o ponto onde os instrumentos do saber nos levam a outro nível de consciência, como dizia Einstein *apud* MacDonald (1993, p. 60) “Uma coisa eu aprendi ao longo da vida: que toda nossa ciência, comparada com a realidade, é primitiva e infantil – e, ainda assim, é a coisa mais preciosa que nós temos” .

A ciência ainda abrirá caminho para que o SENTIMENTO seja conhecido e considerado de fundamental importância para transformar o meio ambiente. Já dá indícios desta tendência com a descoberta de Masaru Emoto, no General Research Institute no Japão, que fez uma reveladora pesquisa usando a cristalização da água destilada, primeiro expondo-a a palavras, congelando-a, e levando os cortes dos cristais para o microscópio, e fotografando os resultados. Resultados estes publicados em dois livros. No primeiro volume, ele colhe água de diversas cidades e examina. Os cristais que aparecem são variáveis, porém harmônicos ou não. Usando tubos de água destilada, ele coloca música e depois faz cortes destes cristais e percebe que há músicas como a Pastoral de Beethoven, a Sinfonia 40 em Dó Maior de Mozart, por exemplo, que formam lindos cristais harmônicos. O mesmo acontecendo com o som de mantras tibetanos. Porém, alguns gêneros de música, como o Heavy Metal, e certas músicas populares japonesas, não formam cristais harmônicos. Depois ele colou uma etiqueta num frasco com

inscrições. Verificou que “*faça isto*” não faz a água se harmonizar, do modo como “*vamos fazer*” permite. Quando ele escreve palavras que são elogios, as formas são harmônicas, já com agressões, a desarmonia se estabelece. O mesmo fenômeno ocorre com o nome de pessoas cuja vida está em sintonia com a paz, versus a desarmonia que se expressa na água que tem no rótulo nomes de pessoas que não cooperaram com a paz. A partir daí ousa investigar o que pode um canto religioso fazer colhendo amostras durante o tempo da prece feita ao redor do poluído lago Fujiwara. A resposta é que nos minutos que se seguem a água vai modificando sua cristalização. (EMOTO, 2000)

No volume 2 de sua obra, as experiências continuam: mais experiências com música, as diferenças que surgem com as mesmas palavras escritas nos tubos, em diferentes idiomas. Demonstrem diferenças também na cristalização, que são verificadas pelo contato direto do frasco contendo água destilada e objetos assim como fotos. Foram feitas experiências de despoluição com prece, e apenas conversas de pessoas com águas de lagos poluídos e os resultados como aconteceu no lago Biwa (Japão) em 1999, que se manteve 1 mês depois, e 6 meses depois. Foram feitos experimentos em lagos em Zurique, Lucerna, e também o Lago Constance, todos na Suíça, com resultados de colheitas realizadas antes e depois da reunião de pessoas à volta do lago com intenção de despoluí-lo. O resultado foi o surgimento de cristais harmônicos, que antes não eram. Experiências repetiram-se nas Bahamas, em Tulsa nos EUA, com as mesmas observações. (EMOTO, 2002)

Houve uma enorme evolução no conhecimento, e estamos à porta da ciência abrindo um senso de escuta para o SENTIMENTO, afinal ele está escrito abaixo da lente do microscópio.

A arte profetiza os novos tempos, e aí, estão sinais evidentes da arte de acento latino ganhando força, mais e mais é o SENTIMENTO com sua forma contundente que vai se tornando o pilar de uma nova estética, que vai inspirando outros países. Hoje não são só os ritmos latinos que estão em moda pelo mundo, mas a literatura e a filmografia. É um modo novo de ver e fazer as coisas, filmes que são sucesso hoje e que jamais teriam sido há 40 anos atrás, por falta de sintonia.

É chegado o tempo. Nós humanos estamos na beiradinha do outro passo, que nos leva ao SENTIMENTO, e lá quando o pé escorregar só mais um pouquinho perceberemos que nosso Eu Superior nos levou pela mão direitinho.

“ O inconsciente não é só determinado historicamente, mas gera também o impulso criador – à semelhança da natureza que é tremendamente conservadora e anula seus próprios condicionamentos históricos com seus atos criadores.” (JUNG, 1984, p. 162 -163)

Aparece Fernando Solanas com *“Tango – L’exil de Gardel”* (1986) aqui, a dor do exílio, não é somente contada com dignidade, mas poesia e força, através de metáforas, uma delas é a de uma passeata de manequins cobertos de lençóis, todos os mortos estavam ali, todas as ausências. A delicadeza aliada à força dramática da imagem junto com a música de Astor Piazzola, faz com que este filme seja inteiramente diverso de todos os que o precederam neste assunto. E o resultado de *“Sur”*, do mesmo diretor, com trilha sonora também de Piazzola, não fica longe de envolver o espectador a sentir a história daquele homem que retorna a sua rua depois do *“exílio”* na cadeia, pelo crime da inocência. Esta não é apenas uma história da América

Latina, foi a de muitos seres humanos, que se viram um dia face ao passado fugidio que, quando olhado de revés, perdeu um pouco de sua compreensibilidade. Só o que salva é o amor, agente que alinhava alguém com seu tempo antigo.

Outro argentino é “*El Hijo de la Novia*” (2001), de Juan Jose Campanella, aqui, o retrato do tempo moderno, a insensatez da voracidade com o tempo, os celulares, a descomunicação, as pessoas mais íntimas passando pela vida umas das outras sem serem percebidas, e depois o encontro consigo, os valores retornando ao ritmo do filme como um diapasão que sintoniza o coração do espectador, como fez ao personagem principal.

“Central do Brasil”, de Walter Moreira Salles (1998), a escritã dentro do real, com cartas do imaginário, uma criança, a saga dos encontros, algo que se transforma na alquimia do relacionar-se, mais poético-didático, impossível.

Do diretor mexicano “*Walk in the Clown*” (1995), de Afonso Arau, um filme de extraordinária bilheteria, maior ainda que os anteriores, sobre os vinhos, a sabedoria, os encontros e o amor.

Há também que se considerar “*Como Água para Chocolate*” (1991), baseado no romance homônimo de Laura Esquivel, direção de Afonso Arau, aqui o cinema latino-americano tem um extraordinário apogeu, inaugura-se uma linguagem nova de colocar o SENTIMENTO como regente da orquestra na sinfonia que é tocada neste filme. Ele anunciou que lágrima vertida na comida dá dor de barriga, criança que quer comer faz leite de não parturiente jorrar, basta escutar. É quando ingressamos na dimensão da conexão, o oposto da indiferença, aí não tem milagre, só tem consequência.

A obra que virou filme de Isabell Allende, “De Amor e de Sombras” (ALLENDE, 1994), nome que bem retrata os tempos cinzas, transformados por uma irmandade de seres em claridade. “A Casa dos Espíritos”, do romance homônimo onde os elementos da clarividência, a intolerância, a decadência e a verdade são contrapontos da história de povos que possuem as “Ingrids Betancourts” seqüestradas. Tempos com um amor que paira, silente, mas digno, nas preces mal articuladas dos crepúsculos. Ali estão todos os elementos da grande estória.

Na saga dos grandes escritores latinos, avatares desta linguagem pouco fluente num mundo que começa a dela se apropriar, pois esta é a única saída, para nós humanidade. Libertarmos os portadores da ética que estiverem manietados, e falarmos com a linguagem dos irmãos, esta mesmo que Salvador Dali retratou, numa ceia. Diferente da de Da Vinci, pois, aqui, os irmãos não têm rostos, como que sem ego a atrapalhar a harmonia da fraternidade, podendo deixar o dorso estender-se pelo espaço, do Eu Superior em nossa casa da alma. Em carta de Jung *apud* Gaillard (1998, p. 201), ele diz: “*O gênio de Dali traduziu em uma imagem visível o que há atrás da espiritualidade do símbolo concreto da transformação*”. Esta transformação é a dos homens na grande fraternidade profeticamente pintada por Dali.

FIGURA 20

“A Última Ceia – SALVADOR DALI
(LOWRY, 1967, p. 79)

CAPÍTULO III

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PEDAGOGIAS QUE AJUDARÃO A DESENVOLVER O SENTIMENTO

“Se alguém quer educar, que primeiro seja educado”
(JUNG, 1981, c, p. 174)

É momento de considerar o que vem sendo feito, e o que pode ser feito, nesta nascente pedagogia voltada para o SENTIMENTO. Já existem autores que vêm se ocupando da necessidade de buscar novos objetivos dentro da meta do universo do ensino. Para Wallon, segundo Dantas *et al.* (1992, p.90) *“da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas com o predomínio da primeira”*.

Wallon *apud* Galvão (1998, p. 28) propõe pontos, dentre os quais que a introspecção é *“a reflexão do sujeito sobre suas sensações e imagens mentais, como único instrumento de acesso à vida psíquica”*, o autor entende a importância das disposições internas e externas sobre a formação do indivíduo. Para Wallon *apud* GALVÃO (1998, p. 56), *“o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica”*.

Hoje são incontáveis os fóruns de debate para que sejam encontrados modos de educar para a paz, ou para uma condição de vida em harmonia com a natureza. Pesquisando na Internet, notamos que o número de educadores tratando deste assunto é enorme. Paralelamente, existem barreiras dentro das instituições de ensino vigentes. Então, só nos resta

pretender ao “*novo*” homem, como enuncia Azevedo *apud* Cavalcanti *et al.* (1998, p.14), “*ser integral, isto é, uma totalidade, onde os aspectos afetivos, cognitivos, psicomotores e sociais são indissociáveis, porque assim é sua constituição como ser humano*”. No momento histórico em que nos encontramos, todos os saberes estão sendo conclamados a exercer sua responsabilidade de ajudar a encontrar uma viabilidade de futuro para a espécie. A saída é a EDUCAÇÃO, como nos lembra Freire (2002, p. 104) “*A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem*”.

São grandes os problemas encontrados como foi dito no Fórum Mundial da Educação em Dacar, 26 -28 abril, 2000.

“ ‘Melhorar a aprendizagem’ foi o lema da década de 1990 em nossa região; apesar disso, as avaliações de rendimento escolar realizadas nos últimos anos nos diferentes países mostram resultados pobres, abaixo do esperado e do desejável. Os sistemas educativos também não contam com indicadores ou evidências de êxito à formação dos educandos, entendida como realização das potencialidades, estímulo a sua criatividade, consolidação de seus valores”. (INSTITUTO FRONESIS, 2003, p.1)

A Declaração de Veneza reconhece a urgência da pesquisa de novos métodos em educação, face aos avanços feitos pela ciência, mas que se harmonizem com as grandes tradições culturais (Di BIASE & ROCHA, 1999).

“Há algum tempo que os seres humanos atravessam uma nova fase evolutiva em termos intelectuais, na qual suas mentes e cérebros tanto podem ser escravos como donos de seus corpos e das sociedades que constituem. É claro que há imensos riscos quando os cérebros e as mentes que vieram da natureza resolvem fazer de aprendiz de feiticeiro e influenciar a própria natureza. Mas também é arriscado não aceitar o desafio e não tentar minimizar o

sofrimento. Os riscos de não se fazer coisa nenhuma são ainda maiores. Fazer apenas o que a natureza dita só pode agradar àqueles que não conseguem imaginar mundos e alternativas melhores, àqueles que pensam que já estão no melhor dos possíveis mundos.” (DAMÁSIO, 1998, p. 286)

O autor chama a atenção para o fato de que é necessário fazer algo para melhorar a situação em que vivemos, e ousar novos conhecimentos, pois a natureza que está evidenciada na atualidade é predadora desmesurada e competitiva. Outra atitude é esperada do intelecto, mas não só dele, é preciso ousar no campo do sentir.

Aprofundando sobre os rumos que deve tomar a EDUCAÇÃO, observa:

“Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará, com seus conhecimentos profissionais, mais a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender a compreender as motivações dos homens, suas quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato em relação a seus próximos e à comunidade”. (EINSTEIN, 1981, p. 29)

Na verdade educadores já estão denunciando as falhas do sistema educacional vigente pelo mundo inteiro. A questão da dominância da sociedade competitiva gerada pela FUNÇÃO PENSAMENTO INFLACIONADA, é que ajudou a criar esta situação sobre a qual o educador americano comenta;

“No final dos anos 50, Eric Fromm escreveu uma frase marcante: ‘Poucos pais’, declarou, ‘têm a coragem e a independência para se importar mais com a felicidade dos seus filhos do que para seus ‘sucessos’”. Quarenta anos depois, um historiador educacional chamado David Labaree argumentou que o sucesso financeiro de cada criança vis-à-vis seus colegas tem se tornado a mola propulsora da educação americana – eclipsando não somente a felicidade e outros objetivos humanísticos mas também o próprio propósito de escolas públicas”. (KOHN,1999, p. 119)

Não resta dúvida que a prioridade nos tempos que correm é de EDUCAR para o SENTIR, desta visão chegando ou não a usar a palavra SENTIMENTO, mas falando de uma educação de valores, participam os médicos Wallon e Damásio, assim como o físico Einstein. O historiador Toynebee escreve nesta mesma linguagem:

“A especialização excessiva me parece um dos maiores obstáculos quando desejamos obter uma educação no sentido amplo da palavra (incluindo a educação dos jovens) com o objetivo de tentar solucionar os atuais problemas sociais que afligem o mundo”. (TOYNBEE, 1974, p. 97)

Assim é que educadores começam a considerar a criação de currículos que se aproximem do alcance de uma educação mais voltada para o desenvolvimento de valores que permitem uma melhor integração entre os seres humanos adultos, como expõe:

“Minha própria visão de escolaridade, que necessariamente informa este livro inteiro, é definida por uma preocupação tanto para a auto-realização de cada criança como para a criação de uma sociedade mais democrática. Sobre os outros objetivos discutidos aqui, eu acredito que a escola deve ser mais do que questão de performance acadêmica, sendo então mais sobre gerar pensadores do que repositórios ambulantes de conhecimento, mais sobre a criação de uma ética de questionamento do que a

preservação do status quo, mais sobre ensinamento e aprendizagem do que classificação e seleção, e mais sobre o honrar as necessidades e interesses da criança no presente, porém sem esquecer preocupações legítimas e humanísticas sobre o futuro.”
(KOHN,1999, 120)

A maneira de realizar as devidas mudanças curriculares é objeto de inúmeros livros e congressos, que buscam o modo de harmonizar os saberes no âmbito do ensino. A transdisciplinaridade, da qual hoje muito se fala, nem sempre aparece clara, pois estamos no início do processo dos encontros, inclusive dos saberes (FUNÇÃO SENTIMENTO). Reforça a idéia de quanto isto é atual;

“A interdisciplinaridade parece estar na ordem do dia. Embora algumas pessoas se preocupem com o fato de a diluição da especialização poder levar a um declínio dos padrões de rigor intelectual, o proveito que uma área de pensamento pode trazer a outra não deve ser ignorado” (SOKAL & BRICMONT, 1999, p. 202)

A psicologia tem uma boa possibilidade de contribuir, como nota Jung *apud* Von Franz (1997, p. 108): *“A psicologia é a única ciência que tem de levar em consideração o elemento de valor (isto é, o sentimento), pois ele constitui o vínculo entre os eventos psíquicos e a vida”* .

Nos últimos tempos a psicologia ganhou impulsos extraordinários a partir do conhecimento de que a educação se inicia dentro do útero materno. Hoje sabemos que a educação começa na vida intrauterina. Assim qualquer ação pedagógica necessita direcionar-se para este fato. A pedagogia começa por onde preparar seres para poderem gestar educacionalmente de maneira adequada.

“ Onde é que nós experimentamos pela primeira vez as emoções nascentes de amor, rejeição, ansiedade e felicidade? Na primeira escola que freqüentamos - no útero da nossa mãe. Naturalmente o estudante traz para esta situação certas habilidades genéticas: inteligência, talentos e preferências. Porém a personalidade da professora exerce uma influência poderosa no resultado. Ela é interessada, paciente, e informada? Ela compartilha tempo com seu estudante? Ela gosta dele, ama-o? Ela gosta de ensinar? Ela é feliz triste ou distraída? A sala de aula tranqüila ou barulhenta, muito quente ou muito frio, um lugar de calma e tranqüilidade ou um caldeirão de stress? Várias linhas de pesquisa e centenas de estudos me convenceram que faz diferença se fomos concebidos no ato de amor ou ódio, ansiedade ou violência. Faz diferença desejar ficar grávida e querer ter a criança ou se aquela criança não é desejada. Faz diferença se a mãe se sente apoiada pela família e pelos amigos e é livre de vícios, vive num ambiente estável e sem stress, e recebe bons cuidados pré-natais. (VERNY, 2002, p. 53)

As pesquisas que se vêm desenvolvendo, têm trazido informações mais apuradas sobre este aprendizado que ocorre no útero materno. Olhar deste modo a educação, é mudar toda a sistemática que vem sendo usada. É necessário juntar tudo o que se sabe sobre educação do ser, para fazer face ao ato de educar alguém que já nasceu com uma base considerável. Ao nascer, nós já possuímos uma constelação ARQUETÍPICA, e uma constelação de COMPLEXOS. O recém-nato já possui seu olhar sobre as coisas, dotado de uma lente que é a da sua FUNÇÃO PRINCIPAL. Os educadores precisam conhecer mais sobre a qualidade do ensino intra-uterino.

“ É sabido que o apoio e envolvimento dos pais afetam de maneira positiva a auto-estima de uma criança – O efeito é impressionante, conforme os pesquisadores descobriram num estudo realizado por 23 anos, foi verificado que tal efeito permanece desde a infância até a transição para a vida adulta. (Trabalho de pesquisa realizado por William Axinn e sua

equipe de pesquisadores na Universidade de Michigan)
(VERNY, 2002, p. 55).

Como se nota pelo estudo citado, o trabalho de acompanhamento de indivíduos nascidos com orientação perinatal, já pode ser verificado, pois os indivíduos que assim foram gestados, já têm décadas de observação. Este tema vem sendo pesquisado em países de culturas diferentes.

“Memória antes do nascimento foi descrita na Suécia, entre crianças prematuras que aprenderam certas características lingüísticas de suas mães. Demonstram tal conhecimento a partir do quinto mês (de vida intrauterina). Isto indica que o bebê pré-nato aprende e ouve a voz da mãe, sua peculiar maneira de falar. A prova disto pode ser vista em comparações espectrográficas da voz, da mãe com o choro do seu bebê.

O recém-nascido pode lembrar música ouvida antes de nascer, Thomas VERNY cita um exemplo de um rapaz que começou a tocar violoncelo sem preparo nenhum . Thomas fez a ligação deste fato, com a situação da mãe do rapaz ser uma violoncelista profissional. As canções que são cantadas durante a gravidez tem um poder enorme para acalmar a criança depois de nascida. Pais que se identificaram ao pré-nato dizendo: “Este é seu pai falando”, estudos reportaram quão importante estas palavras parecem ser para a criança depois do nascimento.

Incrivelmente o recém-nascido pode aprender palavras, e distingui-las entre si. Isto é chamado de memória semântica, isto é um dos vários tipos de memória, hoje em investigação”. (CHAMBERLAIN, 1998, p. 36 -37)

Um estudo feito em Cleveland por DeCasper com utilização de uma chupeta conectada a um computador, permitiu que recém-natos pudessem informar suas preferências, seja quanto à voz, seja quanto a um conto lido durante a gravidez. (BEZERRA, 1996).

“Anthony DeCasper descobriu que os recém nascidos preferem as vozes de suas mães a outras vozes de mulheres. Num primeiro tempo pensaram que não era o caso com a voz do pai. Mais tarde os pesquisadores notaram que uma semana depois do nascimento 80% dos bebês, preferiam a voz dos seus pais, à voz de outros homens. Assim o recém-nascido tem uma predileção pela voz de sua mãe”. (KLAUS & KLAUS, 2000, p. 73)

Os autores também realizaram pesquisas em relação à escolha olfativa de recém-natos, verificaram que eles são capazes de reconhecer e preferir o cheiro do corpo e do leite da própria mãe, entre outros odores (BEZERRA, 1996).

O gestual do corpo observado por Alessandra Piontelli (médica e psicanalista) em estudos com ultra-sonografia, relata padrões de comportamento que ela observou nos bebês, mostrando uma continuidade de resposta do corpo a emoções na seqüência natural da vida intra-uterina para a vida. (BEZERRA, 1996).

“Neurologistas, como Dominick Purpura, da Faculdade de Medicina Albert Einstein de Nova York, Maria Z. Salam e Richard D. Adams, de Harvard, audiologistas, como Erik Wedenberg, do Instituto de Investigação Mental, em Palo Alto, e o Dr. Albert Liley, da Universidade do Hospital Nacional Feminino de Auckland, na Nova Zelândia, conseguiram enfim trazer o que tanto faltava: a prova fisiológica sólida e irrefutável de que o feto é um ser capaz de reações auditivas, sensoriais e afetivas. (VERNY, 1989, p. 26)

Diversos estudos têm sido realizados nas últimas décadas, através de várias técnicas, para trazer à tona lembranças do período gestacional, dos eventos durante o parto, e das primeiras impressões de vida. Estudos importantes como o do obstetra David Cheek, com comparações vindas de regressões de memória que foram posteriormente cruzadas com fichas de registro obstétrico, em indivíduos com idade média de 20 anos. (MARNIE,

1989). O interessante destes tipos de estudos é a verificação de que as raras vezes em que existem erros de memória, o erro é da mãe e não do indivíduo que está sob um estado de facilitação de memória inconsciente.

“O sexto mês do desenvolvimento fetal (22 a 26 semanas), marca uma separação importante, pois pela primeira vez o feto poderia sobreviver fora do útero com ajuda médicaUm sinal do sistema nervoso amadurecido deste período é que a partir das 24 semanas, 50% de todos os fetos são assustados por ruídos altos - mas normalmente há um intervalo perceptível entre o som e a reação. Neste momento o feto também começa a lembrar sons, guardando memórias primitivas de música que ele ouve e dos sons da voz da sua mãe. Na vigésima sexta semana, os olhos abrem de novo e o feto exhibe os primeiros sinais de estar acordado, até o final do mês as ondas cerebrais do feto são parecidas com aquelas de um recém-nascido”.
(VAUGHAN,1996, 159 – 160)

Psique e corpo nestes estudos são realmente estruturas inseparáveis, pode-se dizer que desde o início da vida embrionária, se além de estudarmos o que a memória psíquica nos conta e enfocarmos o que as células e hormônios nos informam, perceberemos que os primeiros achados, literalmente, se materializam, como relata o psicólogo;

“O crescimento do cérebro ocorre em saltos ao longo da vida intra-uterina e continua durante anos depois do nascimento. Os pais têm muito a ver com a qualidade deste desenvolvimento...Há um mito sobre alimentação...

Muitos estudos atuais mostram que má nutrição pré-natal resulta em bebês com cérebros de menos peso, comprimento e tamanho(..)

Má nutrição ataca com mais severidade o fígado do feto, que é justo o produtor de glicose que alimenta o cérebro. O fígado subdesenvolvido trabalha exaustivamente para tentar prover o cérebro, que precisa de mais de duas vezes da quantidade de glicose que ele pode, na realidade, produzir.Quando as mães se alimentam direito durante a gravidez, elas estão criando um

presente vital para seus bebês: um cérebro inteiramente formado". (CHAMBERLAIN, 1998, p. 13 -14)

A alimentação, cujo mito comum é que a grávida deve se alimentar pouco, tem sido posta por terra, na verdade, ela precisa de bom aporte nutricional. A boa alimentação da mãe é fundamental para a formação de um cérebro saudável.

Tais observações são corroboradas pelo neo-natologista;

“ Você é seu cérebro ” . Esta declaração eu ouvi repetidas vezes por anos de Dick Swaab, o diretor do Netherlands Institute for Brain Research. Ele constantemente lembrava do papel central do cérebro e de nossos fígados. Punha um grande foco de atenção na extrema importância para a formação do cérebro, desde o início, para toda a vida. A importância de se proteger o desenvolvimento do cérebro limita o preço que se paga, caso não se perceba que esta é a chave para se ter uma boa saúde por toda a vida”. (NATHANIELSZ,1999,p. 335).

De algum modo, sabe-se hoje que existe uma intrínseca relação na formação do cérebro, e da programação fenotípica que ocorrerá com os demais órgãos internos.

Um fato é hoje amplamente estudado, que é o fator estresse na gravidez e suas conseqüências.

“Inúmeras investigações têm sugerido que hormônios produzidos pela mãe sob stress, resultam em antecipação do trabalho de parto. Estas pesquisas têm tentado achar a ligação entre fatores psicossociais que afetam a mulher na gravidez e que resulta no nascimento de prematuros. Uma concentração de corticotropinas é liberada na corrente sanguínea no final

da gravidez. Os níveis destes hormônios do stress, são a chave para compreender que, uma vez que se elevem na corrente sanguínea da grávida, aumenta o risco de ter parto prematuro. Observação documentada em Dunkel-Schetter, C., “Maternal stress and preterm delivery”, Prenatal and Neonatal Med. 3 (1988):39-42; Hobel, C. J., et al., “Maternal stress as a signal to the fetus”, Prenatal and Neonatal Med. 3 (1988): 116-120. (NATHANIELSZ,1999, p. 343 – 344)

Além da questão da prematuridade, uma outra foi levantada, que é a que demonstra que a cortisona, liberada regularmente na corrente sanguínea da grávida, afeta a formação do sistema nervoso do feto. Ele fica sem ter uma ponte adequada entre o córtex primitivo e o neocórtex. Condição que resulta numa incapacidade de segurar o impulso para violência quando o indivíduo jovem ou adulto fica irritado. Assim sendo, podemos dizer que excesso de cortisona, durante a gravidez, relaciona-se com o aparecimento de indivíduos mais violentos. E isto foi de fato comprovado pelos estudos das sociólogas (KARR-MORSE & WILEY, 1997).

Precisamos assumir um compromisso social com a formação fisiológica do cérebro de cada feto, possibilitando que se dê de maneira saudável as conexões neurológicas necessárias para o uso do neocortex (responsável pelas funções superiores cerebrais). O fato biológico é que todo estresse prolongado, aumenta tanto o teor de ACTH, que as conexões entre o cérebro primitivo e o neocórtex não se formam adequadamente, criando assim seres reativos, impulsivos e violentos. (KARR-MORSE & WILEY,1997)

As autoras são sociólogas que se valeram de conhecimentos recentes da neurobiologia. Investigaram o que poderia ter levado adolescentes a ter um comportamento criminoso inopinado, que redundou em condenação à prisão perpétua. Eles não tinham diagnóstico de psicopatia. Elas verificaram um traço comum em suas histórias que era o de terem sido concebidos e gestados sob intenso estresse. (KARR-MORSE & WILEY,1997)

“Como no mundo natural, há ligações complexas entre a qualidade do desenvolvimento do indivíduo humano e o status da comunidade humana. A infância, uma época para a qual nossa sociedade é cega, é um estágio crucial de desenvolvimento quando um indivíduo forma a viga mestra do centro de consciência, desenvolve a capacidade de confiar e se relacionar com outras pessoas, e constrói as fundações para o aprender e pensar por toda a vida. A qualidade do meio ambiente humano é diretamente ligada à capacidade de cada indivíduo para amar, para empatizar com outros, e para conseguir pensar num nível profundo e complexo. Por não conseguir compreender os efeitos cumulativos dos venenos aos quais nossos bebês são expostos na forma de abuso, negligência e substâncias tóxicas, estamos participando na nossa própria destruição”(KARR-MORSE & WILEY,1997, p. 12).

Adrian Raine, na Universidade da Califórnia do Sul, estudou a relação Separação/Rejeição precoce da mãe, acompanhadas de complicações de parto. Pesquisou a vida de 4269 de indivíduos do sexo masculino, e percebeu que a tendência de se tornar um criminoso violento estava associada a estes dois fatores. Perceberam que o abandono isoladamente não era fator de risco, sem a complicação de parto. (ODENT, 2002, a)

Sobre o assunto do que fazemos aos bebês, podemos começar pela questão da já hoje chamada poluição intra-uterina, alvo de estudos interdisciplinares, internacionais, que têm demonstrado que substâncias

lipossolúveis oriundas da agricultura industrializada, possuem vida longa (como os produtos policlorados), que não estariam em nossos corpos há 50 anos atrás, porém, que sua existência devido à ingestão de produtos agrícolas, com agrotóxicos, produzidos nas últimas décadas, encontram-se depositados no útero. Isto gera transtornos, especialmente na formação do cérebro. Para coletar estudos cruzados que verifiquem como pode se implementar saúde, foi criado um banco de dados acessível pelo site: www.birthworks.org/primalhealth. Sabemos, por exemplo, através de um estudo realizado por pesquisadores holandeses que o desenvolvimento neurológico do feto é mais afetado pela poluição intra-uterina, vindo a representar uma séria ameaça às novas civilizações do que pela poluição do leite. É bom lembrar, que o que chamamos agricultura industrializada, assim como o parto industrializado, foram invenções do século XX, após a segunda guerra mundial. (ODENT, b, 2002)

Para uma compreensão do conceito “parto industrializado” utilizado por Odent, tomemos como ponto de partida a criação do “fórceps” profilático pelo obstetra americano Joseph DeLee, em 1920, que também recomendou a episiotomia em todo parto, além de sugerir que a paciente devesse ser sedada com éter, e utilizar derivados da ergotamina para a expulsão da placenta. Tudo coerente com visão do autor, para quem o parto era um “processo patológico”, isto transportaria o parto para acontecer exclusivamente dentro dos hospitais. Na década de 50 surgem as modernas técnicas de cesariana, inicialmente não dominadas pelos obstetras, e sim pelos cirurgiões gerais. Porém, quando passa ao domínio obstétrico, seu emprego passou a ser mais freqüente, tanto mais que as anestésias também tiveram avanço. Depois veio o monitoramento eletrônico do parto, juntou-se a isto as “rotinas” e “protocolos”, e agora temos o parto acontecendo

dominantemente nos hospitais da forma mais impessoal, com a parturiente transformando-se em “paciente” dentro da indústria do parto, com conseqüente aumento do número de cesarianas.(ODENT, b, 2002)

Rudolf Steiner, em 1923, numa conferência afirmou que se as vacas recebessem carne para serem alimentadas, elas enlouqueceriam, afirmação que veio de uma visão científica arguta. Na década de 20 ele começou um movimento, presente em vários lugares do mundo, e cada vez mais importante, inclusive no Brasil, que é o movimento biodinâmico, que foi um modelo para a agricultura baseado num quadro que leva em consideração o aspecto ecológico e social na sua organização. A agricultura biodinâmica previu os efeitos destrutivos da agricultura convencional, dizendo que o solo ficaria erodido. (ODENT, b, 2002)

William Reich estudou o processo de desertificação. Concluiu que é o deserto emocional dentro do homem que cria o deserto na natureza, ele se referia à capacidade predatória desmedida do ser humano. Ele entendeu que na raiz do “deserto emocional” generalizado está o mal que fazemos aos recém-natos. Reich *apud* Odent (2002, b, p. 60): “*Vamos nos concentrar nos recém-nascidos, e vamos desviar a atenção da má política e voltá-la para a criança*” (...) “*”Crianças do Futuro terão que limpar a sujeira do século XX.”*”

Ina May Gaskin criou nos EUA um movimento nos anos 70, com um conceito verdadeiro sobre a prática das parteiras, que entendiam que a humanidade não poderia sobreviver sem redescobrir as leis da natureza, e para tanto, o primeiro passo, seria reconsiderar o modo pelo qual os bebês nascem. Em nome das gerações por nascer, era preciso parar com a

destruição do solo, devido a práticas agrícolas agressivas. Em 1977, ela lançou o livro *“Spiritual Midwifery”*, um marco na história do retorno das parteiras nos EUA, e na Europa. (ODENT, 2002, b)

Frédéric Leboyer, o obstetra que propôs o parto sem violência, teria se perguntado; Leboyer *apud* Odent (2002, b, p. 63): *“Como é que o homem, um animal racional considerado inteligente, age de maneira tão irracional num momento tão importante?”*

No século XX, a agropecuária industrializada e o parto industrializado têm parentesco, aos desastres da primeira, já são sobejamente conhecidos, os da segunda, apesar de já haverem inúmeros estudos comprovando, ainda não ocupam a ordem do dia para sua prevenção. (ODENT, 2002, b)

Quanto a comportamentos autodestrutivos, existe o trabalho de Bertil Jacobson, na Suécia, que estudou o suicídio entre adolescentes, em grandes amostras de registros forenses, cruzando-os com históricos de parto. Ele verificou que os suicídios tendiam a ser praticados, relacionados com o modo específico da complicação do parto destes mesmos indivíduos. Descobertas deste porte foram feitas com pesquisa em áreas como anorexia nervosa e autismo. Mas uma grande quantidade de pesquisas demonstram a relação entre o uso de droga e parto com anestésico. (ODENT, 2002, a)

É bom lembrar que somos mamíferos, mesmo depois do século XX, e que nossa capacidade de parir, tal como nos demais mamíferos, depende de ter um canto seguro para este momento. Hoje sabemos que quando a ocitocina, hormônio ligado ao cérebro primitivo, domina a cena, tudo transcorre bem. Porém, se é estimulado o néo-cortex, aparece uma produção

de adrenalina, e isto retarda ou mesmo pára o trabalho de parto. Várias situações o estimulam: a linguagem, a luz, o se sentir observado. (ODENT, 2002, a)

Tem várias outras pesquisas que falam sobre o nível de ondas cerebrais do feto e da mãe durante o trabalho de parto. Estas ondas são raras durante a vida e o suficiente para criar impressões duradouras, que uma vez registradas no inconsciente, tendem a ser simbolicamente repetidas quando o indivíduo se vê sob pressão. (MARNIE, 1989)

“ As primeiras impressões recebidas na vida são as mais fortes e as mais ricas em conseqüências, mesmo sendo inconscientes, e talvez justamente porque jamais se tornam conscientes ”. (JUNG ,1981, c, p. 158)

O contato olho no olho, mãe e filho é importante, assim como o colostro que marca a divisória das civilizações que são mais ou menos agressivas. As que ingerem o colostro são as mais pacíficas. (ODENT, 1992)

“A cobertura da mídia sobre violência- assassinato e estupro, violência de gangue, assassinatos em série, o assassinatos de pais, crianças e colegas de trabalho – trata o comportamento violento como se emergisse repentinamente como do nada. É raro uma estória jornalística procurar as fontes deste comportamento que é evidente até na pré-adolescência ou no ensino básico.

Para compreender a onda de comportamento violento no qual a América está atualmente submersa, nós temos que olhar antes da pré-adolescência, antes da escola de ensino básico e antes da pré-escola, para o berço da formação humana, nos 33 meses primeiros de vida. Estes meses incluem 9 meses de desenvolvimento pré-natal, e os primeiros 2 anos depois do nascimento (33 meses) armazenam as sementes de violência para uma percentagem cada vez mais freqüente de crianças americanas.

...Adolescentes cheios de raiva parecem surgir do nada. Eles vêm, mui freqüentemente, do berçário”.(KARR-MORSE& WILEY,1997,p. 9)

O importante é tomarmos consciência de que a educação começa bem antes de nascer. E estas crianças, que foram concebidas conscientemente, visto que os pais já se prepararam para recebê-las, por algum trabalho de autoconhecimento prévio, melhorando seu entendimento a respeito de si próprios, transformando ao máximo as tendências familiares que não forem muito harmônicas. Segundo Jung (1981,c, p.131): *“Para o bem de seus filhos, os pais deveriam considerar seu dever jamais esquecer suas próprias dificuldades íntimas”*.

É preciso que os jovens casais que se preparam para conceber, consigam ter uma necessária clareza para que não repitam as sagas familiares.

“ Via de regra, o fator que atua psiquicamente de um modo mais intenso sobre a criança é a vida que os pais ou antepassados não viveram ... Trata-se pois de uma parte da vida –que – numa expressão inequívoca – foi abafada talvez com uma mentira piedosa. É isto que abriga os germes mais virulentos.”
(JUNG,1981, c, p. 47)

Deste modo nascerão crianças, que hoje se sabe não só têm um perímetro cefálico um pouco maior, mas também, uma qualidade de fenótipo melhor, além de se demonstrarem mais dotadas de auto-estima, o que é a chave para uma vida harmônica. Este ser *“novo”*, visto que tem constituição física diferente, e hábitos fraternos em vez de competitivos, como já se observa nos indivíduos assim nascidos.

“Toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o”. (MORIN, 2000, p. 82).

Um filósofo e pedagogo búlgaro, Omraam Mikhael Aivanhov, nascido em 1900, deixou bem claro, desde 1937, que é urgente que o ser humano conheça a importância do trabalho das mães durante a gestação. Ele sugere que as sociedades pelo mundo saibam rodear as mães de cuidados e afetos, oferecendo-lhes condições materiais apropriadas de modo a que elas tenham a possibilidade de formar da maneira mais favorável possível, não somente o corpo físico de seu filhos, como também o psiquismo destes, com os melhores materiais possíveis. O autor afirma que já numa primeira geração nascida em tais condições favoráveis, apesar de alguns contágios familiares chegarem nas crianças, o melhor prevalecerá. Assim, de geração em geração, todos os elementos defeituosos do passado desaparecerão. (AÏVANHOV, 1996)

Para que ele surja será preciso que os adolescentes sejam preparados, pois serão um dia pais e educadores, e precisarão cuidar de crianças de uma maneira mais consciente do que a atual. Steiner (1990, p. 21): *“Em toda a vida futura , não poderá haver autêntico interesse pelo próximo se, no adolescente de 15 ou 16 anos, não for suscitado o interesse pelo mundo”.* Afora este aspecto, os jovens que se interessam por este projeto de serem pais de uma *“nova”* criança, passam a ter um cuidado maior consigo, com seus hábitos de vida. Conseqüentemente, é uma proposta de vida, que vale tanto a pena, que retira os jovens deste niilismo paralisante e que acaba no uso de drogas.

A condição de educador é extremamente importante;

“ O próprio educador deve ter sido educado antes e ter experimentado em si mesmo se são eficientes ou não as verdades psicológicas que aprendeu em sua escola.” (JUNG,1981, c, p. 138)

Um método que já existe há mais de 80 anos, e vem tendo um bom resultado é o método Waldorf, criado por Rudof Steiner, reconhecido até mesmo por grandes estabelecimentos universitários tradicionais, pois reconhecem que os alunos provindos deste tipo de metodologia de ensino conseguem saber estudar, refletir, e ter uma conduta social harmônica e construtiva.

Odent observou que entre 210 alunos da escola francesa Waldorf, entre 5 e 18 anos, apenas 4 precisavam usar óculos. (ODENT, 2002, b)

Esta pedagogia segue uma forma de ensino, que se baseia, predominantemente em arte, pois os alunos copiam o que o professor desenha no quadro. É desenhando o que está no quadro negro que as crianças aprendem, e automaticamente criam. Pois é impossível desenhar sem passar pela vivência subjetiva dos arquétipos, as formas e as cores, donde o conhecimento, que virá naturalmente de dentro para fora. Por 8 anos (todo ciclo básico) o professor mantém-se o mesmo, com uma turma. Desta maneira é natural a transdisciplinaridade.

O professor tem uma relação significativa e direta com cada aluno, visto que até antes de começar o primeiro ano letivo, visita à residência de cada um. Fato que se repetirá ao longo dos anos. Este nível de personalidade, implica em profundo compromisso de ambas as partes. Ao mesmo tempo, só

deste modo podemos pensar na relevância da figura do educador, como inspirador de desenvolvimento do ser.

“Todo o nosso problema educacional tem orientação falha: vê apenas a criança que deve ser educada, e deixa de considerar a carência de educação no educador” (p. 174-175) “O profissional está como que inevitavelmente condenado a ser competente” . (JUNG,1981,c, p. 175)

Está na mesma linha de idéia Lanz, quando diz que: (1990, p. 79)
“ Todo bom professor deve manter a atenção dos seus alunos sempre viva. A surpresa, a admiração, o prazer da descoberta, são ingredientes de todo bom ensino”.

Atendendo a todos os aspectos do ser, as crianças vivenciam o canto o teatro, a manufatura de objetos de argila, esculpem em madeira, tocam instrumentos musicais, dançam, praticam jogos ao ar livre, que têm acento na colaboração, jardinagem, duas línguas estrangeiras, corte e costura e bordado. Tudo em função do que precisa ser aprendido naquele momento, tendo em vista a maturidade de cada turma.

Não há necessidade de livros escolares, nem de deveres, nem de exames, durante todo o primeiro grau, porque há a certeza no professor de que os alunos aprenderam durante a aula. Pois o âmago desta pedagogia é fazer o aluno saber aprender, degustar uma obra literária ou científica, uma época histórica, ou uma iniciação à geografia.

Ao terminar o segundo grau, estes alunos estão com um domínio visceral de física, biologia e matemática, além do conhecimento de história,

geografia, e de línguas. E com isto plenamente habilitados para o ingresso em faculdade, em qualquer parte do mundo, pois tais escolas existem espalhadas desde 1917, pelo mundo.

Não se trata de crianças superdotadas, mas crianças que têm diferenças entre si até no aspecto de hiperatividade, ou provindas de áreas urbanas conturbadas (como se verificou em São Paulo e em Berkeley), que acabam por ter ótimo padrão de harmonização consigo mesmas e com a vida.

Há pontos comuns entre a pedagogia Waldorf e a Psicologia da Educação de Jung. Um dos aspectos importantes está centrado na figura do professor:

“Ninguém pode educar para a personalidade se não tiver personalidade. E não é a criança, mas sim o adulto quem pode atingir a personalidade como o fruto amadurecido pelo esforço da vida orientada para esse fim.”(JUNG, 1981,c, p. 177)

No primeiro ano do primeiro grau (entre 6 e 7 anos de idade), na escola Waldorf , o fio condutor do ensino são os contos de fadas. Alunos aprendem através deste contos. Época que para Wallon é quando a criança consolida a função simbólica. (GALVÃO, 1998).

No segundo ano, a viga mestra passa a ser a vida dos santos das mais diversas religiões. Ora, nesta época é da maior importância oferecer modelos, os melhores possíveis. Ainda a criança está com uma carga arquetípica grande, o ego acabou de se estruturar, mas ainda é uma organização frágil, sujeita aos maus tempos de fora. É bom lembrar que até os 7 anos a criança vive muito o inconsciente dos pais.

“A criança se encontra de tal modo ligada e unida à atitude psíquica dos pais, que não é de causar espanto se a maioria das perturbações nervosas verificadas na infância devam sua origem a algo perturbado na atmosfera psíquica dos pais.” (JUNG, 1981, c, p. 43).

Isto é tão forte que Jung escreveu: (1981, c, p. 57) *“Também o conteúdo dos sonhos das crianças pequenas se refere freqüentemente muito mais aos pais do que a ela mesma”* .

Entre 8 e 9 anos, fase em que as crianças costumam dar-se conta de sua mortalidade e a dos que a cercam, é o período durante o qual a criança ganha sua própria individualidade, “atravessa um deserto” para vir a ser “eu”. Nesta época o fio condutor das matérias é a Travessia dos Hebreus pelo Deserto. Neste período as crianças vivenciam a primeira atividade de tecelagem, que é a de separar os fios, e mais tarde, quando a trama do eu já estiver formada, farão a tecedura de tecidos.

“ Estas considerações nos sugerem traçar uma paralela entre o pensamento mitológico da Antiguidade e o pensamento semelhante das crianças, dos povos primitivos e do sonho. Este raciocínio não nos é estranho, pois conhecemos bem através da anatomia e embriologia comparadas, que nos mostram como forma e função do corpo humano se desenvolvem por uma série de transformações embrionárias, que correspondem a transformações semelhantes na filogênese. Justifica-se assim a hipótese de que também na psicologia a ontogênese corresponde à filogênese. Desta forma, portanto, o pensamento infantil assim como o do sonho seriam como que uma repetição de fases mais antigas da evolução.” (JUNG,1986, p. 20)

Dos 9 aos 10 anos inicia-se o ensino da geografia, que se dá com a criança desenhando seu próprio quarto, depois a sua casa, a sala de aula, a

escola, o bairro e somente depois mapas de atlas. A partir daí a criança já pode cantar em coral, com várias vozes, pois já tem um eu. Nesta época começam os fios condutores do conhecimento que serão sucessivamente o Egito, Grécia, Roma, depois a Renascença.

A geometria e a botânica são dadas a um nível de profundidade extraordinário, sempre utilizando a arte como recurso central. (STEINER, 1992)

Quando chegam à adolescência é que vão estudar as Revoluções, em compasso com a vivência natural do tempo. (CARLGREN, 1981)

Mesmo que a pedagogia Waldorf seja boa, é necessário melhorar. Um fato que precisa ser considerado, é que já que a criança tem uma forte carga arquetípica, que inunda o imaginário, facilitando a projeção no que lhe é ensinado. Há figuras da história humana que não são muito inspiradoras. É preciso rever quais arquétipos devem ser ativados para criar uma cultura melhor. Quando ensinamos história, ensinamos também valores, estamos dizendo o que as crianças devem valorizar, e dependendo do imaginário delas, o farão. Um ensino, como proponho nesta dissertação, para desenvolvimento da função SENTIMENTO, deve ter em mente contar as histórias dos talentos, dando ênfase para os atos criativos humanos, grafando guerras com nomes em letras literalmente minúsculas. Para aprender a se relacionar consigo e com os outros, ensinar o melhor uso da FUNÇÃO PENSAMENTO, ao mesmo tempo calçando as diferentes fases do desenvolvimento.

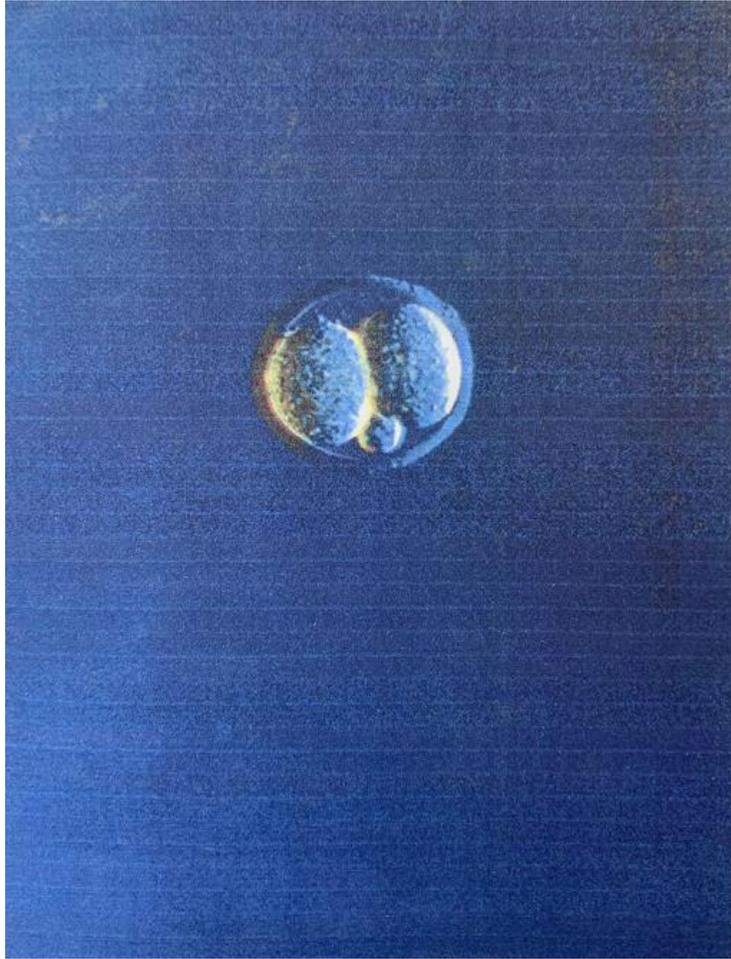
É preciso que o educador tenha um contato com a família, e um olhar atento sobre a criança, pois Jung (1981,c, 196) diz que: *“Em regra, a vida que os pais podiam ter vivido, mas foi impedida por motivos artificiais, é herdada pelos filhos, sob uma forma oposta”*. (p. 196) E cabe ao educador perceber e ajudar a dar passagem para o curso do verdadeiro rio da criança que ele ensina.

É preciso educar para desenvolver um ser que seja capaz de se ouvir, pois:

“Somente pode tornar-se personalidade quem é capaz de dizer um ‘sim’ consciente ao poder da destinação interior que se lhe apresenta; quem sucumbe diante dela fica entregue ao desenrolar cego dos acontecimentos e é aniquilado”. (JUNG, 1981, c, p. 185)

Como a arte profetiza o essencial, esta foto artística indiana representa nossa possibilidade, nosso único caminho como civilização, que é tratar a vida como sagrada, pois é a isto que a pedagogia do SENTIMENTO há de servir.

A pedagogia que é hoje nascente, espera por gerações nascidas de modo cuidadoso para que venham a ter educadores com nova cosmovisão. Qualquer das pedagogias atuais, ainda estarão calcadas na função PENSAMENTO. Portanto, o indivíduo que precisa começar a ser educado é o adolescente, pois ele será quem porá a nova educação a funcionar.

FIGURA 24

“Primal Mater” - ISAMU MARUYAMA
(MOOKERJEE, 1985, p. 25)

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

“ Qualquer especialidade é levada a ultrapassar os seus limites e a penetrar no território vizinho, se quiser fazer jus ao status de ciência” .(JUNG, 1981, a, p. 91)

Neste trabalho procurei mostrar que dentro do modelo dinâmico da psicologia analítica criada por C. G. Jung, valendo-me especialmente da sua definição de Tipos Psicológicos, é possível olhar a história da humanidade como um desenrolar de aquisição de talentos. Assim sendo, o primeiro deles que se desenvolveu ao longo de milhares de anos foi a FUNÇÃO SENSACÃO. Durante o Paleolítico, surgiram civilizações esparsas, provando que não há linearidade na evolução humana.

O aprimoramento da FUNÇÃO SENSACÃO pelo mundo permitiu pouco a pouco que grupos de seres humanos fossem povoando de modo cada vez mais gregário vários rincões do planeta. Fez-se então necessário o surgimento de tecnologias que permitissem a convivência de pessoas em urbanizações, devido às necessidade de higiene, conforto, estética, e muitas vezes de proteção contra invasões, e instalava-se assim a FUNÇÃO PENSAMENTO na humanidade.

Com ela o ser humano pode ser capaz de fabricar incríveis recursos para implementar deslocamentos com velocidades cada vez maiores, comunicar-se com mais facilidade e eficiência, e criar meios de difundir o conhecimento, que foi se tornando cada vez maior, e mais internacional. No meio deste desenvolvimento, os indivíduos foram ficando com tal orgulho de sua capacidade dirigida cada vez mais para uma industrialização generalizada, e a consequência foi a falta de valorização dos recursos naturais. De certo modo, uma perda de raízes. O PENSAMENTO foi se tornando INFLACIONADO, e isto resultou em um modo de vida inteiramente competitivo. A questão do possuir e tudo que se relaciona com o poder, passou a ser a ordem do dia. Os dias sem ordem começaram a ser cotidianos, pois os pódios passaram a ser o que de mais importante há, e o planeta transformou-se numa pista de corrida desenfreada. São muitas: corrida armamentista, corrida de capitais, corrida de concorrência, corrida para a sobrevivência. Afinal o PENSAMENTO é rápido, “*ele voa*”, diz a expressão popular. Sendo o pódio o ponto a ser atingido, com o tempo, qualquer maneira de se chegar lá passou a ser válida. O ser humano passou a se comportar de modo irracional, dando clara demonstração do que é um PENSAMENTO INFLACIONADO, sem o poder de ser ao menos sensato. Deste modo constituíram-se muitos impasses, ao ponto da existência humana ficar seriamente ameaçada.

Começaram a aparecer por toda a parte sinais de que esta ordem estava “esclerosada”, tudo que até a quarta década deste século XX parecia sólido, começou a ser questionado, torres de princípios começaram a ruir, pois suas estruturas não resistiram a um olhar humanizador, um olhar ético. Foram as cartas da Anistia Internacional, foram os barcos dos solitários, protestando contra a insensatez dos artefatos nucleares que deixam lixo na

atmosfera por milhares de anos. Foram as preces dos meditantes silentes, foram tantos os anônimos, que um som começou a se fazer ouvir, era uma melodia, era a FUNÇÃO SENTIMENTO dando seu tom com novos compassos de vida.

Esta dissertação propõe um olhar sobre o momento que estamos passando, lança um ânimo sobre o que podemos esperar da espécie humana, tendo em vista que as crises são graves. E a mídia muito tem contribuído para pôr em relevo o que acontece de pior, criando um clima de desesperança, e mesmo depressão, o que é trágico para todos, sobretudo para os jovens, a quem nada podemos fazer de pior que amputar-lhes o sonho de um futuro melhor.

Esta maneira de focar a história humana tem importância para a pedagogia, pois aquilo que um educador entrega como modelo de sociedade para a criança, ela tenderá a assimilar e mesmo copiar. A assimilação de determinados tipos, através do mecanismo de projeção em certas figuras de liderança, no percurso do homem sobre a terra, não são muito dignificantes. Precisamos lembrar que todas as possibilidades arquetípicas estão na criança, dispostas a serem ativadas. Pelo que nos demonstra a obra pedagógica de Steiner, muito do aprendizado no ser humano continua a ser por cópia do modelo.

Ao refletirmos sobre os problemas dramáticos que nos tomam os dias, é necessário revermos qual história humana queremos continuar a repetir, e que ciclo de vida poderemos vir a viver. Portanto, que arquétipos queremos ver ativados no desenvolvimento do caráter dos jovens.

No meu ver este é um ponto importante no ensino para a paz, permitindo que exista um sonho palpável de transformação do mundo a partir da contribuição pessoal. Quando os adolescentes puderem conhecer ao máximo as condições necessárias para tornarem-se “pais” de uma nova civilização, estaremos então dando a eles não só o direito ao sonho, que lhes tem sido solapado pelas ameaças beligerantes, mas também a responsabilidade de cuidarem de suas mentes e de seus corpos. Desenvolverão a responsabilidade de viver uma melhor qualidade de relacionamento. Isto já é pôr em evidência um papel importante no desabrochar da FUNÇÃO SENTIMENTO.

Uma vez que estes jovens se envolvam no afã de se tornarem mais conscientes, as propostas de fuga da realidade parecerão banais. Combater com repressão tendências destrutivas, numa sociedade que tem evidências da exaltação da destruição por toda parte, tende ao fracasso. Só uma proposta criativa e amorosa fará da inspiração o melhor dos mestres.

Os jovens de hoje, uma vez adultos responsáveis, serão educadores de filhos concebidos com consciência. O ato de conceber um filho não poder ser “casual”, já é um começo. O jovem precisa conhecer a importância de sua psique sobre seus filhos. Precisa cuidar do que vive, e do que deixa de viver. Os descuidos da inconsciência do que os pais deixam de viver, redundam em problemas para a criança, seja na sua vida onírica, seja no seu desenvolvimento de personalidade.

A educação escolar precisa ser voltada para o desenvolvimento do indivíduo, e para tanto o educador precisa de laboriosa e complexa formação, que começa por ele mesmo.

A idéia de Steiner, de um mesmo professor por 8 anos para os alunos, não só fundamenta a transdisciplinaridade, mas também humaniza o aluno, que deixa de ser um número nas estatísticas, e passa a ser reconhecido como alguém que possui sua própria estrutura, com complexos, que precisam ser de algum modo vistos pelo educador, com o fito de desencorajá-los. Além de considerar as tendências ARQUETÍPICAS, que precisam ora ser amainadas, ora ser exaltadas, como a passagem do herói do adolescente, para fazer de um menino um homem. Os rituais do feminino, que fortalecem a estrutura adulta de uma mulher que tem cuidado consigo mesma, além da aparência, pois sabe de sua importância como ser humano que um dia gestará outro ser humano que criará uma civilização nova.

Pelos estudos expostos sabemos que já existem seres humanos que nasceram seguindo estes modelos de concepção acolhedora e gestação amorosa, que tiveram um nascimento harmonioso, e depois seus pais foram procurar escolas que lhes transmitissem um ensino com ênfase no desenvolvimento da personalidade de cada um, como um todo.

É claro que todas as pedagogias que existem hoje ainda precisam de se sofisticar no âmbito do SENTIMENTO, a começar pelo professor que passa a ser o expoente fundamental da sociedade, pois ele é seu grande construtor. Ele precisará não só das reciclagens técnicas, mas também precisará manter práticas de autoconhecimento. No estado atual o professor se ocupa de passar informação como sinônimo de eficiência, ou outras metas que redundam em ensinar para se ser mais um numa máquina amorfa e desordenada, onde o próprio praticante do magistério marca seus alunos mais por seus complexos do que pela atitude de implementador do melhor

potencial que seus alunos possuem. Aqui todos colecionam suas histórias dos estranhos indivíduos que viram à frente dos quadros-negros.

Uma educação precisa levar em consideração os tipos psicológicos dos alunos, e quais são os melhores recursos de aprendizagem para tais diferenças. Hoje, em geral, o valor dado para o aluno que se enquadra por ter como FUNÇÃO principal o PENSAMENTO, para onde em geral o ensino está voltado, exclui que os indivíduos dos outros tipos sejam reconhecidos como capazes ou talentosos.

É preciso que a educação deixe de ser esta geralmente amnésica experiência, pois muitos de nós ao olharmos para trás lembramos do que marcou, como sendo algo ligado a alguma experiência que tocou a emoção. É fundamental considerar a emoção como parte importante do processo de aprendizagem.

A escola pode ser a primeira das grandes experiências de fraternidade do futuro cidadão do mundo. Ela hoje precisa começar a ensinar aos jovens a possibilidade que têm de doarem para o planeta novas civilizações mais harmônicas. E mais adiante ela desenvolverá pedagogias para o SENTIMENTO, buscando o que se tem, aperfeiçoando mais, pois estamos no começo. Sequer temos uma geração inteira nascida de modo diferente, com certeza, na medida em que nasçam os próprios alunos, uma vez educadores, aperfeiçoarão as pedagogias, visto que ainda todas as que possamos pensar, ainda estão um tanto contaminadas com o PENSAMENTO colado a elas de algum modo. Podemos imaginar que tomando os cuidados de direção que nesta dissertação sugiro, nascerão seres menos violentos, mais saudáveis e também mais sensíveis. Formarão uma

“nova” humanidade, formada por seres que carinhosamente denominei de “*homo sapiens sapiens frater*”.

REFERÊNCIAS

AÏVANHOV, Omraam Mikhaël. **Une Education qui Commence Avant la Naissance**. Fréjus: Editios Prosveta, 1996, 158 p.

ALBAGLI, Fernando. **Tudo Sobre o Oscar – de 1927 a 1990**. Rio de Janeiro:, Editora Brasill-América, 1992,350 p.

ALEXANDER, Franz G. **História da Psiquiatria**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural S. A., 1980, 573 p.

ALIGHIERI, Dante. */rcul.* **A Divina Comédia**. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1923, 507 p.

ALLAN, Tony. */rcul.* **França. In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro: 1993, Abril Livros Ltda., 160 p.

ALLENDE, Isabel. */rcul.* **A Casa dos Espíritos**. Rio de Janeiro, 1994, Editora Bertrand Brasil, 469 p.

ALMEIDA, Nilma Figueiredo. **O Pensamento Junguiano como Modelo para o Imaginário: Base Epistemológica para a questão da dicotomia entre a Emoção e a Cognição**, 2002, 171 p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação / I.P. / Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ALONSO-FERNANDEZ, F. **Psicologia do Terrorismo**. Barcelona: Salvat Editores, S.A., 1986, 388 p.

ARRUDA, José Jobson de A. **História Antiga e Medieval**. São Paulo: Editora Ática, 1989, 528 p.

AUBOYER, Jeaninne & Goepper */rcul.* **Mundo Oriental In: O Mundo da Arte**, Rio de Janeiro, Ecyropaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1978, 175 p.

ASIMOV, I. **Cronologia das Ciências e das Descobertas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, 1060 p.

BANDEIRA, Manoel. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1983, 725 p.

BATISTA FILHO, Zito. **A Ópera**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1987, 705 p.

BAUDELAIRE, Charles. bilíngüe. **As Flores do Mal**. Rio de Janeiro: 1985, Editora Nova Fronteira, 658 p.

BEARDSWORTH, Patricia. / *rcul*. **Wordl Mythology – Larousse**. New York: Gallery Books, 1965, 560 p.

BECKER, Idel. / *rcul*. **Pequena História da Civilização Ocidental**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972, 540 p.

BEZERRA, Carla Maria Portella Dias. **Psicologia Pré-Natal: Um Trabalho de Prevenção no Relacionamento Mãe-Filho**. 1996, 83 p. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, 437 p.

BOFF, Leonardo. **O Despertar da Águia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, 174 p.

BURNS, Edward McNall; LERNER, Robert E; MEACHAM, Standish. / *rcul*. **História da Civilização Ocidental Vol 1**. São Paulo: Editora Globo, 1990, 401 p.

CARLGREN, Frans. **Education Towards Freedom**. East Grinstead: Lanthorn Press, 1981, 207 p.

CAVALCANTE, Mario Jorge de Medeiros; SILVA, Jorge Aline; SILVA, Maira Raquel Fernandes; MONTEIRO. **Educação Ambiental, Desafio do Século: um Apelo Ético**. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Milênio, 1998, 356 p.

CAVALCANTI, Carlos. **História das Artes**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1978, 356 p.

CHAMBERLAIN, David. **Babies Remember Birth**. Nova York: 1990, Ballantines Book, 211 p.

_____. **The Mind of Your Newborn Baby**. Berkeley: North Atlantic Books, 1998, 232 p.

CORDEIRO, Vera. **Untitled Document**. Disponível em: <http://www.saude-crianca.org.br/>. Acesso em: 17 mai. 2003

COTRELL, John. /*rcul*. **Escandinávia. In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro, Abril Livros, 1992, 160 p.

CREMA, Roberto. **Introdução à Visão Holística**. São Paulo: Summus, 133p.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Atica, 1998, 737 p.

DAMÁSIO, Antonio R./*rcul*. **O Erro de Descartes**. – Emoção, Razão e o Cérebro Humano, Companhia da Letras, 1998, 330 p.

DANTAS, Heloysa, OLIVEIRA, Martha Kohl de, TAILLE, Yves de la. **Piaget, Vigotsky, Wallon**. São Paulo: 1992, Summus Editorial, 117 p.

DATATERRA. **A Carta da Terra. (UNESCO)**. Disponível em: <http://www.dataterra.org.br>. Acesso em 8 fev. 2003.

Di BIASE, Francisco; Rocha, Mário Sérgio F. da. **Caminhos da Cura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, 118 p.

DICKSON, Emily. /*rcul*. **Emily Dickinson uma centena de poemas**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1985, 245 p.

DIGARTANI, John Louis. /*rcul*. **Convite à Ópera**. Rio de Janeiro, 1988, Jorge Zahar Editor, 268 p.

EINSTEIN, Albert. /*rcul*. **Como Vejo o Mundo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, 213 p.

_____. /*rcul*. **Escritos da Maturidade**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984, 214-215 1982, 637 p.

ELIOT, Thomas .Stearns. /*rcul* .**Poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1963, 313 p.

EMOTO, Masaru. **The Message from Water**. Tokyo: 2000, Hado Kyoikusha, 146 p.

_____. **The Message from Water vol 2** Tokyo: 2002, Hado Kyoikusha, 145 p.

EVANS, Richard I. /*rcul*. **Entrevistas com Jung e as Reações de Ernest Jones**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1964, 199 p.

FINSER, Torin M /*rcul*. **School as a Journay**. New York: Anthroposophic Press, 1994, 256 p.

FIRMENICH. **Renascer recebe IV Prêmio Bem Eficiente**. Disponível em: <http://www.melhores.com.br/> . Acesso em: 17 mai. 2003.

FLAUBERT, Gustave. /*rcul*. **Madame Bovary**. São Paulo: 1979, Abril Cultural, 259 p.

FLEMING, Fergus /*rcul*. **Campanhas Sagradas**. Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural de TIME – LIVROS, 1990, 175 p.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Democracia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002, 158 p.

FROMM, Erick. /*rcul*. **Anatomia da Destrutividade Humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973, 655 p.

_____. /*rcul*. **A Sobrevivência da Humanidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962, 224 p.

GAILLARD, Christian. **Le Misée Imaginaire de Carl Gustav Jung**. Paris: 1998, Éditions Srock, 238 p.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, 134 p.

GALWAY, James. /*rcul*. **A Música No Tempo**. São Paulo: 1987, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 388 p.

GARDNER, H. */rcul.* **Estruturas da Mente – A Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1994, 340 p.

GEOVOL. **Quantos Países Existem?**. Disponível em: <http://www.vol.eti.br/>. Acesso em 8 fev. 2003.

GRINBERG, Luis Paulo. **Jung – O Homem Criativo**. São Paulo: Editora FTD, 1997, 237 p.

GOITIA, Fernando Chueca. */rcul.* **Historia Geral da Arte – Arquitetura vol V**. Madrid: Ediciones del Prado, 1996, 107 p.

GOETHE, J. W. */rcul.* **Fausto, vol 1 e 2**. São Paulo: Martins Fontes, 1970, 385 p. e 152 p.

_____. */rcul.* **Poemas**. Coimbra: Centelha, 1986, 447 p.

_____. */rcul.* **Wether**. Lisboa: Guimarães Editores, 1986, 159 p.

GANDHI, Mahatma. */rcul.* **As Palavras de Gandhi**. Rio de Janeiro, Editora Record, 1982, 111 p.

GATT, Giuseppe. **Turner**. Londres: Thames and Hudson Ltd., 1968, 38 p.

GORDON, Richard. */rcul.* **A Assustadora História da Medicina**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, 223 p.

HELLMAN, Christopher. do Center for Defense Information. **Last of the Big Time Spenders: U.S. Military Budget Still the World's Largest, and Growing**. Disponível em <http://www.cdi.org/>. Acesso em 3/2/2003.

HINDLEY, Geoffrey. */rcul.* **O Grande Livro da Arte**. Lisboa: Editorial Verbo, 1982. 318 p.

HOPKINS, Antony. **Great Composers**. New Jersey: Chartwell Books Inc., 1989, 464 p.

HOUAISS, Antonio. **Enciclopédia Mirador Internacional vol 7**. São Paulo: Encyclopaedia Britanica do Brasil Publicações Ltda., 1980, 3069 - 3672 p. (a)

_____. **Enciclopédia Mirador Internacional vol 11**. São Paulo: Encyclopaedia Britanica do Brasil Publicações Ltda., 1980, 5517–6120 p. (b)

_____. **Enciclopédia Mirador Internacional vol 12**. São Paulo: Encyclopaedia Britanica do Brasil Publicações Ltda., 1980, 6121 – 6724 p. (c)

_____. **Enciclopédia Mirador Internacional vol 17**. São Paulo: Encyclopaedia Britanica do Brasil Publicações Ltda., 1980, 9157 – 9760 p. (d)

HUGHES, Candice/ Associated Press. **Greenpace International Founder dies in car crash**. Disponível em:
<http://www.detnews.com/2001/obituaries/>.
Acesso em 17 mai. 2003.

HUGO, Vitor. */rcul.* **Obras de Vítor Hugo. vol. 1**. Porto: Lelo & Irmãos Editores, 1969, 1774 p. (a)

HUGO, Vitor. */rcul.* **Obras de Vítor Hugo. Vol. 2**. Porto: Lelo & Irmãos Editores, 1969, 1960 p.(b)

INSTITUTO FRONESIS. **Pronunciamento Latino-Americano por Uma “Educação para Todos”**. Disponível em <http://www.fronesis.org/>. Acesso em 14 fev. 2003.

ISACS, Alan & MARTIN, Elizabeth. */rcul. Dicionário da Música*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985, 424 p.

JANSON, H. W. */rcul. História da Arte*. Lisboa: Fundação Alouste Gulbekian, 1989, 824 p.

JB online. **Milhões vão às Ruas contra Bush**. Disponível em jbonline.terra.com.br/jb/internacional/ .Acesso em 16 de fev. 2003

JUNG, Carl Gustav. */rcul. A Dinâmica do Inconsciente. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII*. Petrópolis: Editora Vozes, 1984, 588 p.

_____. */rcul. A Vida Simbólica. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. XVIII/I*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, 472 p.

_____. */rcul. A Prática da Psicoterapia. In: Obras Completas de C. G. Jung vol XVI/1*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, 128 p. (a)

_____. */rcul. Civilization in Transition In: Collected Works of C. G. Jung, vol. 10*. Princeton: Princeton University Press, 1978, 609 p.

_____. */rcul. Estudos Sobre Psicologia Analítica In: Obras Completas de C. G. Jung, vol VII*. Petrópolis: Editora Vozes, 1981, 310 p. (b)

_____. */rcul. Memórias Sonhos e Reflexão*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1963, 300 p.

_____/rcul. **O Desenvolvimento da Personalidade. In: Obras Completas de C. G. Jung.** Petrópolis: Editora Vozes, 1981, 223 p. (c)

_____/rcul. **O Homem à Descoberta de Sua Alma.** Porto:, Livraria Tavares, 1975, 425 p.

_____/rcul. **Psicologia e Alquimia. In: Obras Completas de C. G. Jung.** Petrópolis: Editora Vozes, 1991, 566 p.

_____/rcul. **Símbolos da Transformação. In: Obras Completas de C. G. Jung vol V.** Petrópolis: Editora Vozes, 1986, 544 p.

_____/rcul. **Tipos Psicológicos.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, 567 p.(d)

KARR-MORSE, Robin & WILEY, Meredith. **Tracing the Roots of Violence.** New York: The Atlantic Monthly Press, 1997, 364 p.

KEMPT, Roswitha. /rcul. **A Poesia Alemã.** São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981, 123 p.

KEYES Jr., KEN. /rcul. **O Centésimo Macaco - O Despertar da Consciência Ecológica.** São Paulo: Editora Pensamento, 1995, 174 p.

KLAUSS. Marshall, H. & KLAUSS./rcul. **La Magie du Nouveau-né.** Paris: Editions Albin Michel, 2000, 144 p.

KOHN. Alfie. **The Schools Our Children Deserve.** Boston: Houghton Mifflin Company, 1999, 344 p.

KOESTLER, Arthur. **O Homem e o Universo**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda., 1989, 426 p.

KOOGAN, A; WAISSMAN, S; LORCH, P. /*rcul*. **Enciclopédia Delta Larousse, tomo 1**, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1962, 3329 – 3872 p. (a)

_____. /*rcul*. **Enciclopédia Delta Larousse, tomo 7**, Rio de Janeiro: Editora Delta, 1962, 3329 – 3872 p. (b)

LAGARDE, André & MICHARD, Laurent. **XIX^e Siècle – Les Grands Auteurs Français du Programme. vol. V**. Paris: 1968, Les Éditions Bordas a Paris, 576 p.

LANDMINE MONITOR. **Apoio para Sobreviventes de Minas Terrestres**. Disponível em <http://www.icbl.org/lm/1999>. Acesso em 8 fev. 2003.

LANS, Rudolf. /*rcul*. **A Pedagogia Waldorf**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1990, 180 p.

LEANDRO, Jair Jorge. **Queijos**. São Paulo: 1987, Summus Editorial.

LANGDON, Helen. **Claude Lorrain**. Oxford: 1989, Phaidon Press Limited, 159 p.

LOPERA, José Alvarez; ANDRADE, José Manuel Pita; ANTÓN, Pedro *et al.*/*rcul*. **Pintura vol. IV. In: História Geral da Arte**. Madrid: Ediciones del Prado, 1995, 97 p. (a)

LOPERA, José Alvarez; ANDRADE, José Manuel Pita; ANTÓN, Pedro *et al.*/*rcul*. **Pintura vol. V. In: História Geral da Arte**. Madrid: Ediciones del Prado, 1995, 118 p. (b)

LOWRY, Bates. */rcul.* **O Mundo dos Museus – Galeria Nacional de Washington.** Rio de Janeiro: 1967, Editora Codex Ltd., 80 p.

LUZES, Eleanor Madruga. **Boletim da ONG Pensamento Ecológico – outubro.** Rio de Janeiro, out. 2001 (a)

_____. **O Feminino como Arauto do Sentimento: A Nova Função no Mundo.** Arquivos Brasileiros de Psicologia, 53 (1): 58-71, 2001.(b)

MacDONALD, Fiona. */rcul.* **Albert Einstein.** São Paulo: 1993, Editora Globo, 64 p.

MALUF, Ued. **Cultura e Mosaico Introdução à Teoria das Estranhezas.** Rio de Janeiro: Booklink Publicações Ltda, 2002, 169 p.

MARNIE, Eve. */rcul.* **O Início da Vida.** São Paulo: Editora Nova Cultural: 1989, 134 p.

McGUIRRE, William; HULL, R.F. C. */rcul.* **C. G. JUNG: Entrevistas e Encontros.** São Paulo: Editora Cultrix, 1977, 407 p.

MÉDICOS SEM FRONTEIRA. **História.** Disponível em: <http://www.msf.org.br/> . Acesso em 17 mai. 2003.

MEIER, Carl Alfred. **Personality.** Einsiedeln: Daimon, 1995, p. 189.

MIDDLETON, Chris. */rcul.* **A Aurora da Humanidade In: História em Revista.** Rio de Janeiro, 1993, 176 p.

MONTI, Franco. **Les Arts Primitifs. In: CHEFS D'ŒVRE de l'art** Milano: Librarie Hachette, 1964, de 1193 a 1416 p.

MOOKERJEE, Ajit. **Ritual Art of India**. Londres: Thames and Hudson Ltd, 1985, 176 p.

MOORE, Gilliam./*rcul*. **Grã-Bretanha. In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro: 1992, Abril Livros, 160 p.

MOORE, Gilliam./*rcul*. **Itália. In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro: 1993, Abril Livros, 160 p.

MORIN, Edgar./*rcul*. **A Religação dos Saberes**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1999, 583 p.

_____/*rcul*. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 2000, 344 p.(a)

_____/*rcul*. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2000, 118 p. (b)

_____/*rcul*. **O Enigma do Homem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar (cedido ao Círculo do Livro), 1973, 240 p. (a)

_____. /*rcul*. **O Paradigma Perdido**. Sintra: Publicações Europa-América, LTDA., 1973 , 222 p.(b)

NATHANIELSZ, Peter W. **Life in the Womb – The Origin of Health and Disease**. New York: Promethean Press, 1999, 363 p.

NEUMANN, Eric. /*rcul*. **História da Origem da Consciência**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995, 323 p.

NEUMANN, Eric. */rcul.* **The Great Mother**. Princeton: Princeton University Press, 1974, 185 p.

NIETZSCHE, Friedrich. */rcul.* **Assim Falou Zarathustra**. Sintra: Publicações Europa-América, 1978, 328 p.

_____. */rcul.* **Crepúsculo dos Deuses**. Rio de Janeiro: Humus Editora, 1984, 113 p.

_____. */rcul.* **Poemas**. Coimbra: Centelha, 1986, 307 p.

NON-PROFITS AND NON GOVERNMENTAL ORGANIZATION. **In Asia, in Europe, in Africa, in South America, in Central America, in the Caribbean**. Disponível em <http://www.interconnection.org/ngo/>. Acesso em: 17 mai. 2003

ODENT, Michel. */rcul.* **A Cientificação do Amor**. Florianópolis: 2002, Editora Saint Germain, 138 p.(a)

_____. */rcul.* **O Camponês e a Parteira**. Rio de Janeiro: Editora Ground Ltda., 2002 189 p. (b)

_____. */rcul.* **The Nature of and Breast-feeding**. London: Bergin & Garvey, 1992, 140 p.

PAHLEN, Kurt. */rcul.* **Nova História Universal da Música**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1991, 542 p.

PASQUAL, Antoni & PIQUÉ. */rcul.* **Dicionários Biográfico de Artistas vol II. In: História Geral da Arte**. Madrid: Edições Prado, 1996, 112 p.

PENGUIN & ALIANZA. */rcul.* **Diccionario de Literatura, vol 1.** Madrid: Alianza Editorial, 1971, 882 p.

_____. */rcul.* **Diccionario de Literatura, vol 2.** Madrid: Alianza Editorial, 1971, 835 p.

PEREIRA, Geraldo Jordão. **Monet – O Mestre do Impressionismo.** Rio de Janeiro: 1997, Editora Salamandra, 123 p.

PHILLIPS, Ellen. */rcul.* **Evocação dos Espíritos In: Mistérios do Desconhecido.** Rio de Janeiro: 1993, 160 p.

PIAGET, Jean. */rcul.* **A Formação do Símbolo na Criança.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, 370 p.

_____. */rcul.* **Seis Estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1967, 146 p.

PRIGOGINE, Ilya, STENGERS, Isabelle. */rcul.* **A Nova Aliança.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984, 247 p.

PRIVAT, Edmond. */rcul.* **A Vida de Gandhi.** São Paulo: Editora Pensamento, 1993, 197 p.

PYM, John. **Time Out – Film Guide.** London: 2002, 1538 p.

QUADRADO, Adriano; CARREIRA, Denise; NASCIMENTO, Iracema. **A Educação do Mundo – Fórum Mídia e Educação, 2001.** Disponível em http://www.andi.org.br/midia_edu/artigos/edumund.html. Acesso em 8 fev. 2003.

REGO, Teresa Cristina. **VYGOTSKY – Uma Perspectiva Histórico Cultural da Educação.** Petrópolis: Editora Vozes, 1998, 138 p.

RILKE, Ranier Maria. */rcul.* **Poemas vol 1 e 2.** Coimbra: Atlântida Editora Coimbra, 1967, 265 p. e 301 p.

_____. */rcul.* **Poemas e Cartas a um Jovem Poeta.** Rio de Janeiro: Ediouro S.A., 1985, 145 p.

_____. */rcul.* **Sonetos a Orfeu – Elegias de Duíno.** Petrópolis. Edditora Vozes, 1989, 207 p.

ROBINSON, A. **The Story of Writing.** London: Thames and Hudson, 1995, 224 p.

RONAN, Colin A. */rcul.* **Da Renascença à Revolução Científica In: vol. III História Ilustrada.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, 161 p.

SADOUL, George. */rcul.* **Dicionário de Filmes.** Porto Alegre: L&PM Editores S/A., 1993, 487 p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **Le Petit Prince.** Paris: 1946, Gallimard, 93 p.

_____. *rcul.* **Cidadela.** Lisboa: 1973, Editorial Aster, LDA., 410 p.

SETTE, Luiz Paulo Lindenberg. **A Revolução Samurai** São Paulo: Massao Ohno Editor – Aliança Cultural Brasil- Japão, 1991, 155 p.

SHAKESPEARE, William. */rcul.* **Obra Completa , Vol. I, II, III.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A., 1989, 872 p., 1042 p., 959 p.

SILVA, Nilton Sousa da. **O Mito em Ernest Cassirer e Carl Gustav Jung – Uma Compreensão do Ser Humano**. Rio de Janeiro: Litteris Editora Ltda., 2002, 112 p.

SKÖNS, Elisabeth; LOOSE-WEINTRAUBE, Evamaria; OMITOOGUN; *et al.* **SIPRI Year Book**, Disponível em <http://www.sipre.se> Acesso em 8 fev. 2003.

SKORNECK, Carolyn/ Associated Press Writer. **Study: Number of Conflicts Declines**. Disponível em http://www.lightwatcher.com/old_lightbytes/conflicts_decline.html, Acesso em 8 fev. 2003.

SOKAL, Alan & BRICMONT. */rcul.* **Imposturas Intelectuais. O Abuso da Ciência pelos Filósofos Pós-Modernos**. Rio de Janeiro: 1999, 316 p.

STEINER, Rudolf. */rcul.* **A Arte da Educação II Metodologia e Didática no Ensino Waldorf**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1992, 156 p.

_____. */rcul.* **Educação na Puberdade – A Atuação Artística no Ensino. – Textos Escolhidos**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1990, 45 p.

THOMSON, David S. & COLLINS, Sally. */rcul.* **Japão In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro, Editora Cidade Cultural, 1990, 160 p.

THOMSON, David S., JORDAN, Jane Speicher, HICKS, Jim. */rcul.* **Estados Unidos In: Nações do Mundo**. Rio de Janeiro, Editora Cidade Cultural, 1990, 160 p.

TARNAS, Richard. */rcul.* **A Epopéia do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro: Bertrad Brasil, 1999, 584 p.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Editora Ática, 2002, 148 p.

TOYNBEE, Arnold. */rcul.* **A Humanidade e a Mãe-Terra – Uma História Narrativa do Mundo.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, 772 p.

_____. **A Study of History Illustrated.** New York: Weathervane Books, 1972, 576 p.

_____. */rcul.* **A Sociedade do Futuro.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, 169 p.

TRANSCHEFORT, Françoise-René. */rcul.* **Guia da Música Sinfônica.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, 942 p.

TULLEKEN, Kit van */rcul.* **Alemanha. In: Nações do Mundo.** Rio de Janeiro: Abril Livros, 1991, 160 p.

TURNER, Victor W. **O Processo Ritual.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1974, 248 p.

UNESCO BRASIL. **O Mandato da UNESCO.** Disponível em http://www.unesco.org.br/nomundo/mu_mandato.html. Acesso em 0/2/2003.

UNITED NATIONS POPLATION FUND (UNFPA). **The State of World Population 2001.** Disponível em <http://www.unfpa.org/>. Acesso em 8 fev. 2003. (a)

_____. **State of World Population 2002.** Disponível em <http://www.unfa.org/>. Acesso em 8 fev. 2003. (b)

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO. **UCB faz parte do programa da UNESCO.** Disponível em _____ em

<http://www.castelobranco.br/acontece/042000261430.htm>. Acesso em 8 fev. 2003.

UNIVERSITIES FOR PEACE. **Listing of Universities Offering Peace Related Programs.** Disponível em <http://www.dm.net.1b/tazdevil/2universi.html>. Acesso em 8 fev. 2003.

UNITED NATIONS ENVIRONMET PROGRAME (UNEP). **Agenda 21.** Disponível em <http://www.unep.org>.. Acesso em 1 fev. 2003.

VAUGHAN, Cristopher. **How Life Begins.** New York, Batam Doubleday Publishing Group, Inc., 1996, 290 p.

VERNY, Thomas. */rcul.* **A Vida Secreta da Criança Antes de Nascer.** São Paulo: C. J. Salmi, 1989, 214 p.

VERNY, Thomas R.; WEINTRAUS, Pamela. **Tomorrow's Baby.** New York: Simon & Schuster, 2002, 53 p., 336p.

VILAIN, Jacques. */rcul.* **Auguste Rodin.** Rio de Janeiro: 1995, Livraria Francisco Alves, 140 p.

VIGOTSKI, L.S. */rcul.* **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998

VON FRANZ, Marie Louise. */rcul.* **C. G. Jung – Seu Mito em Sua Época.** São Paulo: 1997, 281 p.

VON FRANZ, Marie Louise & HILLMAN, James */rcul.* **A Tipologia de Jung.** São Paulo: Editora Cultrix, 1995, 219 p.

WALTER, Angelo. **Caspar David Friederich**. Berlin: Henschelverlag Kust und Gesellschaft, 1983, 72 p.

WALKER, John. /*rcul*. **Galeria Nacional de Washington. In: O Mundo dos Museus**. Rio de Janeiro: Editora Codex Ltda., 1967, 79 p

WASSERMAN, Jack. /*rcul*. **Leonardo da Vinci**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1994, 128 p.

WEATHERFORD, Jack. /*rcul*. **A História do Dinheiro**. São Paulo: Negócio Editora Ltda., 2000, 300 p.

WEIL, Pierre. **A Arte de Viver em Paz**. São Paulo: Editora Gente, 1990, 93 p.

WILLIAM, Joseph Mallard. /*rcul*. **Turner**: Japão: Ars Mundi, 1990, 126 p.

WILDE, Oscar. /*rcul*. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora Aguilar S.A, 1986, 1470 p.

YAMASHIRO, José. **História da Cultura Japonesa**. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural Ltda., 1986, 234 p.

ZIEGLER, Jean. **Os Vivos e a Morte**. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1977, 320 p.

ZIERER, Otto. /*rcul*. **Japão In: Pequena História das Grandes Nações**. São Paulo: Linoart Ltda (cedido ao Círculo do Livro), 1988, 124 p.

ZOLA, Emilio. /*rcul*. **Germinal**. Lisboa: 1914, Editora Guimarães & C.^a – Editores, 232 p.

